

INDICADORES IBGE

Novembro de 1990
volume 9
número 11
publicação mensal

INDICADORES IBGE
INDICADORES IBGE
INDICADORES IBG
INDICADORES IBG
INDICADORES IBG
INDICADORES IBG
INDICADORES IB
INDICADORES IB
INDICADORES IB
INDICADORES

Presidente da República
Fernando Collor de Mello

Ministra da Economia, Fazenda e Planejamento
Zélia M. Cardoso de Mello

**FUNDAÇÃO INSTITUTO
BRASILEIRO DE GEOGRAFIA
E ESTATÍSTICA – IBGE**

Presidente
Eduardo Augusto Guimarães

Diretor-Geral
José Guilherme Almeida dos Reis

Diretor de Pesquisas
Lenildo Fernandes Silva

Diretor de Geociências
Mauro Pereira de Mello

Diretor de Informática
Nuno Duarte da Costa Bittencourt

INDICADORES IBGE

Edição
Núcleo de Documentação da Diretoria de Pesquisas

Para informações, dirigir-se aos seguintes Departamentos, nos respectivos endereços classificados por assunto:

– **Índices Nacionais de Preços ao Consumidor**

Índices de Preços (DESIP) – Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 13º andar, telefone: 248-9724

– **Pesquisa Mensal de Emprego**

Emprego e Rendimento (DEREN) - Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 10º andar, telefone: 284-6539

– **Indicadores Conjunturais da Indústria**

Indústria (DEIND) – Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 7º andar, telefone: 284-8840 – Pesquisa Industrial Mensal -- PIM

– **Custos e Índices da Construção Civil**

Índices de Preços (DESIP) – Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 13º andar, telefone: 264-3547, CEP 20 941, Mangueira, Rio de Janeiro, RJ, ou à Delegacia do IBGE de sua capital

– **Estatística da Produção Agrícola Anual**

Agropecuária (DEAGRO) – Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 9º andar, telefone: 284-8131

EQUIPE DE REDAÇÃO

DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA

**Redatores: Bruno Marcus Rangel Pessanha
Elvio Valente
Jairo Augusto Silva
Terezinha Iza Cezar**

DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO

Redator: Shyrlene Ramos

DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS

**Redatores: Eulina Nunes dos Santos
Luiz Fernando da Oliveira Fonseca
Vânia Maria Carelli Prata
Francisco José Pereira**

DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

**Redatores: Isabella Chataignier
José Leonídio M. Souza Santos
Maria Tereza Reis Ribeiro
Myrian Thereza Ferreira
Nilo Lopes de Macedo
Paulo Gonzaga M. de Carvalho
Rosângela Carnevale
Solange Maria Faria Silva
Tereza Cristina Machado Mendes
Colaboradores: Carlos Alberto C. da Fonseca
Heloisa de V. Medina**

Informações

**Centro de Documentação e Disseminação de Informações
Rua General Canabarro, 666 – Maracanã
CEP 20 271 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (021) 234-2043 R. 296 e 298**

Distribuição e Comercialização

**Divisão de Comercialização e Promoção
Rua General Canabarro, 666 – Bl. B – Maracanã
CEP 20 271 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (021) 234-2043 R. 276**

SEÇÕES

Índices de Preços ao Consumidor

Pesquisa Mensal de Emprego – PME

Indicadores Conjunturais da Indústria

Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – SINAPI

Estatística da Produção Agrícola Anual

ÍNDICES DE PREÇOS AO CONSUMIDOR



IBGE

RESULTADOS DO INPC e IPCA

OUTUBRO DE 1990

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor - INPC apresentou no mês de outubro de 1990 variação de 14,43% e o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA variou 14,36%.

INDICES	Nº Índice mar86=100	Acumulados (%)			
		3 Meses	6 Meses	No Ano	12 Meses
INPC	1532274,86	46,67	97,89	1109,76	2617,19
IPCA	1716991,46	47,69	100,51	1143,92	2685,74



IBGE

INDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR - INPC

OUTUBRO DE 1990

1- O Índice Geral

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor - INPC do mês de outubro de 1990 situou-se em 14,43%, pouco superior à variação de 14,26% de setembro.

O índice foi calculado a partir da comparação dos preços médios vigentes no período de 29 de setembro a 30 de outubro de 1990 (referência) com os preços médios constatados no período de 31 de agosto a 28 de setembro de 1990 (base). Considerando os pontos médios da coleta, o INPC de outubro mediu o movimento de preços dos produtos e serviços consumidos pelas famílias com rendimento mensal entre 1 (um) e 8 (oito) salários mínimos no período compreendido entre 14 de setembro e 16 de outubro de 1990.

2- Os Produtos Alimentícios

Os alimentos apresentaram variação de 12,88%, inferior, portanto, à variação de 15,18% registrada no INPC de setembro em razão do comportamento dos preços dos seguintes produtos:

	setembro	outubro
carnes.....	34,59%	5,49%
pescado.....	17,10%	12,57%
carnes e peixes indust..	13,67%	8,34%
frango.....	27,91%	10,56%



IBGE

3- Os Produtos não Alimentícios

O INPC foi pressionado pelos produtos não alimentícios, cuja variação passou de 10,91% em setembro para 15,24% em outubro. Os principais destaques foram:

	setembro	outubro
aluguel residencial.....	13,17%	25,37%
roupas masculinas.....	14,10%	16,62%
roupas femininas.....	13,85%	16,37%
ônibus urbano.....	10,95%	17,17%
ônibus à distancia.....	11,34%	22,43%
produtos farmacêuticos..	23,96%	30,74%



IBGE

INPC - OUTUBRO DE 1990

PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES MENSAIS

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO SIMPLES	CONTRIBUIÇÃO ACUMULADA
Aluguel Residencial.....	25,37	1,40	1,40
Produtos Fm. Não-Duráveis.....	22,74	0,96	2,36
Onibus Urbano.....	17,17	0,79	3,15
Recreação.....	13,21	0,61	3,76
Calçados.....	14,97	0,57	4,33
Roupas Femininas.....	16,37	0,56	4,89
Roupas Masculinas.....	16,62	0,52	5,41
Arroz.....	35,69	0,47	5,88
Refeição em Restaurante	14,53	0,42	6,30
Bebidas.....	15,61	0,41	6,71
Leite e Derivados.....	12,47	0,37	7,08
Roupas Infantis.....	15,49	0,33	7,41
Serviços Pessoais.....	13,50	0,32	7,73
Educação.....	16,70	0,31	8,04
Panificados.....	14,45	0,31	8,35
Utensílios e Enfeites..	13,83	0,31	8,66
Serviços Médicos.....	18,03	0,30	8,96
Atendimento Médico.....	17,88	0,27	9,23
Frango.....	10,56	0,27	9,50
Carnes.....	5,49	0,26	9,76
<hr/>			
Itens Listados Acima	16,47	9,76	---
Demais Itens	11,46	4,67	---



IBGE

IPCA - OUTUBRO DE 1990

PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES MENSAIS

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO SIMPLES	CONTRIBUIÇÃO ACUMULADA
Aluguel Residencial.....	20,35	1,10	1,10
Recreação.....	14,82	1,07	2,17
Produtos Farmacêuticos..	30,40	0,76	2,93
Serviços Médicos.....	5,27	0,67	3,60
Roupas Femininas.....	18,33	0,66	4,26
Refeição em Restaurante	14,35	0,57	4,83
Roupas Masculinas.....	17,03	0,52	5,35
Calçados.....	14,71	0,50	5,85
Onibus Urbano.....	18,27	0,46	6,31
Educação.....	18,25	0,46	6,77
Serviços Pessoais.....	12,37	0,46	7,23
Atendimento Médico.....	17,33	0,44	7,67
Bebidas.....	16,20	0,31	7,98
Gasolina.....	14,82	0,31	8,29
Utensílios e Enfeites..	14,24	0,29	8,58
Arroz.....	38,30	0,28	8,86
Conserto de Automóveis..	13,41	0,28	9,14
Roupas Infantis.....	15,42	0,27	9,41
Leite e Derivados.....	11,77	0,27	9,68
Lanche em Restaurante..	15,57	0,23	9,91
Itens Listados Acima	17,01	9,91	---
Demais Itens	10,66	4,45	---



IBGE

INDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR - INPC - OUTUBRO/90
VARIACÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS (X) - POR REGIÃO METROPOLITANA E BRASIL

REG. METROPOLITANAS	GRUPO DE PRODUTOS							
	GERAL	ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS	HABITAÇÃO	ARTIGOS RESIDENCIA	VESTUÁRIO	TRANSPORTE COMUNICAÇÃO	SAUDE E_C PESSOAS	DESPESAS PESSOAIS
Rio de Janeiro	13,41	11,87	15,33	10,93	14,47	12,73	16,68	13,19
Porto Alegre	14,07	12,26	12,16	9,49	20,52	15,76	14,70	12,78
Belo Horizonte	14,24	12,84	12,51	10,12	18,82	10,71	20,36	16,48
Recife	13,46	13,88	12,04	10,65	14,44	6,09	17,85	14,43
São Paulo	16,08	13,19	23,10	10,03	16,86	17,07	19,57	14,01
Brasília	13,56	11,58	21,19	4,64	10,81	15,18	18,45	12,86
Belém	12,59	12,96	12,11	10,90	8,05	12,67	18,91	11,05
Fortaleza	13,28	12,58	16,05	11,04	11,91	14,59	16,28	12,29
Salvador	13,77	13,38	12,91	6,32	11,71	18,61	19,51	15,43
Curitiba	15,03	14,28	16,09	11,91	15,44	14,08	22,58	12,22
INPC	14,43	12,85	17,67	9,65	15,51	11,67	18,61	13,98

INDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO - IPCA - OUTUBRO/90
VARIACÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS (Z) - POR REGIÃO METROPOLITANA E BRASIL

REG. METROPOLITANAS	GRUPO DE PRODUTOS							
	GERAL	ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS	HABITAÇÃO	ARTIGOS RESIDENCIA	VESTUÁRIO	TRANSPORTE COMUNICAÇÃO	SAUDE E_C PESSOAS	DESPESAS PESSOAIS
Rio de Janeiro	13,48	11,47	12,37	11,71	16,96	12,57	16,68	14,45
Porto Alegre	13,77	12,20	11,57	8,81	20,16	13,99	13,58	13,38
Belo Horizonte	14,58	12,87	11,31	10,19	19,29	11,31	18,05	18,93
Recife	14,12	13,90	10,98	10,22	14,84	10,73	17,61	15,72
São Paulo	15,19	12,93	15,47	9,88	17,20	13,89	19,67	14,56
Brasília	13,52	11,48	21,14	4,69	9,53	14,46	17,38	14,18
Belém	12,57	13,34	11,90	11,47	8,29	10,71	18,52	11,43
Fortaleza	12,96	12,46	13,34	10,27	12,24	13,79	15,97	12,26
Salvador	14,19	12,71	16,04	5,69	11,86	17,26	17,81	16,23
Curitiba	14,60	14,17	13,15	12,16	15,98	13,43	20,98	12,38
IPCA	14,36	12,67	15,84	9,69	16,12	13,51	18,27	14,74



IBGE

VARIACOES MENSIS E ACUMULADAS - INPC

ANO	MÊS	N INDICE (mar86=100)	VARIACÃO (%)				
			No mês	3 meses	Semestral	No Ano	12 Meses
89	out	56391,86	38,76	151,98	384,64	774,23	1938,83
	nov	53724,97	48,47	180,99	516,74	1197,96	1566,98
	dez	126659,16	51,28	211,66	621,42	1863,56	1863,56
90	jan	213028,04	68,19	277,76	851,87	68,19	2337,64
	fev	370647,49	73,99	342,70	1143,55	192,63	3545,25
	mar	675245,60	82,18	433,12	1561,54	433,12	6170,92
	abr	774304,13	14,67	263,48	1273,08	511,33	6554,52
	mai	830905,76	7,31	124,18	892,42	556,02	6020,65
	jun	927623,19	11,64	37,38	632,38	632,38	5180,69
	jul	1044689,24	12,62	34,92	390,40	724,80	1567,98
	ago	1171932,39	12,18	41,04	216,19	825,26	3631,93
	set	1339049,95	14,26	44,35	98,31	957,21	3194,92
	out	1532274,86	14,43	46,67	97,89	1109,76	2617,19

VARIACOES MENSIS E ACUMULADAS - IPCA

ANO	MÊS	N INDICE (mar86=100)	VARIACÃO (%)				
			No mês	3 meses	Semestral	No Ano	12 Meses
89	out	61635,13	39,77	157,08	398,19	825,62	1424,12
	nov	91109,05	47,82	184,21	524,51	1268,26	1660,95
	dez	138030,21	51,50	213,01	635,43	1972,91	1972,91
90	jan	231269,62	67,55	275,22	864,63	67,55	2426,12
	fev	406410,10	75,73	346,07	1167,78	194,44	3701,29
	mar	741251,38	82,39	437,02	1580,94	437,02	6390,53
	abr	856293,59	15,52	270,26	1289,29	520,37	6821,31
	mai	921286,27	7,59	126,69	911,19	567,45	6214,99
	jun	1029537,41	11,75	38,89	645,88	645,88	5385,43
	jul	1162553,64	12,92	35,77	102,68	742,25	4749,03
	ago	1312290,55	12,88	42,44	222,90	850,73	3993,62
	set	1501391,62	14,41	45,83	102,55	987,73	3304,71
	out	1716991,46	14,36	47,69	100,51	1143,92	2685,74

FONTE: DEPARTAMENTO DE INDICES DE PREÇOS



IBGE

RESULTADOS DO IPC

OUTUBRO DE 1990

A Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE informou hoje (29.10.90) a taxa de variação do Índice de Preços ao Consumidor - IPC relativo ao mês de outubro de 1990: **14,20%**. O IPC é calculado pelo IBGE, observando a mesma metodologia do Índice Nacional de Preços ao Consumidor - INPC. O IPC de outubro foi obtido comparando-se a média dos preços constatados no período de 15 de setembro a 15 de outubro (referência) com a média dos preços vigentes no período de 16 de agosto a 14 de setembro (base). Desta forma, os resultados do IPC de outubro foram:

INDICE	Nº Índice mar86=100	Acumulados (%)			
		3 Meses	6 Meses	No Ano	12 Meses
IPC	1522135,38	44,26	92,56	1285,81	2909,36



IBGE

INDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR - IPC

Outubro de 1990

1- O Índice Geral

A inflação de outubro, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor - IPC, situou-se em 14,20%. Essa taxa é 1,44 ponto percentual superior ao IPC de setembro, que ficou em 12,76%.

O índice foi calculado a partir da comparação dos preços médios vigentes no período de 15 de setembro a 15 de outubro de 1990 (referência) com os preços médios constatados no período de 16 de agosto a 14 de setembro de 1990 (base). Considerando os pontos médios da coleta, verifica-se que o IPC de outubro mediu o movimento de preços ocorrido entre os dias 31 de agosto e 30 de setembro de 1990.

Com exceção, apenas, do grupo Transporte e Comunicação e do grupo Despesas Pessoais, os demais apresentaram variações superiores a setembro.

Os produtos farmacêuticos (31,13%) pressionaram o grupo Saúde e Cuidados Pessoais (17,65%), que ficou com o maior resultado no mês.

Os alimentos, com variação de 14,37%, contribuíram com 4,68 pontos percentuais na taxa do IPC do mês, constituindo-se no grupo de maior contribuição.

A variação do grupo Transporte e Comunicação (10,51%) foi a menor verificada no IPC de outubro.



2- Os Produtos Alimentícios

Os preços dos alimentos aumentaram 14,37% no IPC de outubro, superior à taxa de 11,84% registrada no IPC de setembro. Os produtos importantes que se destacaram em relação ao mês anterior foram:

	setembro	outubro
cereais.....	6,40%	23,52%
farinha de mandioca.....	9,36%	24,87%
tubérc., raízes e legumes	-1,81%	5,02%
pescado.....	8,39%	18,28%
carnes e peixes indust..	8,63%	11,98%
frango.....	17,05%	23,41%
leite pasteurizado.....	10,30%	12,44%
óleo de soja.....	13,20%	21,43%
café moído.....	0,28%	12,75%

Os cereais contribuíram com 0,53 ponto percentual no índice do mês, enquanto no IPC de setembro a contribuição foi de 0,15 ponto percentual. A taxa de variação do arroz passou de 8,53% (setembro) para 30,48% em outubro devido à menor oferta do produto face à quebra da safra no ano. Os preços do tipo agulhinha tiveram aumentos mais intensos do que o arroz de sequeiro (de pior qualidade).

A batata-inglesa (68,61%), também com oferta reduzida, foi o produto responsável pela elevação do item tubérculos, raízes e legumes.

A elevação dos preços do frango (23,41%) se deve à alta verificada na carne bovina, além dos aumentos ocorridos nos custos de produção, como alegam os produtores. Registre-se que o item carnes apresenta certa estabilização, de acordo com as seguintes informações:

	carnes
IPC agosto.....	5,05%
IPC setembro.....	20,86%
IPC outubro.....	21,41%



IBGE

O café moído, cuja variação de preços passou de 0,28% (setembro) para 12,75% (outubro), refletiu a liberação ocorrida no início de setembro.

Quanto à farinha de mandioca, o resultado de 24,67% foi puxado pelas altas variações de preços registradas nas regiões metropolitanas que mais consomem o produto:

farinha de mandioca	
Recife.....	34,43%
Belém.....	34,68%
Salvador.....	33,74%

3- Os Produtos não Alimentícios

A taxa de variação dos produtos não alimentícios passou de 13,21% em setembro para 14,12% no IPC de outubro: um aumento de 0,91 ponto percentual. Os resultados dos grupos foram:

	setembro	outubro
Habitação.....	12,98%	15,90%
Artigos de Residência...	10,51%	11,01%
Vestuário.....	13,00%	14,76%
Transporte e Comunicação	12,89%	10,51%
Saúde e Cuid. Pessoais..	14,26%	17,65%
Despesas Pessoais.....	15,22%	14,40%

Saúde e Cuidados Pessoais (17,65%), além de ser o grupo de maior variação no IPC do mês, foi o que teve a maior aceleração de preços, com uma diferença de 3,39 pontos percentuais em relação a setembro (14,26%). Os produtos farmacêuticos (31,13%) foram os responsáveis pelo resultado do grupo, apresentando aumentos significativos na maioria das classes terapêuticas após a liberação de preços.



IBGE

No grupo Habitação (15,90%), a pressão foi exercida pelos aluguéis residenciais (25,28%).

Nos Artigos de Vestuário, com a entrada da coleção primavera-verão, os destaques foram:

	setembro	outubro
Roupas femininas	9,74%	15,85%
Roupas infantis.....	9,93%	15,87%
Calçados.....	18,82%	15,33%

As Despesas Pessoais (14,40%) ficaram com variação inferior à registrada no IPC de setembro (15,22%), com diferença de -0,82 ponto percentual. A principal causa foi o menor crescimento de preços dos serviços pessoais, que passaram de 18,06% em setembro para 13,47% no IPC de outubro. O item recreação também apresentou menor variação: 15,91% em setembro e 14,51% em outubro. Mesmo assim, o resultado do grupo Despesas Pessoais foi superior ao índice geral, destacando-se a alta de 29,09% nas mensalidades dos cursos formais.

Os Artigos de Residência (11,01%) tiveram variação pouco superior à registrada em setembro (10,51%). Os maiores aumentos foram verificados nos utensílios e enfeites para casa (14,78%).

O grupo Transporte e Comunicação (10,51%) ficou com a menor variação no índice do mês, inferior em 2,38 pontos percentuais em relação à taxa de 12,89% de setembro.

Tanto o item transporte público (11,66%) quanto os itens veículo próprio (8,94%) e combustíveis (9,59%) que, juntos, foram responsáveis por 11,14% de peso, exerceram menor pressão sobre o índice do mês.

4- Os Índices Regionais

As taxas de variação dos índices a nível de região metropolitana situaram-se entre 12,72% (Salvador) e 15,23% (Rio de Janeiro).



Os menores índices, com taxas bastante próximas, foram verificados em Salvador (12,72%), onde as passagens dos ônibus urbanos não foram reajustadas no período de referência do índice, e em Fortaleza (12,79%). Na região metropolitana de Fortaleza ocorreram, em comparação com as demais regiões, os menores aumentos de preços nos grupos Alimentação e Bebidas (12,67%), Saúde e Cuidados Pessoais (13,64%), além de Despesas Pessoais (10,53%).

Quanto às mais altas taxas, ficaram com as regiões metropolitanas do Rio de Janeiro (15,23%) e de São Paulo (15,14%). Estes resultados exerceram forte pressão sobre a taxa de 14,20% do IPC de outubro tendo em vista que, juntas, são responsáveis por 40,99% de ponderação na agregação das regiões para cálculo do índice nacional.

Assim, Rio de Janeiro e São Paulo puxaram o IPC de outubro para cima. O índice do Rio de Janeiro foi pressionado pelas passagens dos ônibus urbanos, cujo aumento de 29,41% incidiu, integralmente, sobre o índice do mês. Em São Paulo, foram os aluguéis residenciais os principais responsáveis, com variação de 34,37%.

Observe-se, no entanto, que nas taxas dos índices regionais acumuladas no ano, as regiões do Rio de Janeiro e São Paulo não apresentam os maiores resultados. A tabela a seguir mostra que o Rio de Janeiro se encontra abaixo do índice geral e que São Paulo está com variação pouco superior. Os maiores resultados são os índices de Brasília (1376,88%), Belém (1379,34%) e Recife (1386,39%)

	IPC NO ANO
Geral.....	1285,81%
Rio de Janeiro.....	1242,43%
Porto Alegre.....	1255,71%
Belo Horizonte.....	1244,46%
Recife.....	1386,39%
São Paulo	1300,16%
Brasília.....	1376,88%
Belém.....	1379,34%
Fortaleza.....	1317,84%
Salvador.....	1224,29%
Curitiba.....	1209,70%

NOTA EXPLICATIVA DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor - IPC - é o instrumento de política econômica, criado através do Decreto-Lei nº 2.284 de 10 de março de 1986. De 28 de fevereiro de 1986 até outubro do mesmo ano, o IPC foi calculado pela metodologia do IPCA, de novembro de 1986 em diante passou a ser calculado pela metodologia do INPC.

O número-índice de fevereiro refere-se à data de 28-02-86.

A variação de março de 1986 corresponde ao movimento de preços observados entre o dia 28 de fevereiro de 1986 e a base definida pelos preços coletados em março de 1986.

Até maio de 1987, o IPC foi calculado com base nos preços coletados no mês civil. O IPC de junho de 1987 foi obtido comparando-se a média dos preços vigentes, no período de 16 a 22 de junho, com a média dos preços constatados no mês de maio, conforme determinação do Decreto-Lei nº 2.335 de 12 de junho de 1987 e a Portaria nº 186 de junho de 1987. A partir de junho, também em cumprimento ao Decreto-Lei nº 2.335, o IPC passou a ser calculado, com base na média dos preços apurados, entre o início da segunda quinzena do mês anterior e o término da primeira quinzena do mês de referência.



IBGE

IPC - OUTUBRO DE 1990

VARIAÇÃO MENSAL (%), PONDERAÇÃO, CONTRIBUIÇÃO
POR GRUPOS DE PRODUTO

GRUPOS	PONDERAÇÃO	VARIAÇÃO(%)	CONTRIBUIÇÃO
Geral	100,00	14,20	14,20
Alimentação e Bebidas..	32,59	14,37	4,68
Habitacão	12,21	15,90	1,94
Ártigos de Residência..	8,49	11,01	0,95
Vestuário	14,52	14,76	2,14
Transp. e Comunicaçãõ..	11,35	10,51	1,19
Saúde e C. Pessoais ...	9,17	17,65	1,62
Despesas Pessoais.....	11,67	14,40	1,68



IBGE

IPC - OUTUBRO DE 1990

PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES MENSAIS

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO SIMPLES	CONTRIBUIÇÃO ACUMULADA
Aluguel Residencial ...	25,28	1,36	1,36
Carnes.....	21,41	0,89	2,25
Produtos Farmacêuticos.	31,13	0,83	3,08
Recreação.....	14,51	0,72	3,80
Calçados	15,33	0,66	4,46
Frango.....	23,41	0,55	5,01
Roupas Femininas.....	15,85	0,54	5,55
Onibus Urbano.....	11,13	0,52	6,07
Roupas Masculinas.....	13,47	0,44	6,51
Roupas Infantis.....	15,87	0,41	6,92
Refeição em Restaurante	14,77	0,40	7,32
Arroz.....	30,48	0,37	7,69
Utensílios e Enfeites..	14,78	0,36	8,05
Leite e Derivados.....	12,23	0,35	8,40
Educação.....	17,30	0,34	8,74
Veículo Próprio.....	8,94	0,33	9,07
Serviços Pessoais.....	13,47	0,31	9,38
Bebidas e Infusões.. ..	12,30	0,31	9,69
Atendimento Médico.....	17,32	0,27	9,96
Art. de Hig. Pessoal...	8,20	0,26	10,22
Itens Listados Acima	16,42	10,22	---
Demais Itens	10,54	3,98	---



IBGE

INDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR - IPC - OUTUBRO/90

VARIACÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS (%) - POR REGIÃO METROPOLITANA E BRASIL

REG. METROPOLITANAS	GRUPO DE PRODUTOS							
	GERAL	ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS	HABITAÇÃO	ARTIGOS RESIDENCIA	VESTUARIO	TRANSPORTE COMUNICAÇÃO	SAUDE C. PESSOAIS	DESPESAS PESSOAIS
Belém	14,05	16,03	11,20	9,21	11,81	2,24	19,22	16,08
Fortaleza	12,78	12,67	14,23	11,88	13,37	12,87	13,64	10,53
Recife	13,52	15,08	11,31	8,85	14,25	7,12	14,84	16,61
Salvador	12,72	14,44	13,11	9,74	12,73	5,91	19,14	11,82
Belo Horizonte	13,64	14,27	10,43	11,20	14,99	10,14	17,83	15,43
Rio de Janeiro	15,23	13,70	14,09	11,29	13,84	23,99	17,57	16,42
São Paulo	15,14	15,30	20,61	12,45	14,63	9,88	18,67	13,50
Curitiba	13,67	13,46	14,14	13,57	14,40	8,65	19,62	13,49
Porto Alegre	13,93	13,26	11,24	9,71	22,47	8,00	15,29	14,63
Brasília	14,05	13,99	19,83	7,94	12,82	8,32	18,60	16,36
IPC	14,20	14,37	15,90	11,01	14,76	10,51	17,65	14,40

SERIE HISTORICA - 89/90

ANO	MÊS	NO ÍNDICE (mar86=100)	VARIACÃO (%)				
			No mês	3 meses	Semestral	No Ano	12 Meses
89	out	50581,06	37,62	141,99	327,61	758,79	1303,78
	nov	71531,74	41,42	164,59	450,05	1114,50	1464,16
	dez	109836,99	53,55	198,84	576,61	1764,87	1764,87
90	jan	171466,53	56,11	238,99	720,32	56,11	1609,63
	fev	296259,87	72,78	314,17	995,84	169,73	2751,34
	mar	546066,19	84,32	397,16	1385,73	397,16	4853,90
	abr	790703,8+	44,80	361,14	1463,24	619,89	6584,60
	mai	852932,23	7,87	187,90	1092,38	676,54	6458,71
	jun	934387,26	9,55	71,11	750,70	750,70	5655,91
	jul	1055110,09	12,92	33,44	515,34	860,61	4947,82
	ago	1182039,83	12,03	38,59	298,99	976,18	4272,25
	set	1332868,11	12,76	42,65	144,09	1113,50	3526,44
	out	1522135,38	14,20	44,26	92,50	1285,81	2909,30

FONTE: DEPARTAMENTO DE INDICES DE PREÇOS



INDICE DE REAJUSTE DE VALORES FISCAIS - IRVF

OUTUBRO DE 1990

1 - Introdução

O Índice de Reajuste de Valores Fiscais - IRVF foi definido através da Portaria nº368, de 26 de junho de 1990, do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento. A abrangência geográfica compreende as regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, com pesos de 23,92%, 54,38% e 21,70%, respectivamente. Para cálculo é utilizada a mesma metodologia, população objetivo (1 a 2 salários mínimos) e amostras de informantes definidos para apuração do Índice de Preços ao Consumidor - IPC. O período de referência da coleta corresponde ao quarto período de coleta do mês anterior ao terceiro período de coleta do mês corrente.

Excepcionalmente, conforme determina a Portaria, no cálculo do IRVF referente aos meses de junho a outubro, foi computado como variação dos valores dos aluguéis residenciais a variação do BTN correspondente ao mês anterior ao de referência do IRVF.

2 - O Índice Geral

O Índice de Reajuste de Valores Fiscais - IRVF de outubro de 1990 apresentou variação de **13,71%**, superior ao IRVF de setembro (12,85%) em 0,86 ponto percentual.

O IRVF de outubro foi calculado através da comparação dos preços médios vigentes no período de 22 de setembro a 22 de outubro de 1990 (referência) com os preços médios constatados no período de 23 de agosto a 21 de setembro de 1990 (base). Considerando os pontos médios da coleta, o IRVF de outubro mediu o movimento de preços no período compreendido entre 07 de setembro e 07 de outubro de 1990.



IBGE Os produtos não alimentícios, com 14,02% de variação, foram os responsáveis pela alta da taxa do IRVF de outubro em relação ao mês anterior, quando apresentaram resultado de 12,10%. Por outro lado, os alimentos ficaram com 13,12%, variação inferior aos 14,27% de setembro devido, principalmente, ao item carnes (9,72%).

Assim, apesar da alta dos produtos não alimentícios (14,02%), o grupo Alimentação e Bebidas (13,12%) teve forte participação no sentido de conter a taxa de inflação do mês.

3 - Os Produtos Alimentícios

A variação de 13,12% nos preços dos alimentos foi 1,15 ponto percentual menor do que a taxa de 14,27% registrada em setembro tendo em vista o comportamento dos preços dos seguintes produtos:

	setembro	outubro
açúcares e derivados.....	10,86%	9,95%
carnes.....	31,69%	9,72%
frango.....	25,98%	17,56%
leite e derivados.....	13,47%	12,85%
sal e condimentos.....	9,38%	6,47%
aliment. fora domicílio.	15,88%	13,60%

O item carnes foi o principal responsável pela queda do grupo Alimentação e Bebidas. A variação de 31,69% registrada em setembro implicou em 1,18 ponto percentual na composição da taxa do IRVF daquele mês. No IRVF de outubro, a variação de 9,72% fez com que as carnes tivessem contribuição de apenas 0,42 ponto percentual. O período de referência do índice de setembro refletiu os aumentos ocorridos na arroba do boi, que chegou a ultrapassar o preço de Cr\$3.000,00. No entanto, a cotação da arroba foi derrubada em consequência, principalmente, da queda do consumo. Ao menor consumo se juntam a entrada do rebanho confinado no mercado e a acomodação dos preços dos cortes de carne de segunda em período posterior ao fim do tabelamento, além das notícias de que o Brasil vai importar o produto tendo em vista a intenção do governo de segurar os preços.



IBGE

Alguns alimentos, por outro lado, exerceram pressão sobre o índice do mês:

	setembro	outubro
cereais.....	9,20%	32,22%
farinhas, fécc. e massas.	6,91%	10,41%
tubérc. raízes e legumes	1,24%	3,55%
frutas.....	13,45%	17,19%
pescado.....	11,96%	13,56%
carnes e peixes indust..	7,12%	8,95%
pão francês.....	7,90%	9,68%
bebidas e infusões.....	9,28%	14,08%
enlatados e conservas...	8,53%	9,56%

O arroz, que passou de 13,28% em setembro para 40,16% no índice de outubro, teve seus preços elevados em decorrência da quebra da safra do ano. No item cereais, os feijões de cores também apresentaram variações relativamente altas em consequência da menor oferta no mercado face ao atraso na colheita da safra do Paraná. O feijão rajado, por exemplo, teve variação de preços da ordem de 37,81% no IRVF do mês, enquanto no índice de setembro a variação ficou em 6,03%.

4 - Os Produtos não Alimentícios

Os não alimentícios, com variação de 14,02% puxaram o índice geral para cima, apresentando um acréscimo de 1,89 ponto percentual em relação à variação de 12,13% verificada no IRVF de setembro.

Os Artigos de Residência (11,23%) e as Despesas Pessoais (14,52%) ficaram com resultados pouco inferiores aos registrados no mês anterior (11,40% e 14,61%, respectivamente). As taxas dos demais grupos foram superiores. Os comentários são:

- **Saúde e Cuidados Pessoais (18,50%)** - foi o grupo de maior variação, destacando-se os produtos farmacêuticos cujos preços cresceram 28,68% após a liberação da maioria dos medicamentos.



IBGE

Vestuário (14,89%) - as variações de preços das roupas se elevaram devido a entrada da coleção primavera-verão no mercado, além de outros fatores. Os resultados foram:

	setembro	outubro
roupas masculinas.....	11,89%	13,62%
roupas femininas	10,51%	15,51%
roupas infantis.....	8,33%	15,11%

Transporte e Comunicação (13,74%) - o grupo foi pressionado pelos ônibus urbanos (17,56%), que apresentaram variações nas três regiões metropolitanas, destacando-se o Rio de Janeiro e São Paulo, com 20,55% e 20,00%, respectivamente. O percentual registrado em Belo Horizonte foi 10,12%.

Habitacão (11,10%) - foi o grupo de menor variação no IRVF do mês, embora tenha ficado 2,73 pontos percentuais acima do resultado de setembro (8,32%). O destaque foi a taxa de água e esgoto (13,55%), que apresentou variação nas três regiões: 15,11% no Rio de Janeiro, 22,38% em Belo Horizonte e 9,09% em São Paulo. Registre-se que, no IRVF de setembro, a variação da taxa de água e esgoto situou-se em 3,33%.



IBGE

IRVF - OUTUBRO DE 1990

PRINCIPAIS VARIACOES MENS AIS

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO SIMPLES	CONTRIBUIÇÃO ACUMULADA
Onibus Urbano.....	17,56	0,84	0,84
Produtos Farmacêuticos..	28,68	0,81	1,65
Recreação.....	14,56	0,74	2,39
Calçados.....	16,03	0,63	3,02
Arroz.....	40,16	0,57	3,59
Roupas Femininas.....	15,51	0,48	4,07
Frango.....	17,56	0,43	4,50
Roupas Infantis.....	15,11	0,43	4,93
Roupas Masculinas.....	13,62	0,42	5,35
Carnes.....	9,72	0,42	5,77
Refeição em Restaurante	13,41	0,41	6,18
Utensílios e Enfeites..	16,03	0,40	6,58
Bebidas.....	14,08	0,39	6,97
Aluguel Residencial...	12,85	0,37	7,34
Educação.....	17,50	0,36	7,70
Serviços Pessoais.....	13,54	0,33	8,03
Taxa de Água e Esgoto..	13,55	0,32	8,35
Serviços Médicos.....	20,61	0,29	8,64
Leite Pasteurizado.....	13,03	0,28	8,92
Cigarros.....	12,10	0,25	9,17
Itens Listados Acima	15,97	9,17	---
Demais Itens	10,67	4,54	---



IBGE ÍNDICE DE REAJUSTE DE VALORES FISCAIS -IRVF - OUTUBRO DE 1990

VARIAÇÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS (%) - POR REGIÃO METROPOLITANA E BRASIL

REG. METROPOLITANAS	GRUPO DE PRODUTOS							
	GERAL	ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS	HABITAÇÃO	ARTIGOS RESIDENCIA	VESTUÁRIO	TRANSPORTE COMUNICAÇÃO	SAÚDE E_C PESSOAIS	DESPESAS PESSOAIS
Rio de Janeiro	13,18	12,09	10,19	10,44	13,10	18,12	16,53	14,25
Belo Horizonte	13,85	13,14	13,35	11,02	15,35	10,44	19,18	15,78
São Paulo	13,88	13,66	10,56	11,64	15,42	13,40	19,10	14,13
IRVF	13,71	13,12	11,10	11,23	14,89	13,74	18,50	14,52

SERIE HISTORICA - 90

ANO	MÊS	Nº ÍNDICE (mai90=100)	VARIAÇÃO (%)				
			No mês	3 meses	Semestral	No Ano	12 Meses
90	jul	121,44	21,44(*)	----	----	----	----
	ago	134,29	10,58	31,29	----	----	----
	set	151,55	12,85	38,26	----	----	----
	out	172,33	13,71	41,91	----	----	----

FONTE: DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS

(*) Trata-se do índice relativo ao período julho/março, calculado de acordo com o art.3º parágrafo 1º da Port. nº368 de 26 de junho de 1990.



INDICE DA CESTA BASICA - ICB

OUTUBRO DE 1990

1- Introdução

O Índice da Cesta Básica - ICB foi definido através da Portaria nº 416, de 13 de julho de 1990, do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento. No cálculo do ICB é utilizada a mesma metodologia, abrangência geográfica, amostras de informantes e períodos de coleta definidos para a apuração do Índice de Preços ao Consumidor - IPC calculado pelo IBGE, tendo em vista uma população-objetivo com renda de até dois salários mínimos.

Assim, o ICB é calculado a partir da fórmula de cálculo de Laspeyres, exceto para os sazonais alimentícios, cujo cálculo utiliza a fórmula de Paasche: tubérculos, raízes e legumes; hortaliças e verduras; e frutas. A abrangência geográfica compreende as regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, São Paulo, Belém, Fortaleza, Salvador e Curitiba, além do Distrito Federal. O período de coleta se estende do início da segunda quinzena de um mês ao final da primeira quinzena do mês de referência do índice.

Quanto à estrutura de pesos, corresponde às despesas das famílias com renda até dois salários mínimos e foi obtida a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF, realizada pelo IBGE no período de 02.03.87 a 28.02.88.

As diferenças entre os resultados mensais do Índice de Preços ao Consumidor - IPC e do Índice da Cesta Básica - ICB encontram-se, portanto, apenas nas estruturas de ponderações. O IPC corresponde às famílias com renda entre 01 e 08 salários mínimos, enquanto o ICB se refere às famílias até 02 salários mínimos. Comparando as duas estruturas, observa-se que os produtos têm despesas relativas diferenciadas e, ainda, que existem produtos que constam de uma das estruturas e não constam da outra, tendo em vista a própria estrutura de consumo de cada uma das populações objetivo.



2- O ICB de outubro de 1990

O Índice da Cesta Básica - ICB do mês de outubro de 1990 apresentou taxa de 15,11%, superior à taxa de 12,62% de setembro em 2,49 pontos percentuais.

Os alimentos aumentaram 14,61%, variação superior ao percentual de 11,00% de setembro. Os produtos não alimentícios também apresentaram crescimento, passando de 13,58% em setembro para 15,41% em outubro.

Observa-se que o ICB foi superior à taxa de 14,20% do IPC de outubro, diferindo em 0,91 ponto percentual. A principal causa encontra-se no grupo Habitação (16,91%), cujo peso é maior na estrutura do ICB. Enquanto a contribuição do grupo situou-se em 1,94 ponto percentual no IPC, sua contribuição no ICB foi de 2,78 pontos percentuais. Da mesma forma, o grupo Alimentação e Bebidas (14,61%) teve contribuição de 4,68 pontos percentuais no IPC e de 5,48 no ICB.

3- O ICB bimestral

O ICB, de acordo com a legislação vigente, é utilizado, a cada bimestre, para correção do valor do salário mínimo. Assim, a taxa de 29,64% corresponde ao ICB de setembro (12,62%) e de outubro (15,11%), a ser aplicada ao salário mínimo a partir de 1º de novembro de 1990.

No ICB do bimestre setembro/outubro (29,64%), a maior variação foi a do grupo Saúde e Cuidados Pessoais (37,78%). A seguir vieram os Artigos de Vestuário (33,81%) e o grupo Habitação (32,45%).

As Despesas Pessoais (29,95%) também ficaram acima da variação do ICB do bimestre.

Os menores resultados, inferiores ao índice geral, foram observados nos seguintes grupos: Alimentação e Bebidas (27,29%); Transporte e Comunicação (26,50%); e Artigos de Residência (24,22%).



IBGE

ICB - OUTUBRO DE 1990
PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO SIMPLES	CONTRIBUIÇÃO ACUMULADA
Aluguel Residencial.....	25,98	2,01	2,01
Produtos Farmacêuticos..	30,61	1,16	3,17
Carnes.....	22,60	1,06	4,23
Frango.....	23,41	2,75	5,01
Onibus Urbano.....	10,97	0,74	5,75
Arroz.....	30,50	0,58	6,33
Calçados.....	16,70	0,50	6,83
Roupas Femininas.....	20,51	0,43	7,26
Roupas Masculinas.....	15,09	0,43	7,69
Utensílios e Enfeites..	15,40	0,41	8,10
Recreação.....	13,23	0,39	8,49
Leite Pasteurizado.....	12,41	0,31	8,80
Bebidas.....	10,76	0,31	9,11
Atendimento Médico.....	17,73	0,28	9,39
Taxa de Água e Esgoto...	9,79	0,28	9,67
Roupas Infantis.....	15,80	0,27	9,94
Refeição em Restaurante	14,46	0,27	10,21
Cigarros.....	11,55	0,24	10,45
Batata-Inglesa.....	68,89	0,23	10,68
Educação.....	16,03	0,23	10,91
Itens Listados Acima	18,47	10,91	---
Demais Itens	10,27	4,20	---



IBGE

INDICE DA CESTA BASICA - ICB - OUTUBRO DE 1990

VARIACÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS (%) - POR REGIÃO METROPOLITANA E BRASIL

EG. METROPOLITANAS	GRUPO DE PRODUTOS							
	GERAL	ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS	HABITAÇÃO	ARTIGOS RESIDENCIA	VESTUÁRIO	TRANSPORTE COMUNICAÇÃO	SAÚDE C. PESSOAS	DESPESAS PESSOAS
Belém	15,22	16,86	14,00	8,16	12,26	0,88	20,66	15,99
Fortaleza	13,41	12,90	14,05	12,62	13,05	21,61	13,78	10,55
Recife	13,95	13,31	11,75	16,11	16,07	5,92	15,75	15,75
Salvador	13,31	15,33	13,09	12,05	12,49	2,04	21,35	13,42
Belo Horizonte	14,46	14,81	11,34	13,17	15,20	10,65	21,42	13,71
Rio de Janeiro	15,99	13,94	14,32	11,86	15,64	25,20	20,55	13,05
São Paulo	16,10	15,19	20,73	15,12	13,61	16,05	22,38	13,93
Curitiba	14,64	13,19	15,12	13,18	17,71	8,78	27,32	13,78
Porto Alegre	15,52	13,53	11,80	11,10	30,78	7,83	19,64	14,07
Brasília	15,54	13,96	24,25	8,22	13,66	8,94	19,15	8,44
ICB	15,11	14,61	16,91	12,53	16,49	11,44	20,07	13,56

INDICE DA CESTA BASICA - ICB - SETEMBRO/OUTUBRO DE 1990

VARIACÃO ACUMULADA GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS - POR REGIÃO METROPOLITANA E BRASIL

EG. METROPOLITANAS	GRUPO DE PRODUTOS							
	GERAL	ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS	HABITAÇÃO	ARTIGOS RESIDENCIA	VESTUÁRIO	TRANSPORTE COMUNICAÇÃO	SAÚDE C. PESSOAS	DESPESAS PESSOAS
Belém	31,78	32,66	44,71	14,19	25,27	1,78	35,40	36,40
Fortaleza	28,70	27,18	31,92	20,85	29,05	45,35	33,76	25,43
Recife	28,04	27,89	33,85	23,59	33,47	13,58	28,76	30,32
Salvador	27,15	25,85	26,86	21,52	30,36	26,89	38,02	23,52
Belo Horizonte	30,12	29,12	27,01	29,23	30,26	27,68	41,02	29,45
Rio de Janeiro	27,76	24,26	33,26	22,52	28,92	29,64	34,26	29,35
São Paulo	29,85	27,42	31,51	26,17	30,77	25,52	42,43	31,21
Curitiba	29,44	25,17	29,30	23,68	41,69	26,25	47,77	32,22
Porto Alegre	33,92	29,64	31,63	22,00	56,70	13,09	27,41	26,77
Brasília	31,86	27,04	41,16	25,74	27,97	21,95	41,26	22,58
ICB	29,64	27,29	32,45	24,22	33,81	26,58	37,78	29,95



IBGE

SERIE HISTORICA - 96

ANO	MÊS	Nº ÍNDICE (mar90=100)	VARIACÃO (%)				
			No mês	3 meses	Semestral	No Ano	12 Meses
90	ago	147,98	47,98(*)	---	---	---	---
	set	166,66	12,62	---	---	---	---
	out	191,84	15,11	---	---	---	---

(*) Trata-se do Índice Relativo ao Período maio/ago, calculado de acordo com o artigo 1º da Portaria nº 416 de 13 de julho de 1990.

FONTE: DEPARTAMENTO DE INDICES DE PREÇOS - DPE/DESIP



DPE/IBGE
DESIP/DIPLA

INDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR RESTRITO - INPC
PESOS E VARIAÇÕES MENSAIS, POR GRUPO, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS
OUTUBRO DE 1990
BRASIL

N I V E L	VARIAÇÃO	PESO
INPC	14.43	100.00
ALIMENTOS E BEBIDAS	12.88	34.37
ALIMENTAÇÃO NO DOMICILIO	12.20	26.14
CEREAIS, LEGUMIN. E OLEAGINOSAS	28.05	2.31
FARINHAS, FECULAS E MASSAS	15.49	1.00
TUBERCULOS, RAIZES E LEGUMES	3.36	0.94
AÇUCARES E DERIVADOS	12.47	1.78
HORTALIÇAS E VERDURAS	-0.49	0.23
FRUTAS	16.68	0.79
CARNES FRESCAS E VISCERAS	5.49	4.74
PESCADO	12.57	0.45
CARNES E PEIXES INDUSTRIALIZADOS	8.34	1.22
AVES E OVOS	8.58	3.24
LEITE E DERIVADOS	12.47	2.99
PANIFICADOS	14.45	2.12
OLEOS E GORDURAS	15.20	0.79
BEBIDAS E INFUSÕES	15.61	2.63
ENLATADOS E CONSERVAS	10.62	0.24
SAL E CONDIMENTOS	10.30	0.67
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICILIO	15.07	8.23
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICILIO	15.07	8.23
HABITAÇÃO	17.67	12.37
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	19.32	9.99
HABITAÇÃO	22.06	7.74
REPAROS	8.23	0.74
ARTIGOS DE LIMPEZA	10.77	1.51
OPERAÇÃO	10.72	2.38
COMBUSTIVEIS P/USO DOMESTICO	14.78	0.71
ENERGIA ELETRICA	9.00	1.67
ARTIGOS DE RESIDENCIA	9.65	8.04
MOVEIS E UTENSILIOS	10.58	5.12
MOBILIARIO	7.10	1.82
UTENSILIOS E ENFEITES	13.83	2.23
CAMA, MESA E BANHO	9.76	1.07
APARELHOS ELETRICOS	8.01	2.93
ELETRODOMESTICOS E EQUIPAMENTOS	6.62	1.54
TV E SOM	9.54	1.39
VESTUARIO	15.51	13.32
ROUPAS	16.24	8.61
ROUPAS MASCULINAS	16.62	3.10
ROUPAS FEMININAS	16.37	3.40
ROUPAS INFANTIS	15.49	2.12

(continua)



DPE/IBGE
DESIP/DIPLA

INDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR RESTRITO - INPC
PESOS E VARIAÇÕES MENSAIS, POR GRUPO, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS
OUTUBRO DE 1990
BRASIL

N I V E L	VARIAÇÃO	PESO
CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	14.96	3.80
JOIAS	6.68	0.29
JOIAS	6.68	0.29
TECIDOS E ARMARINHO	12.77	0.61
TECIDOS E ARMARINHO	12.77	0.61
TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	14.67	10.81
TRANSPORTE	14.68	10.60
TRANSPORTE PUBLICO	18.33	6.08
VEICULO PROPRIO	8.38	3.54
COMBUSTIVEIS (TRANSPORTE)	14.85	0.98
COMUNICAÇÕES	13.92	0.21
COMUNICAÇÕES	13.92	0.21
SAUDE E CUIDADOS PESSOAIS	18.64	9.69
PROD. FARMACEUT. E APAR. TRAT	29.13	3.38
PRODUTOS FARMACEUTICOS	30.74	3.13
OCULOS E LENTES	9.51	0.26
ATENDIMENTO E SERVIÇOS	17.96	3.20
ATENDIMENTO MEDICO	17.88	1.52
SERVIÇOS MEDICOS	18.03	1.68
CUIDADOS PESSOAIS	7.91	3.11
HIGIENE PESSOAL	7.91	3.11
DESPESAS PESSOAIS	13.90	11.40
SERVIÇOS	13.50	2.35
SERVIÇOS PESSOAIS	13.50	2.35
RECREAÇÃO E FUMO	13.00	6.72
RECREAÇÃO	13.21	4.64
FUMO	12.54	2.08
EDUCAÇÃO E LEITURA	16.88	2.33
EDUCAÇÃO	16.70	1.86
LEITURA E PAPELARIA	17.60	0.46

Fonte: Departamento de Índices de Preços

apcom



DPE/IBGE
DESIP/DIPLA

INDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLA - IPCA
PESOS E VARIAÇÕES MENSAIS, POR GRUPO, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS
OUTUBRO DE 1990
BRASIL

N I V E L	VARIAÇÃO	PESO
IPCA	14.36	100.00
ALIMENTOS E BEBIDAS	12.67	26.03
ALIMENTAÇÃO NO DOMICILIO	11.64	17.82
CEREAIS, LEGUMIN. E OLEAGINOSAS	30.73	1.24
FARINHAS, FECULAS E MASSAS	15.07	0.56
TUBERCULOS, RAIZES E LEGUMES	2.74	0.62
AÇUCARES E DERIVADOS	12.39	1.26
HORTALIÇAS E VERDURAS	-1.67	0.21
FRUTAS	17.73	0.58
CARNES FRESCAS E VISCERAS	4.53	3.41
PESCADO	13.54	0.33
CARNES E PEIXES INDUSTRIALIZADOS	8.22	0.91
AVES E OVOS	7.42	1.93
LEITE E DERIVADOS	11.77	2.32
PANIFICADOS	14.12	1.37
OLEOS E GORDURAS	15.22	0.48
BEBIDAS E INFUSÕES	16.20	1.89
ENLATADOS E CONSERVAS	10.13	0.23
SAL E CONDIMENTOS	10.17	0.47
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICILIO	14.90	8.21
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICILIO	14.90	8.21
HABITAÇÃO	15.84	11.44
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	16.85	9.68
HABITAÇÃO	18.46	7.88
REPAROS	8.50	0.72
ARTIGOS DE LIMPEZA	10.67	1.07
OPERAÇÃO	10.26	1.76
COMBUSTIVEIS P/USO DOMESTICO	14.26	0.42
ENERGIA ELETRICA	9.00	1.34
ARTIGOS DE RESIDENCIA	9.69	6.96
MOVEIS E UTENSILIOS	10.84	4.54
MOBILIARIO	7.04	1.76
UTENSILIOS E ENFEITES	14.23	2.03
CAMA, MESA E BANHO	10.57	0.76
APARELHOS ELETRICOS	7.53	2.42
ELETRODOMESTICOS E EQUIPAMENTOS	6.11	1.38
TV E SOM	9.41	1.04
VESTUARIO	16.12	12.68
ROUPAS	17.25	8.36
ROUPAS MASCULINAS	17.03	3.03
ROUPAS FEMININAS	18.33	3.59
ROUPAS INFANTIS	15.42	1.73

(continua)



DPE/IBGE
DESIP/DIPLA

INDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLA - IPCA
PESOS E VARIAÇÕES MENSAIS, POR GRUPO, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS
OUTUBRO DE 1990
BRASIL

N I V E L	VARIAÇÃO	PESO
CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	14.71	3.42
JOIAS	6.19	0.31
JOIAS	6.19	0.31
TECIDOS E ARMARINHO	13.44	0.59
TECIDOS E ARMARINHO	13.44	0.59
TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	13.51	15.81
TRANSPORTE	13.52	15.35
TRANSPORTE PUBLICO	19.79	4.13
VEICULO PROPRIO	10.01	8.44
COMBUSTIVEIS (TRANSPORTE)	14.83	2.78
COMUNICAÇÕES	13.31	0.46
COMUNICAÇÕES	13.31	0.46
SAUDE E CUIDADOS PESSOAIS	18.27	11.55
PROD. FARMACEUT. E APAR. TRAT	27.59	2.87
PRODUTOS FARMACEUTICOS	30.40	2.49
OCULOS E LENTES	9.06	0.38
ATENDIMENTO E SERVIÇOS	18.43	6.04
ATENDIMENTO MEDICO	17.33	2.54
SERVIÇOS MEDICOS	19.23	3.50
CUIDADOS PESSOAIS	7.80	2.65
HIGIENE PESSOAL	7.80	2.65
DESPESAS PESSOAIS	14.73	15.53
SERVIÇOS	12.37	3.75
SERVIÇOS PESSOAIS	12.37	3.75
RECREAÇÃO E FUMO	14.50	8.46
RECREAÇÃO	14.83	7.21
FUMO	12.61	1.26
EDUCAÇÃO E LEITURA	18.00	3.32
EDUCAÇÃO	18.25	2.54
LEITURA E PAPELARIA	17.17	0.78

Fonte: Departamento de Índices de Preços

apcom



DPE/IBGE
DESIP/DIPLA

INDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR - IPC
PESOS E VARIAÇÕES MENSAIS, POR GRUPO, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS
OUTUBRO DE 1990
BRASIL

N I V E L	VARIAÇÃO	PESO
IPC	14.20	100.00
ALIMENTOS E BEBIDAS	14.37	32.59
ALIMENTAÇÃO NO DOMICILIO	14.55	25.07
CEREAIS, LEGUMIN. E OLEAGINOSAS	23.52	2.25
FARINHAS, FECULAS E MASSAS	11.47	1.05
TUBERCULOS, RAIZES E LEGUMES	5.02	0.92
AÇUCARES E DERIVADOS	9.07	1.88
HORTALIÇAS E VERDURAS	-0.08	0.28
FRUTAS	13.53	0.80
CARNES FRESCAS E VISCERAS	21.41	4.17
PESCADO	18.28	0.45
CARNES E PEIXES INDUSTRIALIZADOS	11.98	1.17
AVES E OVOS	17.65	3.06
LEITE E DERIVADOS	12.23	2.89
PANIFICADOS	7.68	2.07
OLEOS E GORDURAS	16.98	0.73
BEBIDAS E INFUSÕES	12.30	2.50
ENLATADOS E CONSERVAS	8.66	0.24
SAL E CONDIMENTOS	9.16	0.64
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICILIO	13.78	7.52
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICILIO	13.78	7.52
HABITAÇÃO	15.90	12.21
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	18.26	9.89
HABITAÇÃO	20.66	7.60
REPAROS	7.95	0.75
ARTIGOS DE LIMPEZA	11.41	1.54
OPERAÇÃO	5.87	2.32
COMBUSTIVEIS P/USO DOMESTICO	9.57	0.70
ENERGIA ELETRICA	4.26	1.62
ARTIGOS DE RESIDENCIA	11.01	8.50
MOVEIS E UTENSILIOS	11.59	5.43
MOBILIARIO	7.39	1.86
UTENSILIOS E ENFEITES	14.78	2.42
CAMA, MESA E BANHO	11.66	1.15
APARELHOS ELETRICOS	9.98	3.07
ELETRODOMESTICOS E EQUIPAMENTOS	8.91	1.76
TV E SOM	11.40	1.31
VESTUARIO	14.76	14.52
ROUPAS	15.01	9.26
ROUPAS MASCULINAS	13.47	3.30
ROUPAS FEMININAS	15.85	3.38
ROUPAS INFANTIS	15.86	2.58

(continua)



DPE/IBGE
DESIP/DIPLA

INDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR - IPC
PESOS E VARIAÇÕES MENSAIS, POR GRUPO, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS
OUTUBRO DE 1990
BRASIL

N I V E L	VARIAÇÃO	PESO
CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	15.33	4.30
JOIAS	4.71	0.31
JOIAS	4.71	0.31
TECIDOS E ARMARINHO	12.24	0.65
TECIDOS E ARMARINHO	12.24	0.65
TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	10.51	11.35
TRANSPORTE	10.52	11.14
TRANSPORTE PUBLICO	11.66	6.17
VEICULO PROPRIO	8.94	3.72
COMBUSTIVEIS (TRANSPORTE)	9.59	1.25
COMUNICAÇÕES	9.72	0.20
COMUNICAÇÕES	9.72	0.20
SAUDE E CUIDADOS PESSOAIS	17.65	9.17
PROD. FARMACEUT. E APAR. TRAT	29.20	2.93
PRODUTOS FARMACEUTICOS	31.12	2.67
OCULOS E LENTES	9.30	0.26
ATENDIMENTO E SERVIÇOS	16.26	3.11
ATENDIMENTO MEDICO	17.32	1.53
SERVIÇOS MEDICOS	15.23	1.58
CUIDADOS PESSOAIS	8.20	3.13
HIGIENE PESSOAL	8.20	3.13
DESPESAS PESSOAIS	14.40	11.67
SERVIÇOS	13.47	2.33
SERVIÇOS PESSOAIS	13.47	2.33
RECREAÇÃO E FUMO	13.68	6.94
RECREAÇÃO	14.51	4.99
FUMO	11.54	1.94
EDUCAÇÃO E LEITURA	17.40	2.40
EDUCAÇÃO	17.30	1.96
LEITURA E PAPELARIA	17.88	0.43

Fonte: Departamento de Índices de Preços

apcom



DPE/IBGE
DESIP/DIPLA

INDICE DE REAJUSTE DE VALORES FISCAIS - IRVF
PESOS E VARIAÇÕES MENSAIS, POR GRUPO, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS
OUTUBRO DE 1990
BRASIL

N I V E L	VARIAÇÃO	PESO
IRVF	13.71	100.0000
ALIMENTOS E BEBIDAS	13.12	34.1301
ALIMENTAÇÃO NO DOMICILIO	12.96	25.8664
CEREAIS, LEGUMIN. E OLEAGINOSAS	32.22	2.3481
FARINHAS, FECULAS E MASSAS	10.41	0.9499
TUBERCULOS, RAIZES E LEGUMES	3.55	0.9123
AÇUCARES E DERIVADOS	9.95	1.7848
HORTALIÇAS E VERDURAS	-1.20	0.3434
FRUTAS	17.19	0.5462
CARNES FRESCAS E VISCERAS	9.72	4.3327
PESCADO	13.56	0.3140
CARNES E PEIXES INDUSTRIALIZADOS	8.94	1.1937
AVES E OVOS	13.37	3.1125
LEITE E DERIVADOS	12.84	3.3875
PANIFICADOS	9.00	2.0708
OLEOS E GORDURAS	16.03	0.7626
BEBIDAS E INFUSÕES	14.07	2.7991
ENLATADOS E CONSERVAS	9.56	0.2718
SAL E CONDIMENTOS	6.47	0.7368
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICILIO	13.60	8.2636
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICILIO	13.60	8.2636
HABITAÇÃO	11.10	10.8490
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	12.06	8.2321
HABITAÇÃO	12.94	5.7958
REPAROS	8.10	0.7405
ARTIGOS DE LIMPEZA	10.79	1.6958
OPERAÇÃO	8.06	2.6168
COMBUSTIVEIS P/USO DOMESTICO	11.99	0.6795
ENERGIA ELETRICA	6.68	1.9373
ARTIGOS DE RESIDENCIA	11.22	8.1668
MOVEIS E UTENSILIOS	12.86	5.1867
MOBILIARIO	7.53	1.4963
UTENSILIOS E ENFEITES	16.03	2.5003
CAMA, MESA E BANHO	12.91	1.1901
APARELHOS ELETRICOS	8.37	2.9801
ELETRODOMESTICOS E EQUIPAMENTOS	6.66	1.6387
TV E SOM	10.47	1.3413
VESTUARIO	14.88	13.5795
ROUPAS	14.74	8.9595
ROUPAS MASCULINAS	13.62	3.0640
ROUPAS FEMININAS	15.51	3.0820
ROUPAS INFANTIS	15.11	2.8135

(continua)



DPE/IBGE
DESIP/DIPLA

INDICE DE REAJUSTE DE VALORES FISCAIS - IRVF
PESOS E VARIAÇÕES MENSAIS, POR GRUPO, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS
OUTUBRO DE 1990
BRASIL

N I V E L	VARIAÇÃO	PESO
CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	16.03	3.9355
CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	16.03	3.9355
JOIAS	3.30	0.2437
JOIAS	3.30	0.2437
TECIDOS E ARMARINHO	14.07	0.4408
TECIDOS E ARMARINHO	14.07	0.4408
TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	13.74	12.1990
TRANSPORTE	13.79	11.9940
TRANSPORTE PUBLICO	17.87	6.4449
VEICULO PROPRIO	7.90	4.0979
COMBUSTIVEIS(TRANSPORTE)	12.30	1.4512
COMUNICAÇÕES	10.56	0.2051
COMUNICAÇÕES	10.56	0.2051
SAUDE E CUIDADOS PESSOAIS	18.50	8.8791
PROD. FARMACEUT. E APAR. TRAT	27.38	3.0331
PRODUTOS FARMACEUTICOS	28.68	2.8329
OCULOS E LENTES	8.91	0.2001
ATENDIMENTO E SERVIÇOS	19.13	3.1899
ATENDIMENTO MEDICO	17.98	1.8007
SERVIÇOS MEDICOS	20.61	1.3891
CUIDADOS PESSOAIS	7.62	2.6561
HIGIENE PESSOAL	7.62	2.6561
DESPESAS PESSOAIS	14.52	12.1965
SERVIÇOS	13.54	2.4459
SERVIÇOS PESSOAIS	13.54	2.4459
RECREAÇÃO E FUMO	13.82	7.2361
RECREAÇÃO	14.56	5.0637
FUMO	12.10	2.1724
EDUCAÇÃO E LEITURA	17.46	2.5145
EDUCAÇÃO	17.50	2.0455
LEITURA E PAPELARIA	17.28	0.4690

Fonte: Departamento de Índices de Preços

apcom



DPE/IBGE
DESIP/DIPLA

INDICE DA CESTA BASICA - ICB
PESOS E VARIAÇÕES MENSAIS, POR GRUPO, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS
OUTUBRO DE 1990
BRASIL

N I V E L	VARIAÇÃO	PESO
ICB	15.11	100.0000
ALIMENTOS E BEBIDAS	14.61	37.4763
ALIMENTAÇÃO NO DOMICILIO	14.87	30.8682
CEREAIS, LEGUMIN. E OLEAGINOSAS	24.41	3.3990
FARINHAS, FÉCULAS E MASSAS	11.12	1.5263
TUBERCULOS, RAIZES E LEGUMES	5.37	1.0951
AÇUCARES E DERIVADOS	8.73	2.1709
HORTALIÇAS E VERDURAS	-0.37	0.3049
FRUTAS	13.22	0.8454
CARNES FRESCAS E VISCERAS	22.60	4.6790
PESCADO	16.99	0.4084
CARNES E PEIXES INDUSTRIALIZADOS	12.04	1.3707
AVES E OVOS	18.07	4.1932
LEITE E DERIVADOS	12.40	3.4747
PANIFICADOS	7.31	2.4985
OLEOS E GORDURAS	17.54	0.9132
BEBIDAS E INFUSÕES	10.76	2.8881
ENLATADOS E CONSERVAS	9.24	0.2782
SAL E CONDIMENTOS	8.58	0.8222
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICILIO	13.41	6.6081
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICILIO	13.41	6.6081
HABITAÇÃO	16.91	16.4136
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	19.11	13.5855
HABITAÇÃO	21.25	10.9152
REPAROS	7.94	0.9094
ARTIGOS DE LIMPEZA	11.65	1.7610
OPERAÇÃO	6.35	2.8281
COMBUSTIVEIS P/USO DOMESTICO	9.68	1.0884
ENERGIA ELETRICA	4.26	1.7397
ARTIGOS DE RESIDENCIA	12.53	8.3314
MOVEIS E UTENSILIOS	13.39	5.5579
MOBILIARIO	9.34	1.5440
UTENSILIOS E ENFEITES	15.40	2.6564
CAMA, MESA E BANHO	14.05	1.3575
APARELHOS ELETRICOS	10.80	2.7736
ELETRODOMESTICOS E EQUIPAMENTOS	9.20	1.8838
TV E SOM	14.18	0.8897
VESTUARIO	16.40	10.3696
ROUPAS	16.99	6.6636
ROUPAS MASCULINAS	15.09	2.8255
ROUPAS FEMININAS	20.51	2.1034
ROUPAS INFANTIS	15.80	1.7347

(continua)



DPE/IBGE
DESIP/DIPLA

INDICE DA CESTA BASICA - ICB
PESOS E VARIAÇÕES MENSAIS, POR GRUPO, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS
OUTUBRO DE 1990
BRASIL

N I V E L	VARIAÇÃO	PESO
CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	16.70	2.9704
CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	16.70	2.9704
JOIAS	6.22	0.1776
JOIAS	6.22	0.1776
TECIDOS E ARMARINHO	11.13	0.5579
TECIDOS E ARMARINHO	11.13	0.5579
TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	11.43	9.4875
TRANSPORTE	11.46	9.4123
TRANSPORTE PUBLICO	11.62	8.1989
VEICULO PROPRIO	10.66	0.8554
COMBUSTIVEIS(TRANSPORTE)	9.66	0.3580
COMUNICAÇÕES	8.03	0.0752
COMUNICAÇÕES	8.03	0.0752
SAUDE E CUIDADOS PESSOAIS	20.07	9.2710
PROD. FARMACEUT. E APAR. TRAT	29.80	3.9378
PRODUTOS FARMACEUTICOS	30.61	3.7942
OCULOS E LENTES	8.51	0.1435
ATENDIMENTO E SERVIÇOS	18.14	2.5122
ATENDIMENTO MEDICO	17.73	1.6039
SERVIÇOS MEDICOS	18.86	0.9082
CUIDADOS PESSOAIS	8.19	2.8210
HIGIENE PESSOAL	8.19	2.8210
DESPESAS PESSOAIS	13.56	8.6506
SERVIÇOS	14.39	1.6276
SERVIÇOS PESSOAIS	14.39	1.6276
RECREAÇÃO E FUMC	12.52	5.1663
RECREAÇÃO	13.23	2.9546
FUMO	11.58	2.2117
EDUCAÇÃO E LEITURA	15.73	1.8567
EDUCAÇÃO	16.03	1.4573
LEITURA E PAPELARIA	14.62	0.3994

Fonte: Departamento de Índices de Preços

apcom

PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

ESTIMATIVAS PARA O MÊS DE SETEMBRO DE 1990

A taxa de desemprego aberto, deste mês, 4,25%, caiu ligeiramente em relação a de agosto deste ano, 4,50% e aumentou em relação a de setembro do ano passado, 3,22%. (tabela 2). Sazonalmente, a taxa cai em setembro quando comparada ao mês imediatamente anterior.

O número de pessoas desocupadas apresentou o mesmo comportamento da taxa de desemprego aberto.

O nível de ocupação caiu ligeiramente nos setores da Indústria de Transformação e de Serviços, aumentando nos setores de Comércio e da Construção Civil em relação a agosto deste ano. Em relação a setembro do ano passado, o destaque foi o crescimento da ocupação nos setores de Comércio e de Serviços.

O Rendimento Médio Real das pessoas ocupadas, referente ao mês de agosto, caiu em Salvador (8%), em Recife (7%) e no Rio de Janeiro (2%). (tabelas 9, 5 e 17) e aumentou nas demais regiões metropolitanas, em comparação a julho deste ano. Na comparação anual, as quedas foram significativas em todas as regiões metropolitanas, destacando-se Recife (18%) e Salvador (15%). (tabelas 5 e 9).

TAXA DE DESEMPREGO ABERTO

1. A Estimativa da taxa média de desemprego aberto continua aumentando em relação ao mesmo mês do ano anterior, passando de 3,22% em setembro/89 para 4,25% neste mês (tabela 2).

2. O movimento da taxa foi resultante do aumento do número estimado de pessoas desocupadas que em setembro/89 foi de 554.201, passando para 767.224 neste mês (tabela 1).

3. A nível de setor de atividade, a estimativa da taxa de desemprego aberto aumentou em todos os setores. Os aumentos mais significativos ocorreram na Construção Civil, na Indústria de Transformação e no setor de Serviços. No primeiro setor a taxa passou de 3,28% em setembro/89 para 4,64% neste mês, no segundo, passou de 3,77% para 5,14% e, no terceiro, de 2,57% para 3,31% (tabela 2).

PESSOAS DESOCUPADAS

1. Em setembro, o número estimado de pessoas desocupadas aumentou significativamente em relação ao mesmo mês do ano passado. A variação foi de 38%, o que em termos absolutos representa mais 213.000 pessoas procurando trabalho, aproximadamente. (tabela 1). Esta variação, porém, foi inferior à verificada na comparação anual de agosto (46%).

2. O número estimado de pessoas desocupadas que procuravam trabalho pela primeira vez aumentou 54%, e o número estimado de pessoas que tinham trabalhado anteriormente aumentou 37%, na comparação anual. (tabela 1).

PESSOAS OCUPADAS

1. O número estimado de pessoas ocupadas, em setembro, aumentou aproximadamente 4% em relação a setembro do ano passado. Esta variação em termos absolutos representa um acréscimo de 644.000 pessoas. (tabela 1).

2. A nível de setor de atividade, o setor da Indústria de Transformação foi o único que apresentou queda (2%) no seu nível de ocupação. O maior acréscimo foi no setor de Comércio (8%) seguido do Setor de Serviços (6%). Os setores de Comércio e de Serviços ocuparam mais 178.000 e 478.000 pessoas, enquanto o setor da Indústria de Transformação ocupou menos 65.000 pessoas, aproximadamente.

3. A proporção de pessoas ocupadas, por setor de atividade, continua apresentando queda na Indústria de Transformação, passando de 24,78% em setembro/89 para 23,48% neste mês. Os setores de Comércio e de Serviços aumentaram a sua participação de 13,88% para 14,40% e de 46,83% para 47,83%, respectivamente. (tabela 3).

4. Considerando a posição na ocupação, permanece a queda da estimativa do número de empregados com carteira assinada (1%), enquanto aumenta a dos empregados sem carteira assinada (13%), conta-própria e empregadores (10%). (tabela 1).

5. Ainda com relação a posição na ocupação, houve queda de 143.000 empregados com carteira assinada, acréscimo de 413.000 empregados sem carteira assinada, 298.000 pessoas trabalhando por conta-própria e 71.000 empregadores, aproximadamente. (tabela 1).

6. A proporção de pessoas ocupadas, segundo a posição na ocupação, na comparação setembro/90-setembro/89, apresentou variação mais significativa para os empregados sem carteira assinada, passando de 18,68% em setembro/89 para 20,35% neste mês. (tabela 3).

RENDIMENTO MÉDIO REAL - AGOSTO/90

1. Em relação a agosto de 1989, o Rendimento Médio Real das pessoas ocupadas caiu em todas as regiões metropolitanas. As quedas mais acentuadas ocorreram em Recife (18%), Salvador (15%) e Porto Alegre (11%). (tabelas 5, 9 e 25).

2. O Rendimento Médio Real dos empregados com carteira assinada também caiu em todas as regiões metropolitanas, destacando-se Recife (17%), Salvador e Porto Alegre (16%). Estas quedas superaram as verificadas na comparação anual de julho (tabelas 5, 9 e 25).

3. O Rendimento Médio Real dos empregados sem carteira assinada, com exceção de Belo Horizonte, cuja variação foi de 2%, caiu em todas as regiões, com destaque para o Rio de Janeiro (10%). (tabelas 13 e 17).

4. O Rendimento Médio Real das pessoas que trabalham por conta-própria, caiu em todas as regiões, destacando-se Salvador (25%) e Porto Alegre (11%). (tabelas 9 e 25).

5. O Rendimento Médio Real dos empregadores só não caiu em Porto Alegre, onde teve uma variação de 4%. A maior variação ocorreu em Recife, (-36%). (tabelas 25 e 5).

A EVOLUÇÃO DOS RENDIMENTOS MÉDIOS REAIS
PERÍODO: JANEIRO A AGOSTO DE 1990

O rendimento médio real dos empregados com carteira assinada, na comparação mensal, após apresentar quedas acentuadas nos dois primeiros meses do novo governo (março e abril), cresceu ligeiramente nos meses seguintes, na maioria das regiões metropolitanas. Em agosto, apenas as regiões metropolitanas do nordeste apresentaram queda. Comparando-se o último mês do período ao mês imediatamente anterior ao Plano Brasil Novo (fevereiro), observam-se quedas acima de 20% na maioria das regiões metropolitanas: Recife (28%), Salvador (26%), Rio de Janeiro (26%), São Paulo (22%), Porto Alegre (20%) e Belo Horizonte (19%).

VARIAÇÃO MENSAL (%)
BASE: MÊS ANTERIOR
RENDIMENTO MÉDIO REAL
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA

1990	RE	SA	BH	RJ	SP	POA
JAN	3,32	- 2,69	-12,17	- 8,45	- 9,25	- 9,89
FEV	- 4,82	-10,15	-10,51	- 3,08	- 9,95	-10,16
MAR	-19,83	-14,73	-16,80	-29,21	-26,42	-23,05
ABR	- 8,95	-14,46	- 7,98	3,59	- 4,03	- 4,41
MAI	8,09	- 2,82	3,06	2,16	8,40	4,15
JUN	- 2,14	4,83	-	- 6,78	0,35	1,33
JUL	2,19	1,84	-	5,00	1,05	0,44
AGO	- 3,56	- 2,26	2,48	0,43	1,04	2,17

Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1990.

NOTA EXPLICATIVA

As informações da Pesquisa Mensal de Emprego — PME — são obtidas através de uma amostra probabilística de domicílios situados nas Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Principais Conceitos

Os principais conceitos utilizados na pesquisa são os seguintes:

Trabalho — Considera-se como trabalho o exercício de:

a) ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou outras formas não monetárias, como pode ser o caso dos empregados domésticos; e

b) ocupação econômica sem remuneração, exercida normalmente pelo menos durante 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Pessoas Ocupadas — Consideram-se como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período ou em parte dele, trabalharam, ou tinham trabalho, mas não trabalharam, como, por exemplo, pessoas em férias.

Pessoas Desocupadas — Consideram-se como pessoas desocupadas aquelas que não tinham trabalho na semana de referência, mas estavam dispostas a trabalhar e que, para isto, tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho (na semana de referência ou no período de referência de 30 dias, conforme o período considerado).

Pessoas Economicamente Ativas — PEA — Consideram-se como economicamente ativas as pessoas ocupadas e as desocupadas.

Pessoas Não-economicamente Ativas — Consideram-se como não-economicamente ativas as pessoas que não são classificadas como ocupadas ou desocupadas.

Empregados — Consideram-se como empregados as pessoas que trabalham para empregador, geralmente cumprindo uma jornada-de trabalho e recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro, produtos ou somente em benefícios (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Incluem-se entre os empregados as pessoas que prestam serviço militar obrigatório e os clérigos.

Conta-próprias — Consideram-se como conta-próprias as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, não tendo empregados.

Empregadores — Consideram-se como empregadores as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com auxílio de um ou mais empregados.

Não Remunerados — Consideram-se como não remunerados as pessoas que exercem ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Rendimento de Trabalho — Para os empregados, considera-se a remuneração efetivamente recebida no mês de referência. Assim sendo, incluem-se as parcelas referentes ao 13º salário (14º, 15º, etc.) e a participação nos lucros paga pela empresa que tiver sido recebida no mês de referência. Para os empregadores e trabalhadores por conta própria, considera-se a retirada feita ou ganho líquido (rendimento bruto menos as despesas efetuadas com o negócio ou profissão — salário de empregados, matéria-prima, energia elétrica, telefone, etc.) recebido, efetivamente, no mês de referência. Para a pessoa que recebe, pelo seu trabalho, em produtos ou mercadorias, considera-se o valor de mercado, efetivamente recebido no mês de referência.

Para a pessoa que estiver licenciada por instituto de previdência, considera-se o rendimento bruto do benefício (auxílio-doença, auxílio por acidente de trabalho, etc.), efetivamente recebido no mês de referência.

Semana de Referência — É aquela que antecede à semana fixada para a entrevista.

Período de Referência de 30 dias — São os 30 dias que antecedem à semana fixada para a entrevista.

Mês de Referência — É aquele que antecede ao mês de realização da pesquisa.

ESTIMATIVAS DE VALORES ABSOLUTOS

As estimativas dos valores absolutos apresentadas foram obtidas através de um estimador de razão. De uma forma simplificada, este estimador pode ser descrito como o produto de uma estimativa independente da população residente pela relação entre o valor da variável considerada e o total de pessoas residentes, ambos estimados

através da amostra.

$$\hat{X} = P \frac{\hat{X}^*}{\hat{Y}^*}, \text{ onde:}$$

P — população residente obtida por estimativa independente;

\hat{X}^* — valor da variável estimado através da amostra; e

\hat{Y}^* — total de pessoas residentes estimado através da amostra.

A metodologia adotada para a revisão da estimativa da população residente considerou que a participação relativa das regiões metropolitanas, em relação à população total das respectivas Unidades da Federação, obedecia, no tempo, a um comportamento logístico.

Os limites dessas curvas logísticas foram determinados levando-se em conta a evolução das referidas participações no período 1970-85, conforme procedimento metodológico proposto por Frias¹. A partir dos valores das participações e das populações das Unidades da Federação, foram obtidas, por multiplicação, as populações residentes nas regiões metropolitanas, no dia 15 de cada mês.

¹ FRIAS, Luiz Armando de Medeiros. Determinação do limite superior ou inferior de curvas logísticas em projetos de população com base na tendência passada. Rio de Janeiro, DEPOP/IBGE, 1987 (a ser publicado).

TABELA 1
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÕES METROPOLITANAS: REC. SAL, BH, RJ, SP E POA	IDADE MÍNIMA: 15 ANOS		
	SETEMBRO/89	AGOSTO/90	SETEMBRO/90
ESTIMATIVAS			
POPULAÇÃO RESIDENTE	27.863.018	28.784.503	28.752.425
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA	17.203.997	18.013.105	18.061.311
POPULAÇÃO OCUPADA	16.649.796	17.203.869	17.294.086
POPULAÇÃO OCUPADA POR SETOR DE ATIVIDADE:			
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	4.159.640	4.118.113	4.094.640
CONSTRUÇÃO CIVIL	1.217.775	1.229.461	1.268.234
COMÉRCIO	2.310.839	2.390.650	2.488.741
SERVIÇOS	7.779.174	8.287.442	8.257.456
OUTRAS ATIVIDADES	1.182.371	1.178.204	1.185.014
POPULAÇÃO OCUPADA POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:			
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	9.753.948	9.616.245	9.610.920
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	3.105.431	3.446.130	3.518.342
CONTA-PRÓPRIA	2.932.224	3.206.072	3.229.997
EMPREGADORES	709.508	783.106	780.835
POPULAÇÃO DESOCUPADA	554.201	809.235	767.224
POPULAÇÃO DESOCUPADA SEM TRABALHO ANTERIOR	36.524	74.125	55.815
POPULAÇÃO DESOCUPADA COM TRABALHO ANTERIOR	517.677	735.110	711.409



IBGE - DPE
DEREN
PME

TABELA 2
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÕES METROPOLITANAS: REC, SAL, BH, RJ, SP E POA	IDADE MINIMA: 15 ANOS		
E S T I M A T I V A S	SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA)	3,22	4,50	4,25
SETOR DE ATIVIDADE:			
INDUSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	3,77	5,46	5,14
CONSTRUÇÃO CIVIL	3,28	5,50	4,64
COMÉRCIO	3,73	4,60	4,75
SERVIÇOS	2,57	3,40	3,31
OUTRAS ATIVIDADES	1,49	1,52	1,64
PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ	0,21	0,41	0,31
PESSOAS QUE JA TRABALHARAM	3,01	4,08	3,94
TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO ABERTO (30 DIAS)	3,44	4,86	4,59
CHEFES DE DOMICÍLIOS DESEMPREGADOS. EM RELAÇÃO AOS DESEMPREGADOS	24,65	27,81	27,39
TAXA DE ATIVIDADE	61,70	62,54	62,80



IBGE - DPE
DEREN
PME

TABELA 3
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÕES METROPOLITANAS: REC, SAL, BH, RJ, SP E POA	IDADE MÍNIMA: 15 ANOS		
E S T I M A T I V A S	SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA:			
SEIOR DE ATIVIDADE:			
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	24,78	23,67	23,48
CONSTRUÇÃO CIVIL	7,33	7,17	7,36
COMÉRCIO	13,88	13,92	14,40
SERVIÇOS	46,83	48,29	47,83
OUTRAS ATIVIDADES	7,16	6,92	6,91
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:			
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	58,50	55,80	55,51
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	18,68	20,04	20,35
CONTA-PRÓPRIA	17,67	18,72	18,73
EMPREGADORES	4,26	4,55	4,52
TRABALHANDO DE 40 A 48 HORAS, POR FAIXA DE RENDIMENTO: (*)			
RECEBENDO MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	3,32	2,87	2,80
RECEBENDO DE 1 A MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS	19,72	15,37	14,63
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA: (*)			
CONTA-PRÓPRIA SEM RENDIMENTOS	0,73	0,91	0,84
CONTA-PRÓPRIA COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	3,57	3,06	3,19
DESOCUPADOS, OCUPADOS SEM RENDIMENTOS E OCUPADOS COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	15,48	16,12	15,36

(*) TODOS OS TRABALHOS

TABELA 4
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: RECIFE	IDADE MINIMA: 15 ANOS		
	SETEMBRO/89	AGOSTO/90	SETEMBRO/90
E S T I M A T I V A S			
POPULAÇÃO RESIDENTE	1.968.674	2.024.631	2.017.958
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA	1.103.184	1.170.170	1.146.853
POPULAÇÃO OCUPADA	1.044.284	1.095.950	1.090.347
POPULAÇÃO OCUPADA POR SETOR DE ATIVIDADE:			
INDUSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	147.379	158.706	163.407
CONSTRUÇÃO CIVIL	69.871	75.667	77.764
COMERCIO	186.006	189.127	185.216
SERVIÇOS	493.486	543.870	528.270
OUTRAS ATIVIDADES	147.542	128.582	135.690
POPULAÇÃO OCUPADA POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:			
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	521.479	529.590	536.022
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	243.100	260.431	245.398
CONTA-PRÓPRIA	226.477	250.921	260.257
EMPREGADORES	38.139	35.446	30.903
POPULAÇÃO DESOCUPADA	58.900	74.220	56.506
POPULAÇÃO DESOCUPADA SEM TRABALHO ANTERIOR	8.298	9.667	9.029
POPULAÇÃO DESOCUPADA COM TRABALHO ANTERIOR	50.602	64.553	47.477

TABELA 5
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: RECIFE	IDADE MINIMA: 15 ANOS		
E S T I M A T I V A S	AGOSTO/89	JULHO/90	AGOSTO/90
RENDIMENTO MEDIO NOMINAL (CRUZEIROS): (*)			
PESSOAS OCUPADAS	558,09	17.398,81	18.077,18
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	614,81	19.569,31	20.041,18
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	331,04	12.252,57	12.669,90
CONTA-PROPRIA	388,18	11.631,43	14.178,52
EMPREGADORES	2.414,90	69.325,13	60.374,11
RENDIMENTO MEDIO REAL (CZ\$1.000,00 - MAR/86) (*) (**)			
PESSOAS OCUPADAS	1,87	1,66	1,54
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	2,06	1,87	1,71
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	1,11	1,17	1,08
CONTA-PROPRIA	1,30	1,11	1,20
EMPREGADORES	8,10	6,63	5,15
INDICE DO RENDIMENTO MEDIO REAL (MARÇO/86 = 100)			
PESSOAS OCUPADAS	107,90	95,78	88,86
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	97,58	88,58	81,00
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	98,40	103,72	95,74
CONTA-PROPRIA	115,55	98,66	106,66
EMPREGADORES	122,02	99,87	77,58

(*) TRABALHO PRINCIPAL

(**) DEFLACIONADO PELO INPC (SERIE HISTORICA SEM EMPRESTIMO COMPULSORIO)



IBGE - DPE
DEREN
PME

TABELA 6
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: RECIFE	IDADE MINIMA: 15 ANOS		
E S T I M A T I V A S	SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA)	5,33	6,34	4,92
SETOR DE ATIVIDADE:			
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	6,74	7,80	5,23
CONSTRUÇÃO CIVIL	5,04	9,16	7,56
COMÉRCIO	5,71	5,09	5,32
SERVIÇOS	4,25	4,96	3,33
OUTRAS ATIVIDADES	1,78	3,39	2,46
PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ	0,75	0,82	0,78
PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM	4,58	5,51	4,13
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (30 DIAS)	5,78	6,80	5,41
CHEFES DE DOMÍLIOS DESEMPREGADOS, EM RELAÇÃO AOS DESEMPREGADOS	21,68	21,93	24,17
TAXA DE ATIVIDADE	56,03	57,79	56,83

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: RECIFE	IDADE MÍNIMA: 15 ANOS		
E S T I M A T I V A S	SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA:			
SETOR DE ATIVIDADE:			
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	14,11	14,48	14,98
CONSTRUÇÃO CIVIL	6,69	6,90	7,13
COMÉRCIO	17,81	17,25	16,98
SERVIÇOS	47,25	49,62	48,44
OUTRAS ATIVIDADES	14,12	11,73	12,44
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:			
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	49,93	48,32	49,16
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	23,27	23,76	22,50
CONTA-PRÓPRIA	21,68	22,89	23,86
EMPREGADORES	3,65	3,23	2,83
TRABALHANDO DE 40 A 48 HORAS, POR FAIXA DE RENDIMENTO: (*)			
RECEBENDO MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	8,72	6,52	7,51
RECEBENDO DE 1 A MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS	22,53	21,30	22,68
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA: (*)			
CONTA-PRÓPRIA SEM RENDIMENTOS	0,73	1,35	1,06
CONTA-PRÓPRIA COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	8,55	6,86	7,53
DESOCUPADOS, OCUPADOS SEM RENDIMENTOS E OCUPADOS COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	29,52	27,98	26,98

(*) TODOS OS TRABALHOS



IBGE - DPE
DEREN
PME

TABELA 8
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA
REGIÃO METROPOLITANA: SALVADOR

IDADE MÍNIMA: 15 ANOS

E S T I M A T I V A S

	SETEMBRO/89	AGOSTO/90	SETEMBRO/90
POPULAÇÃO RESIDENTE	1.527.716	1.584.012	1.587.734
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA	953.594	993.323	1.002.876
POPULAÇÃO OCUPADA	905.290	932.998	946.681
POPULAÇÃO OCUPADA POR SETOR DE ATIVIDADE:			
INDUSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	116.511	117.325	114.884
CONSTRUÇÃO CIVIL	83.940	84.571	87.337
COMÉRCIO	129.404	139.455	144.178
SERVIÇOS	483.408	509.108	510.674
OUTRAS ATIVIDADES	92.028	82.539	89.608
POPULAÇÃO OCUPADA POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:			
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	493.390	488.346	492.309
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	177.134	189.035	205.904
CONTA-PRÓPRIA	198.249	214.042	205.061
EMPREGADORES	29.763	33.224	36.413
POPULAÇÃO DESOCUPADA	48.304	60.325	56.195
POPULAÇÃO DESOCUPADA SEM TRABALHO ANTERIOR	4.920	6.490	6.774
POPULAÇÃO DESOCUPADA COM TRABALHO ANTERIOR	43.384	53.835	49.420

TABELA 9
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: SALVADOR	ESTIMATIVAS		IDADE MINIMA: 15 ANOS	
	AGOSTO/89	JULHO/90	AGOSTO/90	
RENDIMENTO MEDIO NOMINAL (CRUZEIROS): (*)				
PESSOAS OCUPADAS	692,73	22.313,46	23.141,85	
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	771,81	23.135,15	25.417,92	
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	400,01	15.346,78	15.454,58	
CONTA-PROPRIA	451,05	12.595,92	13.261,08	
EMPREGADORES	2.751,55	123.246,55	100.473,78	
RENDIMENTO MEDIO REAL (CZ\$1.000,00 - MAR/86) (*) (**)				
PESSOAS OCUPADAS	2,32	2,13	1,97	
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	2,58	2,21	2,16	
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	1,34	1,46	1,31	
CONTA-PROPRIA	1,51	1,20	1,13	
EMPREGADORES	9,23	11,79	8,57	
INDICE DO RENDIMENTO MEDIO REAL (MARÇO/86 = 100)				
PESSOAS OCUPADAS	108,30	99,43	91,97	
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	98,58	84,44	82,53	
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	87,41	95,23	85,45	
CONTA-PROPRIA	139,81	111,11	104,62	
EMPREGADORES	153,24	195,74	142,28	

(*) TRABALHO PRINCIPAL

(**) DEFLACIONADO PELO INPC (SERIE HISTORICA SEM EMPRESTIMO COMPULSORIO)



IBGE - DPE
DEREN
PME

TABELA 10.
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

SETEMBRO - 1990

IDADE MINIMA: 15 ANOS

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA
REGIÃO METROPOLITANA: SALVADOR

ESTIMATIVAS

	SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA)	5,06	6,07	5,60
SETOR DE ATIVIDADE:			
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	4,56	7,21	8,14
CONSTRUÇÃO CIVIL	7,56	8,49	6,94
COMÉRCIO	5,46	6,11	5,50
SERVIÇOS	4,39	4,55	4,38
OUTRAS ATIVIDADES	1,31	3,54	0,84
PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ	0,51	0,65	0,67
PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM	4,54	5,41	4,92
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (30 DIAS)	5,32	6,45	5,93
CHEFES DE DOMÍLIOS DESOCUPADOS, EM RELAÇÃO AOS DESOCUPADOS	28,43	29,51	29,83
TAXA DE ATIVIDADE	62,41	62,70	63,16

E S T I M A T I V A S		IDADE MINIMA: 15 ANOS		
PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: SALVADOR		SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA:				
SETOR DE ATIVIDADE:				
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO		12,87	12,57	12,13
CONSTRUÇÃO CÍVIL		9,27	9,06	9,22
COMÉRCIO		14,29	14,84	15,22
SERVIÇOS		53,39	54,56	53,94
OUTRAS ATIVIDADES		10,16	8,84	9,46
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:				
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA		54,50	52,34	52,00
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA		19,56	20,26	21,75
CONTÁ-PRÓPRIA		21,89	22,94	21,66
EMPREGADORES		3,29	3,56	3,85
TRABALHANDO DE 40 A 48 HORAS, POR FAIXA DE RENDIMENTO: (*)				
RECEBENDO MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO		7,43	6,10	7,93
RECEBENDO DE 1 A MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS		24,39	19,75	20,19
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA: (*)				
CONTÁ-PRÓPRIA SEM RENDIMENTOS		0,49	0,91	0,59
CONTÁ-PRÓPRIA COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO		7,44	6,81	7,03
DESOCUPADOS, OCUPADOS SEM RENDIMENTOS E OCUPADOS COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO		24,11	24,02	24,43

(*) TODOS OS TRABALHOS



IBGE - DPE
DEREN
PME

TABELA 12
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: BELO HORIZONTE	IDADE MINIMA: 15 ANOS		
E S T I M A T I V A S	SETEMBRO/89	AGOSTO/90	SETEMBRO/90
POPULAÇÃO RESIDENTE	2.412.399	2.500.572	2.498.611
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA	1.530.770	1.621.214	1.616.547
POPULAÇÃO OCUPADA	1.484.594	1.562.059	1.554.400
POPULAÇÃO OCUPADA POR SETOR DE ATIVIDADE:			
INDUSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	292.958	302.539	305.132
CONSTRUCÃO CIVIL	156.298	153.685	156.382
COMERCÍO	192.196	224.241	216.873
SERVIÇOS	735.876	774.549	766.323
OUTRAS ATIVIDADES	107.267	107.044	109.689
POPULAÇÃO OCUPADA POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:			
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	842.061	846.359	851.949
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	289.241	313.753	306.633
CONTA-PRÓPRIA	277.381	310.684	304.203
EMPREGADORES	60.354	84.968	83.505
POPULAÇÃO DESOCUPADA	46.176	59.155	62.147
POPULAÇÃO DESOCUPADA SEM TRABALHO ANTERIOR	3.973	8.155	4.674
POPULAÇÃO DESOCUPADA COM TRABALHO ANTERIOR	42.203	51.000	57.473



TABELA 13
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERIODO DE REFERENCIA: SEMANA REGIAO METROPOLITANA: BELO HORIZONTE	IDADE MINIMA: 15 ANOS		
E S T I M A T I V A S	AGOSTO/89	JULHO/90	AGOSTO/90
RENDIMENTO MEDIO NOMINAL (CRUZEIROS): (*)			
PESSOAS OCUPADAS	696,08	22.380,73	25.774,01
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	684,30	21.171,02	24.344,81
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	551,13	17.707,39	22.079,09
CONTA-PROPRIA	525,37	16.376,01	19.893,43
EMPREGADORES	2.189,34	74.344,02	75.366,63
RENDIMENTO MEDIO REAL (CZ\$1.000,00 - MAR/86) (*) (**)			
PESSOAS OCUPADAS	2,33	2,14	2,19
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	2,29	2,02	2,07
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	1,84	1,69	1,88
CONTA-PROPRIA	1,76	1,56	1,69
EMPREGADORES	7,34	7,11	6,43
INDICE DO RENDIMENTO MEDIO REAL (MARÇO/86 = 100)			
PESSOAS OCUPADAS	102,96	94,56	96,77
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	91,52	80,73	82,73
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	126,02	115,75	128,76
CONTA-PROPRIA	112,67	99,87	108,19
EMPREGADORES	117,04	113,37	102,53

(*) TRABALHO PRINCIPAL

(**) DEFLACIONADO PELO INPC (SERIE HISTORICA SEM EMPRESTIMO COMPULSORIO)



TABELA 14
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

IBGE - DPE
CEREN
PME

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA
REGIÃO METROPOLITANA: BELO HORIZONTE

IDADE MÍNIMA: 15 ANOS

E S T I M A T I V A S

	SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA)	3,01	3,64	3,84
SETOR DE ATIVIDADE:			
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	3,34	3,98	3,94
CONSTRUÇÃO CIVIL	3,69	3,18	4,01
COMÉRCIO	2,35	4,14	6,15
SERVIÇOS	2,61	2,80	2,87
OUTRAS ATIVIDADES	1,33	0,85	1,29
PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ	0,25	0,50	0,28
PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM	2,75	3,14	3,55
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (30 DIAS)	3,37	4,09	4,20
CHEFES DE DÔMICÍLIOS DESEMPREGADOS, EM RELAÇÃO AOS DESEMPREGADOS	21,42	21,56	21,62
TAXA DE ATIVIDADE	63,45	64,83	64,69



IBGE - DPE
DEREN
PME

TABELA 15
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA
REGIÃO METROPOLITANA: BELO HORIZONTE

IDADE MÍNIMA: 15 ANOS

ESTIMATIVAS	SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA:			
SETOR DE ATIVIDADE:			
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	19,73	19,36	19,63
CONSTRUÇÃO CIVIL	10,52	9,83	10,06
COMÉRCIO	12,94	14,35	13,95
SERVIÇOS	49,56	49,58	49,30
OUTRAS ATIVIDADES	7,22	6,85	7,05
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:			
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	56,71	54,18	54,30
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	19,48	20,08	19,72
CONTA-PRÓPRIA	18,68	19,88	19,57
EMPREGADORES	4,47	5,44	5,37
TRABALHANDO DE 40 A 48 HORAS POR FAIXA DE RENDIMENTO: (*)			
RECEBENDO MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	4,01	3,29	2,85
RECEBENDO DE 1 A MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS	25,83	21,07	20,10
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA: (*)			
CONTA-PRÓPRIA SEM RENDIMENTOS	1,65	1,82	1,58
CONTA-PRÓPRIA COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	5,19	4,49	4,42
DESOCUPADOS, OCUPADOS SEM RENDIMENTOS E OCUPADOS COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	20,14	19,11	18,24

(*) TODOS OS TRABALHOS

TABELA 16
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: RIO DE JANEIRO	IDADE MÍNIMA: 15 ANOS		
	SETEMBRO/89	AGOSTO/90	SETEMBRO/90
E S T I M A T I V A S			
POPULAÇÃO RESIDENTE	8.045.766	8.295.144	8.280.724
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA	4.677.115	4.919.391	4.918.869
POPULAÇÃO OCUPADA	4.555.978	4.746.486	4.749.188
POPULAÇÃO OCUPADA POR SETOR DE ATIVIDADE:			
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	808.067	772.027	787.643
CONSTRUÇÃO CIVIL	347.898	371.849	378.770
COMÉRCIO	603.220	647.529	676.168
SERVIÇOS	2.368.723	2.526.451	2.483.690
OUTRAS ATIVIDADES	428.070	428.630	422.918
POPULAÇÃO OCUPADA POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:			
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	2.496.002	2.495.223	2.470.858
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	962.874	1.040.807	1.051.030
CONTA-PRÓPRIA	900.757	989.536	995.860
EMPREGADORES	168.617	200.216	196.206
POPULAÇÃO DESOCUPADA	121.138	172.904	169.681
POPULAÇÃO DESOCUPADA SEM TRABALHO ANTERIOR	5.788	16.099	13.085
POPULAÇÃO DESOCUPADA COM TRABALHO ANTERIOR	115.350	156.805	156.596

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: RIO DE JANEIRO	IDADE MINIMA: 15 ANOS		
	AGOSTO/89	JULHO/90	AGOSTO/91
E S T I M A T I V A S			
RENDIMENTO MEDIO NOMINAL (CRUZEIROS): (*)			
PESSOAS OCUPADAS	719,02	24.272,78	26.687,45
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	735,13	24.149,70	27.279,64
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	572,44	18.259,77	20.366,63
CONTA-PRÓPRIA	523,68	17.482,15	19.815,53
EMPREGADORES	2.537,92	98.348,92	95.720,14
RENDIMENTO MEDIO REAL (CZ\$1.000,00 - MAR/86) (*) (**)			
PESSOAS OCUPADAS	2,41	2,32	2,27
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	2,46	2,31	2,32
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	1,92	1,74	1,73
CONTA-PRÓPRIA	1,75	1,67	1,69
EMPREGADORES	8,51	9,41	8,16
INDICE DO RENDIMENTO MEDIO REAL (MARCO/86 = 100)			
PESSOAS OCUPADAS	104,87	100,95	98,78
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	100,32	94,20	94,61
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	103,17	93,49	92,96
CONTA-PRÓPRIA	110,97	105,89	107,16
EMPREGADORES	133,38	147,49	127,89

(*) TRABALHO PRINCIPAL
(**) DEFLACIONADO PELO INPC (SERIE HISTORICA SEM EMPRESTIMO COMPULSORIO)



IBGE - DPE
DEREN
PME

TABELA 18
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: RIO DE JANEIRO	IDADE MÍNIMA: 15 ANOS			
	SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)	
E S T I M A T I V A S				
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA)	2,59	3,51	3,44	
SETOR DE ATIVIDADE:				
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	3,19	4,88	4,27	
CONSTRUÇÃO CIVIL	3,68	4,54	3,59	
COMÉRCIO	3,21	3,51	3,89	
SERVIÇOS	2,13	2,69	2,82	
OUTRAS ATIVIDADES	0,85	1,21	1,51	
PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ	0,12	0,32	0,26	
PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM	2,46	3,18	3,18	
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (30 DIAS)	2,79	3,85	3,77	
CHEFES DE DOMÍLIOS DESOCUPADOS, EM RELAÇÃO AOS DESOCUPADOS	21,54	28,53	29,39	
TAXA DE ATIVIDADE	58,13	59,30	59,40	

E S T I M A T I V A S		IDADE MÍNIMA: 15 ANOS		
PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: RIO DE JANEIRO		SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA:				
SETOR DE ATIVIDADE:				
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO		17,73	16,26	16,58
CONSTRUÇÃO CIVIL		7,63	7,83	7,97
COMÉRCIO		13,24	13,64	14,23
SERVIÇOS		51,99	53,22	52,29
OUTRAS ATIVIDADES		9,39	9,03	8,90
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:				
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA		54,78	52,56	52,02
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA		21,13	21,92	22,13
CONTA-PRÓPRIA		19,77	20,84	20,96
EMPREGADORES		3,70	4,22	4,13
TRABALHANDO DE 40 A 48 HORAS, POR FAIXA DE RENDIMENTO: (*)				
RECEBENDO MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO		3,66	3,60	2,95
RECEBENDO DE 1 A MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS		24,09	19,81	18,17
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA: (*)				
CONTA-PRÓPRIA SEM RENDIMENTOS		0,52	0,47	0,39
CONTA-PRÓPRIA COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO		4,52	4,02	4,05
DESOCUPADOS, OCUPADOS SEM RENDIMENTOS E OCUPADOS COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO		14,95	15,41	15,09

(*) TODOS OS TRABALHOS

TABELA 20
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: SÃO PAULO	IDADE MINIMA: 15 ANOS			
	SETEMBRO/89	AGOSTO/90	SETEMBRO/90	SETEMBRO/90
E S T I M A T I V A S				
POPULAÇÃO RESIDENTE	11.816.635	12.233.214	12.223.200	
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA	7.629.152	7.923.907	7.991.804	
POPULAÇÃO OCUPADA	7.376.717	7.535.967	7.620.662	
POPULAÇÃO OCUPADA POR SETOR DE ATIVIDADE:				
INDUSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	2.447.147	2.451.594	2.391.803	
CONSTRUÇÃO CIVIL	483.297	460.920	482.271	
COMÉRCIO	1.005.787	993.128	1.077.046	
SERVIÇOS	3.136.803	3.320.464	3.360.483	
OUTRAS ATIVIDADES	303.683	309.760	309.058	
POPULAÇÃO OCUPADA POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:				
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	4.618.586	4.496.363	4.491.539	
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	1.227.662	1.410.076	1.478.235	
CONTA-PRÓPRIA	1.113.770	1.193.038	1.212.148	
EMPREGADORES	343.111	357.010	367.307	
POPULAÇÃO DESOCUPADA	252.435	387.940	371.141	
POPULAÇÃO DESOCUPADA SEM TRABALHO ANTERIOR	12.178	30.127	20.522	
POPULAÇÃO DESOCUPADA COM TRABALHO ANTERIOR	240.257	357.813	350.620	

TABELA 21
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: SÃO PAULO	IDADE MÍNIMA: 15 ANOS		
	AGOSTO/89	JULHO/90	AGOSTO/90
E S T I M A T I V A S			
RENDIMENTO MÉDIO NOMINAL (CRUZEIROS): (*)			
PESSOAS OCUPADAS	1.024,80	31.916,64	36.930,71
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	952,28	30.154,55	34.135,89
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	732,29	24.480,99	27.981,87
CONTA-PRÓPRIA	877,89	27.026,58	32.583,11
EMPREGADORES	3.549,62	100.563,09	124.245,60
RENDIMENTO MÉDIO REAL (CZ\$1.000,00 - MAR/86) (*) (**)			
PESSOAS OCUPADAS	3,43	3,05	3,15
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	3,19	2,88	2,91
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	2,45	2,34	2,38
CONTA-PRÓPRIA	2,94	2,58	2,78
EMPREGADORES	11,90	9,62	10,60
ÍNDICE DO RENDIMENTO MÉDIO REAL (MARÇO/86 = 100)			
PESSOAS OCUPADAS	113,65	101,06	104,37
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	106,29	95,96	96,96
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	117,33	112,06	113,98
CONTA-PRÓPRIA	120,09	105,39	113,56
EMPREGADORES	128,92	104,22	114,84

(*) TRABALHO PRINCIPAL

(**) DEFLACIONADO PELO INPC (SÉRIE HISTÓRICA SEM EMPRÉSTIMO COMPULSÓRIO)

TABELA 22
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: SÃO PAULO		IDADE MÍNIMA: 15 ANOS		
E S T I M A T I V A S		SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA)		3,30	4,89	4,64
SETOR DE ATIVIDADE:				
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO		4,02	5,60	5,56
CONSTRUÇÃO CIVIL		1,77	5,97	5,04
COMÉRCIO		3,90	5,22	4,71
SERVIÇOS		2,48	3,64	3,55
OUTRAS ATIVIDADES		2,59	0,87	1,99
PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ		0,15	0,38	0,25
PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM		3,14	4,51	4,38
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (30 DIAS)		3,47	5,23	4,97
CHEFFES DE DOMÍLIOS DESOCUPADOS, EM RELAÇÃO AOS DESOCUPADOS		26,63	28,82	27,11
TAXA DE ATIVIDADE		64,56	64,77	65,38

TABELA 23
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: SÃO PAULO	IDADE MINIMA: 15 ANOS		
E S T I M A T I V A S	SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA:			
SETOR DE ATIVIDADE:			
INDUSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	33,17	32,53	31,38
CONSTRUÇÃO CIVIL	6,55	6,11	6,32
COMERCIO	13,63	13,17	14,13
SERVIÇOS	42,52	44,06	44,09
OUTRAS ATIVIDADES	4,11	4,11	4,05
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:			
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	62,61	59,66	58,93
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	16,64	18,71	19,39
CONTA-PRÓPRIA	15,09	15,83	15,90
EMPREGADORES	4,55	4,74	4,82
TRABALHANDO DE 40 A 48 HORAS, POR FAIXA DE RENDIMENTO: (**)			
RECEBENDO MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	1,87	1,50	1,45
RECEBENDO DE 1 A MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS	14,79	9,66	9,38
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA: (*)			
CONTA-PRÓPRIA SEM RENDIMENTOS	0,67	0,86	0,58
CONTA-PRÓPRIA COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	1,56	1,11	1,29
DESOCUPADOS, OCUPADOS SEM RENDIMENTOS E OCUPADOS COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	12,26	13,25	12,19

(*) TOROS OS TRABALHOS

TABELA 24
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA
REGIÃO METROPOLITANA: PORTO ALEGRE

IDADE MÍNIMA: 15 ANOS

E S T I M A T I V A S

	SETEMBRO/89	AGOSTO/90	SETEMBRO/90
POPULAÇÃO RESIDENTE	2.091.828	2.146.930	2.144.198
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA	1.310.182	1.385.100	1.384.362
POPULAÇÃO OCUPADA	1.282.933	1.330.409	1.332.808
POPULAÇÃO OCUPADA POR SETOR DE ATIVIDADE:			
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	347.578	315.822	331.771
CONSTRUÇÃO CIVIL	76.471	82.769	85.710
COMÉRCIO	194.226	197.170	189.260
SERVIÇOS	560.878	613.000	608.016
OUTRAS ATIVIDADES	103.781	121.649	118.051
POPULAÇÃO OCUPADA POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO:			
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	782.430	760.364	768.243
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	205.420	232.028	231.142
CUNTA-PRÓPRIA	215.590	247.851	252.468
EMPREGADORES	63.524	72.242	66.501
POPULAÇÃO DESOCUPADA	27.248	54.691	51.554
POPULAÇÃO DESOCUPADA SEM TRABALHO ANTERIOR	1.367	3.587	1.731
POPULAÇÃO DESOCUPADA COM TRABALHO ANTERIOR	25.881	51.104	49.823

TABELA 25
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: PORTO ALEGRE	E S T I M A T I V A S			IDADE MÍNIMA: 15 ANOS	
	AGOSTO/89	JULHO/90	AGOSTO/90	JULHO/90	AGOSTO/90
RENDIMENTO MÍDIO NOMINAL (CRUZEIROS): (*)					
PESSOAS OCUPADAS	879,16	27.109,71	30.791,29		
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	834,44	24.069,89	27.567,14		
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	828,24	28.133,84	31.861,81		
CONTA-PRÓPRIA	749,21	22.086,01	26.173,05		
EMPREGADORES	2.015,29	74.609,82	82.582,95		
RENDIMENTO MÍDIO REAL (CZ\$1.000,00 - MAR/86) (*) (**)					
PESSOAS OCUPADAS	2,94	2,59	2,62		
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	2,79	2,30	2,35		
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	2,77	2,69	2,71		
CONTA-PRÓPRIA	2,51	2,11	2,23		
EMPREGADORES	6,76	7,14	7,04		
ÍNDICE DO RENDIMENTO MÍDIO REAL (MARÇO/86 = 100)					
PESSOAS OCUPADAS	113,03	99,57	100,73		
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	114,25	94,18	96,23		
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	102,78	99,81	100,55		
CONTA-PRÓPRIA	122,08	102,62	108,46		
EMPREGADORES	95,80	101,19	99,77		

(*) TRABALHO PRINCIPAL
(**) DEFLACIONADO PELO INPC (SÉRIE HISTÓRICA SEM EMPRESTIMO COMPULSORIO)

E S T I M A T I V A S	IDADE MINIMA: 15 ANOS		
	SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA REGIÃO METROPOLITANA: PORTO ALEGRE			
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA)	2,07	3,94	3,72
SETOR DE ATIVIDADE:			
INDUSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	2,25	5,23	4,05
CONSTRUÇÃO CIVIL	2,61	4,11	2,67
COMERCIO	2,63	3,89	5,06
SERVIÇOS	1,67	3,27	3,43
OUTRAS ATIVIDADES	0,95	1,10	1,27
PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ	0,10	0,25	0,12
PESSOAS QUE JA TRABALHARAM	1,97	3,68	3,59
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (30 DIAS)	2,20	4,32	3,98
CHIEFES DE DOMICILIOS DESOCUPADOS, EM RELAÇÃO AOS DESOCUPADOS	25,16	30,91	29,97
TAXA DE ATIVIDADE	62,63	64,51	64,56

TABELA 27
ESTIMATIVAS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO
SETEMBRO - 1990

PERÍODO DE REFERÊNCIA: SEMANA
REGIÃO METROPOLITANA: PORTO ALEGRE

E S T I M A T I V A S

IDADE MÍNIMA: 15 ANOS

	SETEMBRO/89 (%)	AGOSTO/90 (%)	SETEMBRO/90 (%)
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA:			
SETOR DE ATIVIDADE:			
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	27,09	23,73	24,89
CONSTRUÇÃO CIVIL	5,96	6,22	6,43
COMÉRCIO	15,13	14,82	14,20
SERVIÇOS	43,71	46,07	45,61
OUTRAS ATIVIDADES	8,08	9,14	8,85
POSICÃO NA OCUPAÇÃO:			
EMPREGADOS COM CARTEIRA ASSINADA	60,98	57,15	57,64
EMPREGADOS SEM CARTEIRA ASSINADA	16,01	17,44	17,34
CONTA-PRÓPRIA	16,80	18,62	18,94
EMPREGADORES	4,95	5,43	4,99
TRABALHANDO DE 40 A 48 HORAS, POR FATXA DE RENDIMENTO: (*)			
RECEBENDO MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	1,85	1,64	1,60
RECEBENDO DE 1 A MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS	18,55	15,41	13,76
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA: (*)			
CONTA-PRÓPRIA SEM RENDIMENTOS	0,88	1,32	1,25
CONTA-PRÓPRIA COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	2,38	2,30	2,56
DESOCUPADOS, OCUPADOS SEM RENDIMENTOS E OCUPADOS COM MENOS DE 1 SALÁRIO MÍNIMO	11,58	14,27	13,39

(*) TODOS OS TRABALHOS

**INDICADORES
CONJUNTURAIS
DA INDÚSTRIA**

COMENTÁRIOS

A atividade industrial do país manteve, em setembro, sua trajetória de taxas negativas, ao apresentar uma queda de -7,5% com relação a igual mês do ano passado, atingindo com isto, um recuo no terceiro trimestre do ano da ordem de -8,1%, comparativamente a idêntico período de 1989. Este resultado, embora situando-se dentro os menores já registrados pelo setor a partir de 1982 (vide tabela 1), expressa, no entanto, uma sensível melhora diante do desempenho do trimestre anterior, cuja redução atingiu a taxa de -17,7%.

Com relação ao mês anterior, a performance também foi negativa, com o índice de Base Fixa Ajustado Sazonalmente apontando um decréscimo de -0,8% em setembro, depois de dois meses com resultados positivos: julho (7,1%) e agosto (0,6%). Na verdade, o que a trajetória dos níveis de produção indica é que, passados os primeiros impactos do Plano Collor, cujos reflexos se concentraram no segundo trimestre do ano, a atividade industrial vêm tendendo a se estabilizar, nos últimos três meses, em um novo patamar de produção, um pouco abaixo dos 20% de crescimento com relação à média de 1981 (gráfico 1).

No resultado mensal apenas dois gêneros apontaram crescimento: extrativa mineral (2,8%) e farmacêutica (7,1%). Entre os negativos as maiores contribuições situaram-se em mecânica (-19,3%), metalúrgica (-13,3%), material de transporte (-13,5%) e vestuário, calçados e artigos de tecidos (-14,1%) que, em conjunto, participaram com -5,4 pontos percentuais no estabelecimento da taxa global de -7,5%. Os principais produtos responsáveis foram, respectivamente, transportadores mecânicos de correia ou esteira; latas para embalagem de alimentos e bebidas; navios de grande porte; e blusas, blusões e camisas esportivas de tecidos.

A nível de categorias de uso, ainda com relação ao indicador mensal, o pior desempenho situou-se no grupo de Bens de Capital (-16,4%), seguido por Bens de Consumo não Durável (-6,0%) e Bens Intermediários (-5,9%), sendo que os dois primeiros aprofundaram o ritmo de queda de agosto para setembro. A melhor performance ficou com a categoria dos Bens de Consumo Durável, com declínio de apenas 0,4%, contribuindo para isto a recuperação da produção de automóveis e camionetas (-0,5%), bem como o bom desempenho do subsector de TV, rádio e som (10,8%).

Dos quarenta e nove subsectores pesquisados, apenas treze registraram expansão nesse mês (contra dezesseis em julho e quinze em agosto), o que denuncia um certo agravamento em termos de propagação do processo contracionista da atividade industrial. Apesar disto, alguns destes segmentos revelaram expressivo desempenho como, por exemplo, os de adubos e fertilizantes (-17,7%), TV, rádio e som (10,8%) e laticínios (11,0%). As maiores reduções ocorreram na indústria naval (-69,7%), máquinas agrícolas (-32,2%), vidro e artefatos de vidro (-18,8%) e tijolos e artefatos de barro (-18,3%). Nos dois últimos grupos os maiores retrações ocorreram em produtos específicos da Construção Civil, que são os casos de vidro plano e azulejos.

A produção acumulada no ano permaneceu estável em seu nível de queda, atingindo no período janeiro-setembro, um declínio de -8,1%, taxa que vêm se repetindo nos últimos três meses. Extrativa mineral (3,5%), produtos alimentares (3,4%) e bebidas (0,7%), são os únicos segmentos que ainda mantêm resultados positivos neste tipo de comparação.

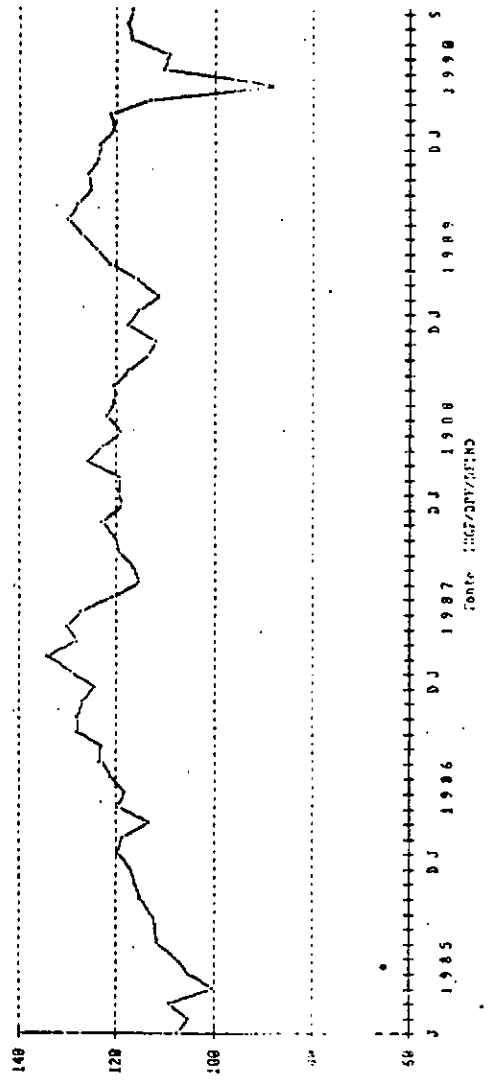
TABELA 1
BRASIL
INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
INDICES TRIMESTRAIS
(Base: Igual período do ano anterior = 100)

ANOS	TRIMESTRES			
	1o. Trim.	2o. Trim.	3o. Trim.	4o. Trim.
1982	89,8	101,8	106,3	102,4
1983	95,4	92,3	92,2	99,8
1984	104,4	106,9	108,0	108,9
1985	109,1	102,8	110,1	111,7
1986	109,0	114,8	111,6	108,7
1987	110,8	105,0	94,5	95,5
1988	94,3	96,1	102,6	93,7
1989	92,9	102,7	106,3	108,8
1990	103,2	82,3		

Fonte: IBGE/OPÉ/DE/IND.

Já o indicador acumulado dos últimos doze meses continua firme no seu movimento descendente, registrando até setembro uma redução de -4,0%. Permanecendo a Parfor - mance mensal observada nos últimos três meses (em torno de -8%) - hipótese bastante provável já que o atual quadro reatritivo de política econômica se manterá - a indústria nacional apresentaria em 1990 um desempenho ainda acima do resultado de 1981 (-10,2%), que foi o mais fraco dos anos 80.

GRÁFICO 1
INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE BASE FIXA COM AJUSTE SAZONAL
(BASE: MÉDIA DE 1981-1988)



Fonte: IBGE/OPÉ/DE/IND.

COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CIRCULANTE DA INDÚSTRIA GERAL
 INDICADOR ACUMULADO SEGUNDO OS GÊNEROS DA INDÚSTRIA

JANEIRO - SETEMBRO 1970

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS
EXTRATIVA MINERAL	0.16	POUMPEO BRUTO SAL MARINHO
MIN. NÃO METÁLICOS	0.51	AZULHO DUCORADO REBUIOS DE ESMERIL / METAIS COMUNS
METALURGICA	1.42	LATAS P/EMBALAGEM DE PRODUTOS ALIMENTARES E BEBIDAS PLACAS DE AÇO COMUM
MECANICA	1.32	TRANSPORTADORES MECANICOS DE CORREIA OU FSTIEIRA PULVERIZADORES
MAT. ELETRICO E COM.	0.19	FIOS, CARDS E COND. DE COBRE, ISOLANTES, C/OU S/LAMA DE AÇO ESTACOES TELEFONICAS
MAT. TRANSPORTE	1.42	AUTOMOVEIS P/PASSAGEIROS NAVIOS DE GRANDE PORTE
PAPEL E PAPELAO	0.16	CAIXAS DE PAPELAO CORRUGADO SACOS DE PAPEL KRAFT - EXCL. MULTIFOLHADOS
BORRACHA	0.08	CIAPAS OU PLACAS DE BORRACHA, MICROFOSAS OU NAO MANQUEIRAS, CANOS E TUBOS DE BORRACHA
QUIMICA	1.62	FERTILIZANTES COMPOSTOS NPK ALCOOL ANIDRO
FARMACEUTICA	0.20	GENICOS E RECONSTITUENTES ANTIRIOTICOS - INCL. TRIMETOPRIM
PERF. SABOES, VELAS	0.04	TALCO PERFUMADO E ANTI-SEPTICO DETERGENTES P/USO INDUSTRIAL
PROD. MAT. PLASTICAS	0.48	ARTIG. DE MATL. PLASTICO F/MESA, CUPA E OUT. USOS DOMESTICOS SACOS E SACOLAS DE MATL. PLASTICO
TEXTIL	0.56	TECIDOS ACABADOS OU BENEFICIADOS, DE ALGODAO TECIDOS ACABADOS OU BENEFICIADOS, ARTIFICIAIS OU SINTETICOS
VEST. CALÇ. ART. TEC.	0.53	SAPATOS, SANDALIAS E BOTAS DE COURO P./SENHORAS CALÇAS COMPRIDAS DE TECIDOS - INCL. TEC. DE MALHA
PROD. ALIMENTARES	0.32	SUCO E CONCENTRADO DE LARANJA ACUCAR CRISTAL
BEBIDAS	0.01	CERVEJAS - INCL. GHØPE VINHOS DE UVA, PRO. DIRET. DA UVA, LICOROSOS - INCL. VERNUTE
FUMO	0.03	FUMO EM FOIHA BENEFICIADO (SECO OU DEFUMADO) CIGARROS
INDUSTRIA GERAL	8.08	

IBGE

31/10/90

(1) $C = (I - 100) / K$, ONDE C = PARTICIPAÇÃO DO GÊNERO NA FORMAÇÃO DO TOTAL DA TAXA DE CIRCULANTE, I = INDICADOR DO GÊNERO E K = PÊSO DO GÊNERO NO TOTAL DA INDÚSTRIA GERAL

(*) FORAM DESTACADOS EM CADA GÊNERO, OS DOIS PRINCIPAIS PRODUTOS RESPONSÁVEIS PELO INDICADOR



1990

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSE E GÊNEROS	BASE FIJA GERAL		MENSAL		ACUMULADO			12 MESES				
	JUL	AGO	JUL	AGO	JAN-JUL	JAN-AGO	MAI-SET	ATE JUL	ATE AGO	ATE SET		
		SET		SET								
INDUSTRIA GERAL	125,32	132,86	125,27	91,75	91,62	92,46	91,91	91,87	91,94	98,65	97,12	96,02
EXTRATIVA MINERAL	195,16	201,50	204,43	99,07	99,30	102,77	104,25	103,59	103,49	106,36	105,54	104,93
IND. TRANSFORMAÇÃO	123,21	130,81	122,87	91,43	91,29	92,00	91,30	91,30	91,39	96,29	96,71	95,59
MIN. NÃO METALICOS	106,53	109,43	102,82	91,24	91,54	91,01	90,41	90,57	90,63	93,17	96,47	95,02
METALURGICA	121,85	127,97	120,97	87,43	86,54	86,72	90,39	89,83	89,46	93,08	96,61	94,61
METALURGICA BASICA	119,83	125,34	123,99	88,04	86,85	88,92	88,84	88,56	88,60	95,65	94,11	92,94
OUTROS PROD. METALUR	125,09	132,20	116,14	86,50	86,07	83,21	92,98	91,92	90,86	105,11	100,90	97,43
MECANICA	115,09	123,95	105,97	88,58	89,19	80,70	87,87	88,07	87,17	93,94	95,92	92,87
MAT. ELETRICO E COM	139,63	153,71	140,58	96,44	93,07	98,34	98,09	97,29	97,43	103,92	101,87	100,94
MAT. TRANSPORTE	84,48	117,10	107,02	67,14	83,78	85,48	80,39	80,92	81,60	89,85	87,87	86,39
AUTOVEICULOS	89,72	136,33	122,40	63,72	87,50	92,24	79,87	81,09	82,42	89,30	87,63	86,51
OUTROS PROD. TRANSP.	76,11	79,13	76,66	76,60	73,21	72,27	81,75	80,48	79,44	91,35	88,48	85,79
PAPEL E PAPELÃO	153,75	156,52	145,21	99,77	99,08	96,25	95,36	95,87	95,91	100,16	99,61	98,78
BORRACHA	147,78	152,99	143,08	100,17	104,29	97,28	94,60	95,94	95,10	97,10	97,58	97,19
QUIMICA	146,54	146,83	147,52	93,66	90,34	97,90	89,16	89,35	90,47	94,66	93,99	94,37
PETROQ. REF/DEST. CAR	125,29	129,69	124,69	103,28	100,58	96,43	94,77	95,54	95,65	97,52	97,62	97,43
OUTROS PROD. QUIM.	160,51	158,09	162,52	89,40	85,64	98,66	85,52	85,54	87,36	92,97	91,83	92,55
FARMACEUTICA	128,59	134,82	123,44	88,48	89,99	107,21	85,70	86,37	86,68	97,21	94,45	94,91
PERF. SABOES, VELAS	192,31	179,31	164,79	98,03	92,65	93,84	97,73	96,99	96,61	107,57	103,41	100,74
PROD. MAT. PLASTICAS	140,92	146,51	133,05	86,54	86,20	87,21	83,52	83,94	84,34	95,33	91,98	89,67
TEXTIL	113,87	118,24	106,74	96,32	95,07	92,73	90,47	91,12	91,31	95,34	94,58	93,90
VEST. CALÇ. ART. TEC.	88,68	92,31	84,45	91,99	85,81	85,87	86,48	86,38	86,32	94,43	92,22	90,71
PROD. ALIMENTARES	124,62	135,32	127,66	103,75	101,76	97,25	104,92	104,40	103,40	106,78	107,06	106,62
BEBIDAS	137,41	143,18	142,67	98,80	95,17	95,31	102,43	101,43	100,70	108,67	106,46	104,81
FUMO	122,78	94,22	83,92	87,39	96,44	99,90	96,80	96,78	96,96	97,27	96,86	97,52

18GE

31/10/90



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIAS DE USU - BRASIL

1990

PODERAÇÃO CI-80

C A T E G O R I A S D E U S O	BASE FIXA MENSAL		MENSAL			ACUMULADO			12 MESES			
	JUL	AGO	JUL	AGO	SET	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SET	ATE JUL	ATE AGO	ATE SET	
BENS DE CAPITAL	92.59	107.84	98.04	79.26	85.76	83.63	88.19	87.81	87.28	97.27	94.56	92.15
BENS INTERMEDIARIOS	133.07	136.43	132.58	92.59	91.03	94.09	91.80	91.69	91.98	97.91	96.63	95.83
BENS DE CONSUMO	125.86	137.19	126.54	95.00	95.56	95.07	94.07	94.30	94.30	99.82	98.62	97.88
CONS. DURAVEL	178.49	160.88	148.16	87.06	94.40	99.63	90.15	90.83	91.91	95.59	94.15	93.29
CONS. NÃO DURAVEL	125.31	132.23	122.01	96.89	95.87	93.98	95.02	95.15	95.00	100.87	99.72	98.87

IBGE

31/10/90

1990

PONDERAÇÃO CÍ-RI

SETORES DA MATRIZ E SUAS RELACIONES INTERSETORIAIS 1975	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES			
	JUN	AGO	SET	JUL	AGO	SET	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SET	MAI	JUL	ATE AGO	ATE SET
EXT. MIN. METALICOS	127,89	118,03	124,68	97,98	86,69	90,15	96,30	95,06	94,48	98,31	97,29	96,31	96,31
EXT. PETROLEO E GAS NAT	283,06	288,92	291,28	101,03	101,21	103,98	107,65	106,78	106,45	110,71	109,65	108,85	108,85
EXT. CARVÃO MINERAL	50,49	91,63	85,48	58,51	90,69	107,46	83,92	84,91	87,24	84,63	83,09	83,77	83,77
CIMENTO	103,30	103,06	104,65	98,46	96,35	107,47	96,58	96,55	97,83	99,73	98,67	99,30	99,30
VIDRO E ART. DE VIDRO	112,11	119,55	114,00	80,99	88,23	81,21	86,63	86,86	86,13	100,21	97,86	94,18	94,18
ART. CIMENTO E CONCRETO	115,53	117,06	97,43	95,81	95,97	84,65	94,96	95,11	93,80	101,99	99,73	96,80	96,80
TIJOLOS E ART. DE BARRO	109,62	115,81	105,35	85,70	86,60	81,70	83,24	83,70	83,47	94,91	93,02	91,03	91,03
GUSA	146,53	134,12	160,83	78,18	67,08	84,54	82,54	81,33	81,69	91,46	88,45	87,15	87,15
AÇO FERRO-LIG. FORM. PRI	130,25	130,71	141,64	81,70	77,17	86,31	81,79	81,21	81,76	86,79	85,46	85,48	85,48
LAMINADOS DE AÇO	112,68	122,04	123,92	85,04	90,75	90,73	89,83	89,95	90,04	96,34	95,41	94,01	94,01
FUNDIDOS E FORJ. DE AÇO	112,35	119,81	111,90	93,80	87,18	89,81	92,92	92,03	91,76	97,55	95,96	95,14	95,14
TREFILADOS	130,66	134,93	116,88	101,62	97,21	88,98	93,40	99,05	97,76	108,43	105,16	103,44	103,44
MOTORES E BOMBAS	141,02	135,35	133,48	90,70	77,39	81,59	110,99	104,82	101,41	122,04	114,51	109,17	109,17
MAQUINAS AGRICOLAS	98,90	99,09	83,43	82,32	85,73	67,82	68,45	70,54	70,23	97,10	83,99	79,81	79,81
TRATORES E MAQ. RODOV.	129,04	137,12	104,43	92,16	103,54	84,39	87,18	90,04	89,25	92,72	91,83	89,17	89,17
EQ. P/ESCRIT. E USO DOM.	175,74	189,26	165,58	99,50	100,64	91,64	96,53	97,16	96,45	104,74	102,50	100,73	100,73
EQ. P/ENERGIA ELETRICA	133,52	136,10	136,44	95,25	95,32	103,91	90,91	91,55	93,01	94,22	94,08	94,30	94,30
CONDUTORES ELETRICOS	98,70	109,88	99,75	76,82	83,72	82,57	81,20	81,59	81,71	97,47	93,47	90,57	90,57
MAT. ELET. - EXCL. P/VEIC.	149,90	153,53	137,10	101,15	88,33	88,89	100,88	98,79	97,51	111,06	107,63	104,53	104,53
MAT. ELET. P/VETICULOS	141,55	143,97	129,00	95,87	90,50	90,79	89,74	89,85	89,96	101,97	99,27	95,93	95,93
MOTORES E APAR. ELET.	141,48	166,51	148,19	91,02	92,81	84,79	102,60	100,90	98,56	104,47	102,30	100,69	100,69
RECEPT. TV, RADIO E SOM	165,81	188,55	182,65	109,18	97,93	110,79	107,24	105,68	106,32	107,33	105,67	106,33	106,33
AUTOMOV. E CAMIONETAS	89,73	152,95	134,95	61,26	91,81	99,52	77,16	79,43	81,69	85,00	84,07	84,04	84,04
CAMINHÕES E ONIBUS	73,77	111,10	103,85	59,29	82,77	87,46	83,59	83,45	83,96	93,03	90,62	89,75	89,75
MOTORES E AUTOPEÇAS	113,53	145,88	130,30	76,73	88,06	89,32	80,85	81,96	82,85	91,58	89,74	88,46	88,46

IBGE

31/10/90

1990

PONDERAÇÃO CI-80

SETORES (A MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSECTORIAIS 1975)	BASE FIXA MENSAL			ANUAL			ACUMULADO			12 MESES			
	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SET	ATF	JUL	AGO	SET
INDUSTRIA NAVAL	23,55	19,40	19,71	40,62	28,30	30,28	75,30	67,98	63,12	89,70	81,55	74,78	
CELULOSE E PAST.MECAN.	145,78	142,99	135,74	99,36	110,74	105,54	97,38	98,91	99,59	97,55	99,52	100,35	
PAPEL E PAPELÃO	175,38	179,66	170,21	100,57	100,76	100,61	97,01	97,51	97,86	99,35	99,19	99,23	
ART.PAPEL E PAPELÃO	149,31	152,75	137,13	101,56	93,94	89,84	92,79	92,97	92,58	102,63	100,21	97,66	
PNEUMÁTICOS	138,58	148,30	143,36	101,26	111,94	102,05	98,72	100,45	100,64	98,35	100,22	100,43	
REFINO DE PETROLEO	119,01	124,30	119,29	103,17	101,21	95,85	95,92	96,62	96,54	98,06	98,28	98,21	
PETROQUIMICA	167,02	165,28	159,25	105,15	98,48	99,54	89,01	90,27	91,32	94,94	94,56	93,76	
RESINAS, FIBRAS E ELAST	158,67	160,32	162,65	95,94	96,33	100,47	87,94	89,09	90,43	94,98	94,52	94,25	
PIGMENTOS E TINTAS	152,03	169,80	147,75	94,68	97,42	91,42	90,07	91,21	91,24	101,53	98,71	95,48	
ADUBOS E FERTILIZANTES	99,13	111,60	114,79	74,60	82,38	117,73	63,95	67,03	72,47	69,82	71,37	76,51	
LAMINADOS PLASTICOS	159,81	165,48	152,41	89,13	92,55	90,30	87,24	88,01	88,29	98,01	95,79	93,59	
FIAC. E TECEL. TEXT. NAT.	114,08	118,31	107,98	95,26	95,58	92,81	91,42	92,00	92,09	96,11	95,48	94,94	
FIAC. E TECEL. TEXT. ART.	119,16	124,37	111,93	98,43	97,63	94,87	90,40	91,43	91,84	94,80	94,51	93,96	
CALÇADOS	98,94	105,25	92,31	87,90	84,83	85,38	79,86	80,58	81,12	88,32	80,39	85,42	
MOAGEM DE TRIGO	135,53	143,86	130,14	102,45	104,94	107,60	98,51	99,44	100,36	100,71	100,03	100,32	
ABATE E PREP. DE CARNE	89,25	90,07	72,07	97,11	110,59	93,29	94,99	96,75	96,41	96,80	99,46	99,66	
ABATE E PREPAR. DE AVES	156,54	159,83	151,38	111,40	105,35	100,70	112,05	111,14	109,90	111,13	111,33	110,62	
LATICINIOS	101,51	108,59	113,61	111,60	107,91	111,03	101,15	101,92	102,87	103,27	103,89	104,57	
USINAS DE AÇUCAR	135,70	147,96	153,84	108,54	102,72	99,91	117,44	113,33	110,24	100,07	104,20	107,37	
REFINO DE AÇUCAR	89,85	86,57	77,82	108,68	108,12	98,92	103,58	104,13	103,58	101,80	103,48	103,08	
REF. OLEOS, GORD. P/ALIM.	118,26	102,85	110,31	73,70	69,89	98,66	93,73	90,11	90,99	102,05	96,61	95,67	
PREP. ALIMENT. P/ANIMAIS	112,79	118,07	111,08	107,69	100,54	99,19	103,57	103,13	102,65	104,36	103,82	103,34	
CERVEJA, CHOPE E MALTE	139,91	151,82	150,79	99,73	100,03	97,79	104,33	103,76	103,06	109,38	107,54	106,19	
REFRIGERANTES	129,08	139,99	140,97	101,26	93,47	94,18	100,89	99,95	99,30	107,72	105,19	103,50	

IBGE

31/10/90



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA - BRASIL
 ÍNDICE BASE FIXA MENSAL (NÚMERO-ÍNDICE)
 BASE : MÉDIA DE 1981 = 100

ANOS 1990

PONDERAÇÃO CI-80 COM AJUSTAMENTO SAZONAL

CLASSES E GÊNEROS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGU	SET	OUT	NOV	DEZ
INDÚSTRIA GERAL	120.47	121.32	112.79	86.77	109.95	109.09	116.86	117.60	116.71			
EXTRATIVA MINERAL	198.51	200.71	201.67	195.91	192.50	194.64	193.13	197.36	205.44			
IND. TRANSFORMAÇÃO	118.12	118.92	110.10	83.47	107.46	106.50	114.56	115.19	114.03			
MIN. NÃO METÁLICOS	100.36	103.59	93.58	70.12	88.62	96.78	102.73	100.90	99.48			
METALÚRGICA	129.83	133.32	120.71	86.45	103.04	112.04	119.53	119.08	119.60			
METALÚRGICA BÁSICA	129.30	131.05	122.88	91.32	103.10	111.00	118.98	117.95	121.55			
OUTROS PROD. METALUR	130.68	136.93	117.24	78.66	102.94	113.70	120.41	122.45	116.46			
MECÂNICA	105.45	107.59	99.15	74.57	93.96	95.13	107.10	111.21	98.24			
MAT. ELÉTRICO E COM	144.68	149.32	129.48	95.24	128.40	114.46	132.96	132.94	138.96			
MAT. TRANSPORTE	110.34	105.59	98.78	48.01	101.52	72.10	83.29	100.01	104.81			
AUTOVEÍCULOS	122.47	117.47	107.44	39.54	113.88	72.84	88.33	114.59	122.41			
OUTROS PROD. TRANSP.	86.39	82.14	81.68	64.73	77.14	70.62	73.32	71.22	70.05			
PAPEL E PAPELÃO	150.84	148.07	137.52	108.94	132.71	139.41	152.04	148.54	145.87			
BORRACHA	145.46	140.73	124.86	75.39	122.32	132.67	146.31	142.84	136.32			
QUÍMICA	118.04	121.97	117.87	92.45	116.01	116.19	123.92	117.94	119.24			
PEQUEN. REF./DEST. CAR	101.40	118.34	114.87	101.75	122.49	118.24	122.50	121.38	117.34			
OUTROS PROD. QUÍM.	128.96	124.36	119.84	86.35	111.75	114.84	124.85	115.66	120.48			
FARMACÊUTICA	113.29	103.42	105.45	72.30	94.60	106.64	111.11	117.59	124.37			
PERF. SABÕES, VELAS	163.37	159.12	150.30	114.73	169.03	173.02	174.36	177.18	171.35			
PROD. MAT. PLÁSTICAS	131.30	123.87	111.16	76.24	110.46	120.71	131.35	129.75	126.00			
TEXTIL	104.79	105.18	98.92	73.08	99.32	105.66	107.06	105.43	103.84			
VEST. CALÇ., ART. TEC.	78.24	78.27	77.65	69.18	79.15	78.90	83.59	80.45	79.67			
PROD. ALIMENTARES	120.27	118.10	108.21	101.70	113.63	109.50	110.97	113.73	111.59			
BEBIDAS	148.91	151.18	130.10	127.56	149.70	142.29	148.58	144.04	141.99			
FUMO	129.34	139.51	140.53	128.60	136.67	126.21	140.31	133.15	134.13			

COMENTÁRIOS

Os indicadores regionalizados da atividade industrial referentes ao mês de setembro revelaram, para a maioria das regiões pesquisadas, que o comportamento do setor pouco se alterou diante dos resultados atingidos em agosto, tomando-se por base a trajetória do índice mensal. Com exceção das indústrias de Pernambuco e da Bahia que, a rigor, fugiram a este quadro, todos os outros locais apresentaram diferenças abaixo de três pontos percentuais entre os resultados dos dois últimos meses (tabela 1).

A melhor performance na relação setembro 90/setembro 89 coube às indústrias mineira e baiana, únicas a registrarem taxas positivas este mês, atingindo crescimento de 2,8% e 1,0%, respectivamente. Em Minas, o impacto negativo da metalúrgica (-6,6%) foi mais que compensado pelo excelente desempenho de produtos alimentares (26,9%), gênero que continua também favorecendo o resultado da Bahia, por intermédio do comportamento positivo das indústrias processadoras do cacau. Com desempenho acima da média brasileira (-7,5%) figuram, ainda, o Paraná (-3,5%) - onde a influência negativa da química foi quase contrabalançada pelas expressivas expansões de mecânica e papel e papelão - e região Nordeste (-5,4%), ficando os outros locais com resultados inferiores à taxa do país: São Paulo (-8,2%), Santa Catarina (-10,0%), Rio Grande do Sul (-10,2%), Rio de Janeiro (-10,5%) e Pernambuco (-17,8%). A fraca performance dos setores mecânico e metalúrgico traduziu-se no principal impacto negativo na formação das taxas de São Paulo e Rio Grande do Sul, enquanto a forte retração de material de transporte (indústria naval) vem despontando como a maior contribuição na queda da indústria fluminense. Ao contrário da Bahia, o declínio da indústria pernambucana foi basicamente explicado pela significativa redução dos segmentos de produtos alimentares e químico, ambos afetados pelo decréscimo de produção dos derivados da cana-de-açúcar. Finalmente, na determinação do desempenho de Santa Catarina, destacaram-se, além da metalúrgica, os subsetores extrativo e de minerais não metálico, atingidos, respectivamente, pelos decréscimos de carvão mineral e azulejos.

Em todas as regiões, o desempenho do terceiro trimestre elevou-se comparado com o do segundo; entretanto, com poucas exceções, os resultados do período jul-set ainda se estabeleceram em patamares bem inferiores aqueles apresentados no primeiro trimestre. Isto só não ocorreu nas indústrias da Bahia e de Minas Gerais (tabela 1), com a primeira revelando performance mais elevada no último trimestre, enquanto Minas praticamente repetiu o resultado alcançado nos três primeiros meses do ano. Tal fato, todavia, deveu-se mais ao fraco desempenho desses estados no período janeiro-março que a expressivos resultados no último trimestre.

PERNAMBUCO

Ao assinalar uma retração de -17,8% em setembro no indicador mensal, a indústria pernambucana registra uma aceleração do seu ritmo de queda e, conseqüentemente, aprofundando os resultados negativos dos índices acumulados, cujas taxas este mês alcançaram -11,1% no ano e -7,3% nos últimos doze meses. Este desempenho, o mais fraco dentre todas as regiões pesquisadas, deve-se não só à contração do mercado interno, proveniente das medidas econômicas de combate à inflação, mas também, embora em menor medida, ao atraso no processamento da produção da atual safra de cana-de-açúcar.

Na comparação contra o mesmo mês do ano anterior (-17,8%), a indústria registra, em setembro, uma acentuada perda de dinamismo em relação aos resultados mensais de agosto (-10,7%) e de julho (-3,3%). Dos nove setores com taxas negativas, oito aceleram o ritmo de queda e os principais destaques são produtos alimentares (-37,6%), química (-22,1%) e metalúrgica (-13,9%) que, agregados, respondem por -14,4 pontos do indicador mensal (-17,8%). Por outro lado, apenas fumo (19,6%) e papel e papelão (7,18%) apresentam crescimento neste tipo de comparação. Destaca-se neste mês, ainda, a fraca performance do complexo canavieiro (-61,2%) proveniente da pouca disponibilidade de matéria-prima, conforme informações obtidas junto às usinas.

Os indicadores acumulados no ano (-11,1%) e nos últimos doze meses (-7,3%) registram desempenho semelhante, no tocante à perda de dinamismo, em relação aos meses anteriores e, também, coincidem nos segmentos e produtos que mais impactaram no resultado final destas comparações - química (fibras de poliéster), produtos alimentares (açúcar refinado) e minerais não metálicos (cimento comum e pozolânico).

Os resultados trimestralizados apontam uma forte redução da atividade produtiva no período abr-jun (-24,0%) e uma melhora no terceiro trimestre (-10,9%), conforme pode ser observado na tabela 2. Entretanto, as taxas mensais do período jul-set indicam uma tendência de retorno do aprofundamento da retração industrial neste estado - julho (-3,3%), agosto (-10,7%) e setembro (-17,8%) - enquanto nas outras regiões, também fortemente afetadas pelas medidas contracionistas do Plano Collor (como São Paulo e Rio Grande do Sul), tal movimento é de desaceleração do ritmo de queda. Como os principais impactos na composição dos resultados mensais são dos produtos derivados da cana-de-açúcar (tabela 3), fica a expectativa quanto ao desempenho do complexo canavieiro no sentido da determinação de possíveis alterações na atual tendência deste parque fabril. Mesmo que tal complexo venha a atuar positivamente, ainda assim o fechamento do ano deverá ser marcado por taxas negativas, pois não há indícios de modificações nas atuais regras

econômicas para que possa ocorrer uma recuperação substancial da demanda interna e, também, das exportações.

BAHIA

A indústria baiana volta a revelar, em setembro, resultado positivo no indicador mensal. O crescimento de 1,0%, embora sendo suficiente para elevar o desempenho acumulado entre os dois últimos meses (de -3,0% em agosto para -2,6% neste mês), não possibilitou, entretanto, a queda da tendência declinante do indicador acumulado nos últimos doze meses, que passou de 3,3% em agosto para 1,6% em setembro.

Na comparação trimestral (tabela 4), observa-se que o desempenho do produto industrial do estado no período jul-set (-1,4%) estabeleceu-se em patamar mais favorável não só ao do segundo trimestre mas, também, ao do primeiro. Esta melhor performance da indústria no último trimestre é creditada aos setores metalúrgico (que passa de -13,4% em abr-jun para -1,5% em jul-set) e minerais não metálicos (de -21,0% para -6,0%); como justificativa para este desempenho, tem-se o maior incremento na produção, nos últimos meses, dos subsetores de tubos e canos de aço e pedra britada, respectivamente.

O gênero de material elétrico e de comunicações também teve participação na diminuição do movimento contracionista nesse terceiro trimestre, quando passa de -29,0% no período anterior para -12,3% de julho a setembro, apesar da taxa mensal de setembro para este segmento (-17,0%), ter "puxado" negativamente o resultado global, já que, os dois meses imediatamente anteriores (julho = -15,1% e agosto = -5,6%) situavam-se em níveis superiores à média de abr-jun. A queda do mês de setembro pode ser explicada fundamentalmente pela menor produção dos itens: eletrodos de grafita e bobinas de ignição.

Em termos da comparação anualizada, a variação de 1,6% contra 3,3% até agosto confirma o movimento de desaceleração do crescimento. Dentre os ramos pesquisados com taxas positivas destacam-se produtos alimentares (27,5%), metalúrgica (8,5%) e borracha (6,5%), sendo que somente o primeiro conseguiu manter esse comportamento no decorrer deste ano, com resultados progressivamente maiores. O impacto mais significativo sobre a taxa obtida por produtos alimentares é oriundo, basicamente, da expansão da produção de manteiga de cacau (52,2%) e chocolate amargo (27,8%).

Quanto ao indicador acumulado de janeiro a setembro, este assinala ainda variação negativa (-2,6%), porém superior a de agosto (-3,0%). Também nesta comparação, é de produtos alimentares (21,9%) a maior participação no resultado da indústria geral e, em menor escala, aparecendo

também a metalúrgica (3,0%). Por outro lado, observa-se a acentuada queda na performance de perfumaria (-20,5%), evidenciando um forte movimento contracionista iniciado em abril último.

A instabilidade demonstrada nos patamares alcançados pela produção mensal do estado está atrelada ao comportamento do setor químico que, tudo indica, vem reagindo às expectativas de comportamento do mercado, através de alternados movimentos de contração e expansão do seu nível de atividades, tendo como parcela decisiva a produção de derivados do petróleo.

MINAS GERAIS

Com crescimento de 2,8% no indicador mensal de setembro, a indústria mineira volta a apresentar, este mês, resultado positivo, até mesmo superando aquele verificado em agosto (1,6%); ambos os índices acumulados (no ano e nos últimos 12 meses) revelam melhora, passando de -3,1% em janeiro - agosto para -2,4% em janeiro - setembro, e de -0,9% até agosto para -0,5% até setembro, respectivamente.

Novamente o parque manufatureiro do estado destaca-se dentre os locais pesquisados (conforme o gráfico 1), indicando, à semelhança do ocorrido no mês anterior, o maior dinamismo de sua indústria, calculado, principalmente, no bom desempenho em setembro de produtos alimentares (26,9%), papel e papelão (128,9%), material elétrico e de comunicações (27,3%) e química (6,1%), estes listados de acordo com o impacto positivo decrescente sobre a formação da taxa mensal de 2,8%. No caso dos três primeiros gêneros, a explicação para tal performance reside, basicamente, nos mesmos elementos citados na análise do boletim de agosto, isto é, por conta da extensão do período de safra da cana-de-açúcar; em função do forte "feito-base"; e dada a concentração, no estado, da manufatura de fios, cabos e condutores de alumínio, para os gêneros respectivos; quanto à química, os aumentos da produção de álcool anidro e hidratado e de fertilizantes compostos NPK, este último expandindo-se pelo início do plantio da safra de verão, levaram o segmento a assumir a quarta posição em termos de impacto sobre o crescimento da produção industrial total, substituindo material de transporte (em agosto, o quarto maior impacto positivo).

Entretanto, apesar da taxa de crescimento do índice mensal, a comparação com agosto demonstra que a maior parte dos segmentos industriais diminui o ritmo de expansão em setembro - dos treze gêneros pesquisados, oito revelam decréscimo no indicador mês/mês anterior. Embora o padrão de sazonalidade da indústria retrate setembro como um vale entre dois picos de produção (agosto e outubro), motivado, em boa medida, pelo menor número de dias trabalhados, o fato é que a

consolidação dos resultados para o terceiro trimestre do ano indica uma certa retomada dos níveis de produção obtidos em 1989 para igual período (vide tabela 5), graças a boa evolução da indústria nos dois últimos meses. De fato, a tabela demonstra que sete gêneros registraram expansão neste trimestre, com destaque para papel e papelão (56,3%), material elétrico e de comunicações (33,4%) e produtos alimentares (14,6%), sendo que o segundo segmento vem apresentando expansão em todos os trimestres do ano.

Em contrapartida, três gêneros de expressiva participação na indústria local (metalúrgica, extrativa mineral e têxtil) invertem sua trajetória, assumindo no segundo e terceiro trimestres taxas não apenas negativas, como inferiores à média da indústria, enquanto nos primeiros três meses do ano registraram acréscimos nos níveis de produção; sintomaticamente, tanto a metalúrgica quanto a extrativa mineral possuem forte articulação com o mercado externo, o que pode estar trazendo a dificuldade destes setores em se adaptar a uma situação de relativa sobrevalorização do câmbio, que exigiria fortes reduções nos custos de produção para contrabalançar.

Em resumo, a produção industrial de Minas Gerais, principalmente nos dois últimos meses, distancia-se bastante do comportamento do total da indústria no país, ao revelar um desempenho bem mais favorável, num contexto generalizado de contenção da demanda agregada. Assim, comparativamente a Brasil, a indústria mineira situa-se cerca de três pontos percentuais acima do índice obtido para o conjunto de estados no período de janeiro a setembro deste ano, relativamente a igual período de 1989: 97,6 contra 94,5, respectivamente. Como gêneros de maior impacto positivo aparecem material elétrico e de comunicações (57,3%), tendo em fio, cabo e condutor de alumínio e transistores os produtos de maior crescimento; produtos alimentares (4,9%), na forma da expansão de açúcar cristal e leite em pó evaporado; e papel e papelão (12,7%), com celulose de todos os tipos e papel higiênico como principais itens em termos de contribuição para a taxa positiva do segmento.

RIO DE JANEIRO

A queda de -10,5% em setembro, relativamente a igual mês do ano passado, coloca a indústria do estado do Rio de Janeiro na condição, mais uma vez, de uma das mais fracas performances regionais. Com este resultado, a taxa acumulada no ano atinge -9,4% e a dos últimos doze meses -5,3%.

Junta-se a material de transporte, que continua a sua escalada de decréscimos mensais recordes (em setembro -70,0%), a química (-12,9%), produtos alimentares (-13,4%) e minerais não metálicos (-14,8%) como os principais impactos negativos na determinação do resultado global.

aprofundamento da queda nestes três últimos gêneros foi suficiente para anular um melhor desempenho de dois outros segmentos de peso na estrutura produtiva do estado: metalúrgica - que, passados os efeitos do longo período de greve a que foi submetida, evoluiu de uma redução de -22,4% em agosto para somente -3,7% em setembro - e a extrativa mineral (de 5,5% para 10,2%).

Tanto minerais não metálicos como a química foram atingidos pela má performance das indústrias de alimentos e de bebidas, uma vez que figuram como principais produtos responsáveis, em minerais não metálicos, frascos de vidro de 500 a menos de 750 ml, e corantes e essências e concentrados aromáticos, na química. Como já ocorrera no mês anterior, além da extrativa (que este ano ainda não interrompeu a sua série de taxas positivas), somente a farmacêutica registrou crescimento (3,7%).

O resultado para o terceiro trimestre do ano pouco difere daquele registrado no segundo, com apenas 2,7 pontos percentuais de variação entre os índices (tabela 6). A propósito, a indústria do Rio de Janeiro foi a que alcançou a pior performance no período jul-set, com queda de -12,9% relativamente ao mesmo período do ano anterior. Isto foi provocado pela redução nas taxas de desempenho, entre os dois últimos trimestres, de quatro importantes segmentos da indústria do estado: extrativa mineral (apesar de ainda positiva); o metalúrgico (muito em função da greve que o afetou); material de transporte (fortemente atingidos pelos efeitos da atual política contracionista - especificamente no que tange à retração dos investimentos públicos); e bebidas.

Os gêneros que mais elevaram os resultados entre o segundo e terceiro trimestres foram: farmacêutica, fumo, minerais não metálicos (provavelmente em função do "efeito-eleições") e perfumaria.

A atividade industrial fluminense acumulou nos nove primeiros meses do ano uma redução de -9,4%, sendo este um resultado menor que o atingido pela média brasileira (-8,1%). Apenas a extrativa mineral revelou expansão neste índice (15,1%), enquanto as maiores reduções aconteceram em material de transporte (-38,2%), perfumaria, sabões e velas (-31,6%) e têxtil (-17,8%). Na composição da taxa geral, entretanto, foi a metalúrgica (-12,0%) que exerceu a maior influência negativa, seguida por material de transporte e química (-8,1%).

SÃO PAULO

A indústria paulista no mês de setembro manteve resultados negativos nos principais indicadores: mensal (-8,8%), acumulado (-11,0%) e acumulado doze meses (-6,4%).

No confronto com igual mês do ano anterior, as variações obtidas em setembro foram menos negativas frente às registradas em agosto. No entanto, no mês passado verificaram-se resultados positivos para os gêneros borracha (5,1%) e produtos alimentares (0,7%), enquanto que, este mês somente o setor farmacêutico registrou acréscimo (11,5%), basicamente pelo bom desempenho da produção dos itens antibióticos e vitaminas dosadas. Por outro lado, as maiores quedas reveladas em setembro situaram-se nos gêneros mecânica (-20,2%), produtos de matérias plásticas (-17,6%) e metalúrgica (-16,6%).

O comportamento do índice acumulado no ano permanece praticamente inalterado ante a mesma comparação em agosto, registrando-se no período janeiro/setembro taxas positivas somente para os setores bebidas (5,5%), produtos alimentares (2,8%) e perfumaria, sabões e velas (2,0%). Produtos de matérias plásticas (-22,7%), material de transporte (-20,5%) e vestuário, calçados e artefatos de tecido (-18,6%) destacaram-se, por outro lado, com os principais decréscimos, puxados, fundamentalmente, pela fraca produção dos itens artigos de material plástico para uso doméstico, automóveis para passageiros e sapatos e sandálias de couro para homens, respectivamente.

No que se refere ao acumulado doze meses, também distinguem-se os setores bebidas (10,2%), produtos alimentares (8,4%) e perfumaria, sabões e velas (5,8%) com maiores taxas positivas que, juntamente com acréscimo de 1,1% na produção do segmento fumo, são os únicos efeitos atenuantes do decréscimo de -6,4% observado para a indústria geral.

Finalmente, cabem alguns comentários sobre o quadro descrito acima, dadas as reduções significativas tanto nos indicadores de curto prazo - mensal (-8,2%) e acumulado até setembro (-11,0%) - como no índice que, de certa forma, reflete a tendência do comportamento da indústria - acumulado doze meses (-6,4%).

A performance da indústria neste último trimestre (-9,7%) denota significativa desaceleração do movimento de queda, se comparada com o desempenho verificado no segundo trimestre do ano (-23,7%), período cuja produção industrial foi fortemente afetada pelas novas medidas econômicas (tabela 7).

Neste ponto, deve-se fazer algumas considerações que possam melhor esclarecer este fato e avaliá-lo corretamente. Um balanço dos resultados negativos e positivos indica que dos onze gêneros que assinalaram crescimento da produção no primeiro trimestre, dez passam a registrar altas taxas negativas no segundo trimestre, sendo que, desses, apenas três revertem este percurso no acumulado dos últimos três meses. Outro fato importante refere-se à manutenção, de

variações negativas, por pelo menos seis meses consecutivos, em setores que representam, aproximadamente, 58% do valor da transformação industrial da indústria paulista - metalúrgica, mecânica, material elétrico e de comunicações, material de transporte e química -, enquanto as contribuições positivas mais recentes, com exceção de produtos alimentares, derivam de setores com reduzido peso e com taxas bem oscilantes. Estas observações refletem a real situação do setor manufatureiro em São Paulo, onde os ramos que mais contribuem para a sua retração permanecem ainda apresentando altas taxas negativas, enquanto que os impactos positivos são, em sua maioria, efêmeros e esporádicos.

No que se refere ao desempenho do gênero produtos alimentares, note-se que o item suco e concentrado de laranja é determinante para a contribuição do gênero na formação tanto da taxa geral acumulada no ano - maior impacto positivo de 0,21 ponto percentual dentro de -11,0% - quanto da taxa acumulada nos últimos doze meses - maior efeito positivo de 0,64 ponto percentual dentro de -6,4% - basicamente pela favorável conjuntura do mercado externo para este produto. Neste sentido, pode-se auferir que o mercado externo vinha sendo, pelo menos no primeiro semestre do ano, o principal fator de sustentação da produção do setor. Entretanto, o que se observa nos outros setores da indústria é justamente o contrário, dado que as dificuldades nas exportações vêm funcionando como desestímulo à expansão da produção.

No que tange ao mercado interno, os dados da Federação do Comércio do Estado de São Paulo registram em setembro um comportamento estável tanto em relação a agosto/90 como a setembro/89, sendo que a expectativa do setor é encerrar o ano com retração de 7% a 8% nas vendas frente ao obtido em 89.

Assim sendo, os limites impostos pelo mercado externo e interno, bem como a política de aperto monetário mantida pelo governo, que juntos vêm reduzindo o volume de estoques disponível nas empresas, sinalizam para um desempenho mais fraco da indústria paulista este ano em relação ao verificado no ano passado.

PARANÁ

O desempenho do setor industrial no estado do Paraná no mês de setembro (-3,5% relativamente a igual mês do ano passado) indica a permanência da desaceleração no ritmo de produção reiniciada no mês passado, depois de ter apresentado um resultado positivo em julho (3,1%). Essa desaceleração se processa também nos outros indicadores, com as seguintes variações: acumulado no ano -2,4% e acumulado doze meses 0,8%.

O resultado mensal (setembro-90/setembro-89)

praticamente repete o mesmo desempenho conseguido pela indústria local no mês anterior (-3,7%), indicando que a queda se encontra estabilizada. Essa performance foi, no entanto, superior aos resultados alcançados tanto pela região Sul (-9,2%) como pelo Brasil (-7,5%). Deve-se salientar que esse declínio na produção revelado pelo indicador mensal só encontra precedentes, contando apenas o resultado para os meses de setembro, nos anos de 1983 e 1988, anos de dificuldades econômicas (tabela 8).

Dentre os doze gêneros pesquisados, apenas três tiveram variação positiva, quais sejam: mecânica (24,0%), papel e papelão (20,8%) e bebidas (7,0%), tendo, respectivamente, como produtos de maior influência na composição da indústria geral: refrigeradores para uso doméstico, papel kraft e cerveja.

Já as maiores variações negativas ocorridas neste mês situaram-se em perfumaria, sabões e velas (-27,5%), produtos de matérias plásticas (-19,6%), têxtil (-17,8%) e química (-16,9%). O setor químico, dada a sua importância no parque industrial paraense, foi o principal responsável pelo impacto negativo na formação da taxa global, revelando como principal causa a diminuição na produção de gasolina.

No que diz respeito ao indicador acumulado janeiro-setembro (-2,4%), as maiores retrações ocorreram nos setores de produtos de matérias plásticas (-23,7%), perfumaria, sabões e velas (-23,1%) e química (-15,4%); e as expansões somente nos ramos de produtos alimentares (10,4%), papel e papelão (4,6%), bebidas (4,2%) e mecânica (3,7%).

O comportamento da indústria paraense nesse último trimestre (-1,5%) revelou uma melhora de 9,1 pontos percentuais em comparação ao trimestre anterior (-10,6% - vide tabela 9). Este fato, provavelmente, pode ser explicado pela acomodação do parque fabril às medidas do plano econômico, cujos principais ajustes ocorreram no trimestre anterior. Os segmentos que tiveram crescimento foram: papel e papelão (17,1%), mecânica (14,5%), bebidas (2,8%) e produtos alimentares (2,1%), sendo que as maiores quedas ocorreram em perfumaria, sabões e velas (-23,0%), têxtil (-20,4%) e química (-10,4%).

A taxa anualizada (0,8%), apesar de positiva, vem caindo desde julho (2,1%), o que pode ser interpretado como sendo essa a tendência que deve persistir, tendo em vista que a intenção governamental é manter a política econômica na via contracionista. Mesmo assim, diante do resultado médio brasileiro (-4,0% até setembro), o estado tende a fechar o ano com uma das melhores performances relativas.

SANTA CATARINA

A atividade industrial catarinense, conforme ocorrido a nível nacional, manteve em setembro o quadro de sucessivas taxas mensais negativas iniciado após a implantação do Plano Collor, assinalando um recuo de -10,0%, frente a idêntico mês do ano anterior.

Na fraca performance deste mês, as maiores contribuições negativas vêm da metalúrgica (-21,2%), tendo como principal item responsável ferro e aço fundido em formas e peças; minerais não metálicos (-19,0%), influenciado pelo declínio na produção de azulejos liso e decorado, cuja retração da demanda ocasionou, inclusive, concessão de férias coletivas por parte de algumas empresas; e extrativa mineral (-84,5%), impactado, ainda, pela greve no setor carbonífero, bem como por paralisações em algumas unidades produtivas. Vale mencionar que esses três setores, em conjunto, contribuíram com 62% da formação do resultado global de setembro.

Ainda na comparação mensal, com desempenho positivo figuram cinco segmentos, ficando o maior destaque por conta de fumo que, embora apontando expressivo crescimento (893,8%), pouco impactou o desempenho global, em virtude do seu reduzido peso; embora tratando-se de um mês tradicionalmente de entressafra, este resultado ainda é influenciado pelo processamento de uma pequena parcela de fumo em folha, fato este que não ocorreu no mesmo mês do ano passado.

Neste terceiro trimestre, a indústria local, apesar de ainda se apresentar em queda (-6,6%), avança 6,4 pontos percentuais em relação ao resultado do trimestre anterior. Esta melhora, a nível setorial, ocorre em nove dos treze ramos pesquisados, sobressaindo metalúrgica, matérias plásticas e fumo. Em sentido contrário, vale destacar o comportamento da extrativa mineral que, neste último trimestre, registra uma forte retração (-75,2%) e, também, o de material elétrico que, após assinalar expressiva expansão no primeiro trimestre do ano (22,3%), apresenta comportamento declinante, fechando este último trimestre com redução de -6,4% (tabela 10).

No que tange ao indicador acumulado no período janeiro-setembro, a indústria sofre um recuo de -4,2%. Apenas três setores apontam acréscimo: material elétrico (4,1%), têxtil (2,1%) e alimentares (13,8%), esses dois últimos de elevada importância na estrutura industrial do estado, sendo verificado, no entanto, desaceleração no ritmo de crescimento dos mesmos.

Finalmente, em relação ao desempenho acumulado nos últimos doze meses, confirma-se este mês a perda de dinamismo que vem atingindo o parque fabril catarinense, registrando até setembro um incremento de apenas 0,1%. Nesse contexto, os maiores decréscimos ocorrem em extrativa mineral, metalúrgica

e material elétrico, que apresentam perdas acima de 3,0 pontos percentuais somente entre os dois últimos meses. Apenas quatro setores registram resultados superiores ao do mês passado, variações estas, porém, de pouca relevância.

RIO GRANDE DO SUL

Com um decréscimo de -10,2% no mês de setembro contra o mesmo mês do ano anterior, a indústria gaúcha acumula no ano uma contração da ordem de -10,6% e nos últimos doze meses uma taxa de -6,5%.

O resultado mensal do mês em questão pode ser melhor avaliado à luz da evolução do índice de base fixa (tabela 11), onde se observa que o nível de produção de setembro/90 situa-se num patamar bastante inferior ao registrado para o mesmo mês no período 1986/1987, o que vem a confirmar que o parque fabril gaúcho permanece, ainda, com baixos níveis de produção, principalmente em comparação com aqueles observados para a média do país, neste mesmo mês.

Foram decisivas as contribuições negativas no indicador mensal dos gêneros mecânica (-26,0%) e metalúrgica (-21,2%), que juntos participaram com -7,8 pontos percentuais na formação da taxa global. Por outro lado, ficou a cargo do setor de material elétrico (28,5%), material de transporte (12,6%) e químico (7,5%) a tentativa de sustentação do resultado, onde este último, pelo significativo peso na indústria local, teve no aumento da produção de fertilizantes o principal produto responsável. Neste caso específico de fertilizantes, a justificativa pode ser encontrada no fato de estar ocorrendo uma substituição do plantio de soja pelo milho e pastagens, em decorrência - como vem sendo alegado pelos produtores - tanto da atual política do governo, que implica em uma relativa defasagem cambial, acabando por desestimular as exportações de forma geral, quanto pelas baixas cotações do produto no mercado externo. No caso do plantio sistemático de soja, ocorre um esgotamento do solo, implicando em uma maior utilização de fertilizantes para o cultivo de outros produtos agrícolas.

Na análise do trimestre, verifica-se que no período julho-setembro a atividade industrial do estado evoluiu mais favoravelmente do que no trimestre anterior. As maiores variações entre os dois períodos situaram-se em material de transporte (de -27,9% para 8,5%), material elétrico e de comunicações (de -9,1% para 13,1%) e química (de -23,5% para -6,9%), sendo que os dois primeiros foram os únicos com taxas positivas. Entretanto, estes segmentos são pouco representativos no estado. Somente três gêneros reduziram os seus índices entre o segundo e terceiro trimestres: extrativa, papel e papelão e fumo. Finalmente, observa-se que os resultados do terceiro trimestre, com raras exceções, estão ainda bem distantes daqueles observados no primeiro

trimestre (tabela 12).

Na análise do acumulado no ano (-10,6%), ainda se faz sentir a forte presença dos impactos negativos de gêneros de expressiva participação na indústria local como: mecânica (-26,8%), química (-13,8%) e vestuário (-11,3%), influenciados, principalmente, pelos produtos transportadores mecânicos de correia ou esteira, fertilizantes compostos NPK e sapatos, sandálias e botas de couro para senhoras, respectivamente.

No que tange ao indicador acumulado doze meses, que vem apresentando sucessivas taxas negativas desde maio/90, confirma este mês o seu movimento descendente ao registrar queda de -6,5%. O fraco desempenho dos gêneros mecânica (-20,2%), químico (-10,3%) e vestuário (-8,3%) foi o fator que mais contribuiu para este resultado. Isto leva a crer que dependerá, em grande medida, do desempenho destes setores no último trimestre para que o parque industrial do estado feche o ano com taxa mais satisfatória.

DEFINIÇÃO DOS ÍNDICES DIVULGADOS

Índice base fixa: reflete o desempenho do mês de referência do índice, em relação à produção média mensal do ano-base de comparação (1981).

Índice acumulado de doze meses: reflete o desempenho da produção acumulada nos últimos doze meses de referência dos índices, em relação a igual período imediatamente anterior.

Índice acumulado: reflete o desempenho da produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência dos índices, em relação a igual período do ano anterior.

Índice mensal: reflete o desempenho da produção no mês de referência dos índices, em relação a igual mês do ano anterior.

A N E X O
DESEMPENHO INDUSTRIAL REGIONAL - 1950
COMPOSIÇÃO DO CRESCIMENTO DO INDICADOR ACUMULADO EM JANEIRO - SETEMBRO
SEGUNDO OS GÊNEROS INDUSTRIAIS

G Ê N E R O S	PERNAMBUCO		BAHIA		MINAS GERAIS		RIO DE JANEIRO		SÃO PAULO		PARANÁ		SANTA CATARINA		RIO GRANDE DO SUL	
	Índice	Comp. da Taxa	Índice	Comp. da Taxa	Índice	Comp. da Taxa	Índice	Comp. da Taxa	Índice	Comp. da Taxa	Índice	Comp. da Taxa	Índice	Comp. da Taxa	Índice	Comp. da Taxa
Extrativa Mineral	-	-	95.3	-0.61	95.5	-0.32	115.1	1.30	-	-	-	-	69.0	-0.72	93.2	-0.04
Mín. não Metálicos	78.5	-1.84	92.8	-0.77	87.1	-1.31	88.2	-0.65	90.0	-0.46	96.7	-0.32	84.2	-1.72	85.5	-0.51
Metalúrgica	97.6	-0.26	103.0	0.18	92.4	-2.39	88.0	-2.30	87.5	-1.46	-	-	85.6	-1.34	86.7	-1.64
Mecânica	-	-	-	-	-	-	-	-	84.8	-1.78	103.7	0.34	96.3	-0.51	73.2	-4.68
Mat. Eléct. e de Comunicações ..	105.3	0.50	93.7	-0.16	157.3	1.78	95.4	-0.40	93.3	-0.52	-	-	104.1	0.23	113.8	0.50
Mat. Transporte	-	-	-	-	99.5	-0.04	61.8	-2.09	79.5	-2.35	-	-	-	-	104.3	0.22
Papel e Papelão	99.7	-0.02	-	-	112.7	0.39	93.1	-0.14	95.3	-0.21	104.6	0.55	94.6	-0.29	93.1	-0.21
Borracha	-	-	106.0	0.06	-	-	-	-	93.8	-0.14	-	-	-	-	95.5	-0.07
Química	79.5	-4.75	94.6	-3.40	96.0	-0.51	91.9	-1.43	90.6	-1.73	84.7	-4.63	84.4	-0.74	86.3	-1.87
Farmacêutica	-	-	-	-	-	-	89.7	-0.57	90.1	-0.24	-	-	-	-	-	-
Perf., Sabões e Velas	77.2	-0.23	79.5	-0.12	-	-	68.4	-0.61	102.0	0.04	76.9	-0.09	-	-	91.5	-0.04
Prod. Mat. Plásticas	91.7	-0.45	-	-	96.7	-0.02	89.8	-0.57	77.4	-0.85	76.3	-0.43	91.1	-0.62	-	-
Têxtil	88.0	-1.23	-	-	95.8	-0.31	82.2	-0.70	87.1	-0.86	96.2	-0.35	102.1	0.29	-	-
Vest., Calç., Art. Tecidos	-	-	-	-	85.9	-0.32	86.6	-0.56	81.4	-0.56	-	-	96.3	-0.29	88.7	-1.37
Prod. Alimentares	85.7	-2.85	121.9	1.72	104.9	0.49	94.1	-0.49	102.8	0.20	110.4	2.57	113.8	1.95	95.9	-0.62
Bebidas	97.0	-0.11	102.9	0.05	103.6	0.04	98.7	-0.03	105.5	0.06	104.2	0.07	99.2	-0.01	95.2	-0.21
Fumo	107.2	0.19	-	-	104.0	0.09	89.7	-0.13	98.3	0.00	93.5	-0.10	89.0	-0.39	99.8	-0.02
Indústria Geral	89.0	-11.05	97.5	-2.55	97.6	-2.43	90.6	-9.37	89.0	-11.02	97.6	-2.39	95.8	-4.19	89.4	-10.56

FONTE: IBGE-DPE-DEIND.

TABELA 1
INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA - REGIONAL

L O C A I S	ÍNDICES FIMESTRAIS*			MENSALIS*		B-A
	1º TRIM.	2º TRIM.	3º TRIM.	AGOSTO (A)	SETEMBRO (B)	
	Nordeste	99.70	92.41	95.61	94.87	
Pernambuco	100.38	76.03	89.07	89.28	82.18	-7.10
Bahia	96.00	97.67	98.63	94.24	100.98	6.74
Minas Gerais	100.28	92.46	99.99	101.62	102.81	1.19
Rio de Janeiro	102.09	84.38	87.08	87.40	89.52	2.12
São Paulo	102.15	76.29	90.32	89.80	91.82	2.02
Região Sul	103.65	84.68	93.12	93.20	90.78	-2.42
Paraná	107.89	89.45	98.53	96.30	96.46	0.16
Sta. Catarina	109.75	87.03	93.41	92.87	90.05	-2.82
Rio G. do Sul	101.01	79.38	90.70	92.11	89.77	-2.34
BRASIL	103.70	82.29	91.94	91.95	92.46	0.51

FONTE: IBGE-DPE-DEIND.

(*) Base de comparação: iguais períodos do ano anterior=100.

TABELA 2
PERNAMBUCO

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL - 1990
(Base: igual período do ano anterior=100)

CLASSES E GÊNEROS	1º TRIM.	2º TRIM.	3º TRIM.
Indústria Geral	100.38	76.03	89.07
Min. não Metálicos	85.41	58.83	93.08
Metalgúrgica	120.08	84.96	92.27
Mat. Elétr. e de Comunicações	120.94	92.73	106.69
Papel e Papelão	120.96	75.92	106.56
Química	90.34	55.60	87.81
Perf., Sabões e Velas	69.81	85.43	76.44
Prod. Mat. Plásticas	112.00	79.76	88.72
Têxtil	95.66	77.31	91.19
Prod. Alimentares	99.36	85.42	66.55
Bebidas	98.05	92.91	94.09
Fumo	124.90	92.19	107.93

FONTE: IBGE-DPE-DEIND.

TABELA 3
PERNAMBUCO

DESEMPENHO DO COMPLEXO CANAVIEIRO
INDICADOR MENSAL-SETEMBRO/90

(Base: igual mês do ano anterior=100)

PRODUTO	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Alcool anidro e hidratado	51.12	- 2.80
Acúcar cristól	30.99	- 2.75
Acúcar demetara	47.85	- 0.57
Acúcar refinado	16.80	- 4.32
Melaço	104.88	0.03
Aguardente	2.85	- 0.75
Complexo canavieiro	35.75	-11.16
Demais setores	91.94	- 6.66
Indústria geral	82.18	-17.82

FONTE: IBGE-DPE-DEIND.

TABELA 4
BAHIA

DESEMPENHO DA INDÚSTRIA EM 1989/90
ÍNDICES TRIMESTRAIS

(Base: Igual período do ano anterior=100)

CLASSES E GÊNEROS	1 9 8 9			1 9 9 0			
	Jan-Mar	Abr-Jun	Jul-Set	Out-Dez	Jan-Mar	Abr-Jun	Jul-Set
	Indústria Geral	98.7	95.8	108.9	115.1	96.0	97.7
Extrativa Mineral	95.8	96.2	103.3	103.4	96.5	93.9	95.6
Minerais não Metálicos	74.1	98.6	107.1	99.8	108.6	79.1	94.0
Metalmúrgica	78.8	112.4	128.4	127.1	131.2	86.6	98.5
Mat. Elétrico e de Comunicações	74.6	83.5	115.4	127.0	127.9	71.0	87.7
Borracha	112.4	106.9	108.2	108.5	119.8	93.6	105.3
Química	104.3	95.8	109.8	113.1	90.1	96.7	97.3
Perfumaria, Sabões e Velas	64.3	127.8	100.0	127.0	102.1	77.6	66.4
Produtos Alimentares	97.7	77.6	97.3	146.0	104.1	155.4	118.5
Bebidas	98.0	115.2	123.4	115.5	98.8	105.0	105.1

FONTE: IBGE-DPE-DEIND.

TABELA 5
MINAS GERAIS
ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL EM ORDEM DECRESCENTE - 1990
(Base: Igual período do ano anterior = 100)

	1o. TRIMESTRE			2o. TRIMESTRE			3o. TRIMESTRE		
Mat. Elet. e de Comunicações	137,76	196,97	196,97	Mat. Elet. e de Comunicações	196,97	156,33	Papel e Papelão	156,33	
Prod. Mat. Plásticas	112,94	195,03	195,03	Mat. Transporte	195,03	133,75	Mat. Elet. e de Comunicações	133,75	
Fumo	112,17	142,36	142,36	Prod. Alimentares	142,36	114,66	Prod. Alimentares	114,66	
Bebidas	112,11	96,97	96,97	Fumo	96,97	104,03	Fumo	104,03	
Papel e Papelão	105,72	95,98	95,98	Bebidas	95,98	103,87	Prod. Mat. Plásticas	103,87	
Textil	103,23	94,58	94,58	Bebidas	94,58	103,32	Bebidas	103,32	
Ext. Mineral	102,49			Química		101,42	Bebidas	101,42	
Metalmúrgica	100,79								
Mat. Transporte	100,72								
Indústria Geral	100,26	92,46	92,46	Indústria Geral	92,46	99,99	Indústria Geral	99,99	
Min. Não Metálicos	99,65	91,75	91,75	Papel e Papelão	91,75	96,86	Textil	96,86	
Prod. Alimentares	92,71	86,17	86,17	Ext. Mineral	86,17	93,38	Metalmúrgica	93,38	
Química	89,34	82,89	82,89	Textil	82,89	91,12	Mat. Transporte	91,12	
Mat. Elet. e de Comunicações	87,03	81,37	81,37	Mat. Transporte	81,37	87,59	Ext. Mineral	87,59	
Prod. Mat. Plásticas	77,00	76,58	76,58	Mat. Elet. e de Comunicações	77,00	85,53	Prod. Mat. Plásticas	85,53	
Prod. Mat. Plásticas	76,58			Prod. Mat. Plásticas	76,58		Prod. Mat. Plásticas		

FONTE: IBGE/DPE/DEIND.

TABELA 6
RIO DE JANEIRO
INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA
ÍNDICES TRIMESTRAIS

CLASSES E GÊNEROS	ÍNDICES TRIMESTRAIS		
	1º TRIM.	2º TRIM.	3º TRIM.
Indústria Geral	102.09	84.38	87.08
Extr. Mineral	123.93	115.62	107.05
Ind. de Transformação ...	99.94	81.48	85.25
Min. não Metálicos ...	108.27	71.53	89.17
Metalúrgica	99.54	86.13	79.29
Mat. Elétr. e Comunicações	101.08	92.10	93.35
Mat. de Transporte	85.00	72.33	32.95
Papel e Papelão	106.91	83.36	90.53
Química	103.04	85.05	89.49
Farmacêutica	104.47	67.83	101.08
Perf., Sabões e Velas ..	87.34	52.72	69.45
Mat. Plásticas	99.92	78.15	93.70
Têxtil	97.83	69.50	83.12
Vest., Calç., Art. Tecidos	80.92	81.31	95.52
Prod. Alimentares	103.61	87.83	92.47
Bebidas	112.94	93.96	89.53
Fumo	104.20	74.64	93.25

FONTE: IBGE-DPE-DEIND.

TABELA 7
SÃO PAULO
ÍNDICE DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
ÍNDICES TRIMESTRAIS

(Base: igual período do ano anterior=100)

G E N E R O S	ÍNDICES TRIMESTRAIS		
	1º TRIM.	2º TRIM.	3º TRIM.
Indústria Geral	102.15	76.29	90.32
Minerais não Metálicos	107.60	73.75	91.84
Metalúrgica	105.49	72.72	85.42
Necânica	106.72	70.96	82.19
Mat. Elétr. e de Comunicações	110.25	79.38	93.17
Mat. Transporte	97.55	61.42	79.43
Papel e Papelão	106.28	84.47	96.10
Borracha	105.44	77.02	100.16
Química	93.96	82.57	94.66
Farmacêutica	104.02	73.86	96.13
Perf., Sabões e Velas	114.77	93.59	101.12
Prod. Mat. Plásticas	96.37	59.83	80.01
Têxtil	90.09	76.93	94.38
Vestuário, Calç., e Art. Tecidos	81.13	75.71	86.74
Produtos Alimentares	119.58	92.48	101.21
Bebidas	118.31	102.20	99.29
Fumo	108.92	97.52	91.44

FONTE: IBGE-DPE-DEIND.

TABELA 9

PARANÁ

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL-1990

(Base: igual período do ano anterior=100)

CLASSES E GÊNEROS	1990		
	1º TRIM.	2º TRIM.	3º TRIM.
Indústria Geral	107.89	89.45	98.53
Minerais não Metálicos	117.00	84.32	93.23
Mecânica	101.30	94.12	114.50
Papel e Papelão	107.70	90.49	117.07
Química	86.87	78.13	89.63
Perfumaria, Sabões e Velas	80.81	74.08	76.96
Produtos de Matérias Plásticas	72.49	68.26	87.88
Têxtil	174.98	78.41	79.59
Produtos Alimentares	116.69	114.32	102.14
Bebidas	111.90	98.43	102.82
Fumo	111.42	79.48	96.64

FONTE: IBGE-DPE-DEIND.

TABELA 8

PARANÁ

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL

ÍNDICE MENSAL

(Base: igual mês do ano anterior=100)

SETEMBRO

A N O S	ÍNDICES
1982	108.76
1983	89.88
1984	103.73
1985	102.93
1986	112.53
1987	106.66
1988	96.78
1989	105.36
1990	96.46

FONTE: IBGE-DPE-DEIND.

TABELA 10

SANTA CATARINA

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL-1990

(Base: igual período do ano anterior=100)

CLASSES E GÊNEROS	1990		
	1º TRIM.	2º TRIM.	3º TRIM.
Indústria Geral	109.75	87.03	93.41
Extrativa Mineral	104.11	88.45	24.84
Ind. Transformação	109.90	87.00	95.09
Min. não-Metálicos	95.31	74.12	84.16
Metalúrgica	116.15	64.77	84.13
Mecânica	104.45	87.68	98.66
Mat.Elétrico e de Comunicações	122.26	103.36	93.64
Papel e Papelão	102.24	81.98	99.87
Química	99.73	78.48	81.08
Matérias Plásticas	145.33	66.09	85.14
Têxtil	107.59	94.79	104.22
Vestuário, Calc., Art. Tecidos	108.57	95.30	89.51
Prod.Alimentares	117.05	114.67	110.25
Bebidas	100.54	93.15	108.01
Fumo	102.66	75.40	114.26

FONTE: IBGE-DPE-DEIND

TABELA 11
RIO GRANDE DO SUL
INDICADORES DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL
INDICE BASE FIXA
Base: média de 1981=100
SETEMBRO

A N O S	INDICES
1981	88.66
1982	107.44
1983	111.20
1984	101.15
1985	110.44
1986	139.18
1987	127.50
1988	123.34
1989	121.82
1990	109.35

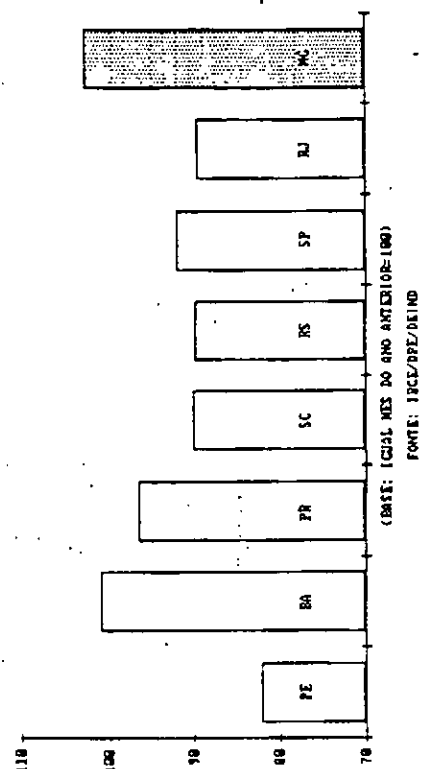
FONTE: IBGE-DPE-DEIND.

TABELA 12
RIO GRANDE DO SUL
INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL-1990
(Base: igual período do ano anterior=100)

CLASSES E GÊNEROS	1º TRIM.	2º TRIM.	3º TRIM.
Indústria Geral	101.01	79.38	90.70
Extr. Mineral	110.86	89.62	84.07
Ind. Transformação	100.96	79.32	90.75
Minerais não Metálicos	101.22	73.65	89.80
Metalúrgica	108.95	69.20	86.80
Mecânica	78.56	62.20	79.18
Mat. Elétr. e de Comunicações	142.98	90.94	113.13
Material de Transporte	152.24	72.08	108.53
Papel e Papelão	106.32	90.94	84.84
Borracha	111.86	87.11	91.37
Química	93.88	76.46	93.12
Perf., Sabões e Velas	99.16	88.65	89.04
Vestuário	88.59	85.37	91.92
Produtos Alimentares	99.48	91.78	96.48
Bebidas	115.18	85.22	92.14
Fumo	123.99	92.67	71.92

FONTE: IBGE-DPE-DEIND.

GRÁFICO 1
MENS CEMIS
INDICADOR MENSAL DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
PARA ESTADOS SELECIONADOS - SIT/90



(BASE: ÍCUAL MES DO ANO ANTERIOR=100)
FONTE: IBGE/DPE/DEIND



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS - REGIÃO NORDESTE

1990

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES GÊNEROS	BASE FIXA MENSAI				MENSAL				ACUMULADO				12 MESES	
	JUN	AGO	SET	OUT	JUN	AGO	SET	OUT	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
INDUSTRIA GERAL	110,12	114,24	114,09	97,53	94,87	94,56	94,56	94,56	96,44	96,23	95,03	100,92	99,96	98,67
EXTRATIVA MINERAL	144,68	150,98	153,95	94,67	98,01	93,73	93,73	93,73	96,80	96,95	97,16	101,52	100,93	100,09
IND. TRANSFORMAÇÃO	105,33	109,16	108,58	98,09	94,30	93,78	93,78	93,78	95,37	96,09	95,82	100,81	99,78	98,41
MIN. NÃO METÁLICOS	95,92	96,94	94,36	101,52	97,07	103,87	103,87	103,87	95,63	95,83	95,75	96,54	96,23	97,41
METALÚRGICA	140,47	147,04	130,61	88,00	85,13	87,44	87,44	87,44	93,07	91,87	91,35	102,18	98,64	96,81
MAT. ELÉTRICO E CUM	161,86	185,45	150,46	110,04	114,11	105,03	105,03	105,03	111,60	112,00	111,14	123,26	121,35	118,50
PAPEL E PAPELÃO	132,69	130,90	120,49	103,01	92,80	93,68	93,68	93,68	97,50	96,78	96,40	103,58	101,81	100,63
BORRACHA	157,28	149,57	123,57	98,84	98,02	100,68	100,68	100,68	94,92	95,35	95,89	98,31	96,89	96,90
QUÍMICA	112,85	114,76	126,35	101,79	95,34	98,61	98,61	98,61	96,32	96,20	96,48	102,35	101,80	99,66
PERF. SABÕES, VELAS	105,82	101,85	89,07	77,79	81,68	72,68	72,68	72,68	82,55	82,43	81,26	89,23	86,74	83,50
PRD. MAT. PLÁSTICAS	128,73	126,90	115,36	107,90	98,81	96,31	96,31	96,31	101,88	101,38	100,73	108,35	106,94	105,42
TEXTIL	92,00	100,75	94,52	95,91	95,61	91,44	91,44	91,44	86,87	88,08	88,48	85,72	86,72	87,87
VEST. CALÇ., ART. TEC.	119,08	126,51	113,65	30,53	83,66	83,06	83,06	83,06	88,86	88,04	87,41	99,64	96,58	93,88
PRD. ALIMENTARES	72,82	74,29	77,57	94,53	94,02	84,69	84,69	84,69	104,79	103,48	101,16	104,67	103,46	101,15
BEBIDAS	113,61	114,11	112,93	106,53	100,46	91,68	91,68	91,68	98,71	98,94	98,05	105,18	103,48	101,44
FUMO	131,54	149,35	132,26	97,57	104,57	118,66	118,66	118,66	103,55	103,71	105,35	102,16	101,14	104,33

IDEGE

05/11/90



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS - PERMANENTES

1990

PODERAÇÃO CI-80

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA 1980		MÊS		ACUMULADO		12 MÊSES					
	JUL	AGO	JUL	AGO	JAN-JUN	JAN-AGO	ATÉ JUN	ATÉ AGO				
INDUSTRIA GERAL	97,02	97,17	93,81	96,67	89,28	82,18	89,99	89,89	88,95	96,03	94,66	92,73
IND. TRANSFORMAÇÃO	97,02	97,17	93,81	96,67	89,28	82,18	89,99	89,89	88,95	96,03	94,66	92,73
MIN. NÃO METÁLICOS	71,25	71,39	66,04	93,49	101,15	85,33	74,68	77,65	78,49	77,91	79,69	79,96
METALÚRGICA	151,25	149,12	126,81	102,81	88,43	86,13	101,28	99,23	97,63	105,70	102,28	100,33
MAT. ELÉTRICO E COM.	180,20	180,19	149,48	112,78	106,89	99,96	105,91	106,06	105,33	121,37	118,00	113,74
PAPEL E PAPELÃO	149,69	165,83	148,88	104,16	107,68	107,82	96,58	98,43	99,65	108,16	106,64	106,24
QUÍMICA	141,13	132,57	144,84	105,97	84,15	77,99	79,11	79,72	79,49	90,66	89,65	87,28
PERF. SABÕES, VELAS	101,70	106,48	95,44	70,48	85,89	74,00	76,33	77,69	77,21	84,96	82,10	78,27
PROD. MAT. PLÁSTICAS	100,96	101,27	94,18	95,45	84,61	86,71	93,89	92,39	91,66	102,48	99,76	97,59
TEXTIL	78,32	82,59	72,44	94,37	94,45	84,76	87,50	88,43	88,01	80,86	89,88	90,78
PROD. ALIMENTARES	44,14	43,20	51,79	72,18	66,51	62,44	91,86	89,03	85,72	93,46	90,85	87,29
BEBIDAS	86,37	87,95	92,36	103,03	98,85	83,50	99,03	99,01	97,01	105,34	103,49	100,16
FUMO	147,80	166,86	144,93	99,51	106,89	119,61	105,46	105,69	107,21	103,83	102,98	106,16

186E

06/11/90

1990

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA METSAL			MÊS REAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	AGO	SET	JUN	AGO	SET	JAN	JUN	JAN	JUN	AGO	SET
INDUSTRIA GERAL	124,45	123,34	125,61	100,92	94,24	100,98	97,43	96,99	97,45	104,45	103,32	101,61
EXTRATIVA MINERAL	104,97	106,93	108,57	93,42	97,14	95,16	94,90	95,18	95,30	98,68	98,09	97,25
IND. TRANSFORMAÇÃO	177,75	176,12	178,50	102,06	93,84	101,71	97,82	97,27	97,78	105,34	104,13	102,27
MIN. NÃO METÁLICOS	92,22	87,51	97,83	93,51	78,20	115,29	92,23	89,76	92,77	96,32	92,37	94,44
METALURGICA	115,50	130,37	117,87	96,61	98,09	100,75	104,23	103,29	102,99	113,16	109,01	108,47
MAT. ELÉTRICO E COM	137,80	181,81	144,88	84,90	94,38	82,96	95,43	95,26	93,67	106,51	104,32	101,71
BORRACHA	232,59	219,37	176,46	105,98	104,94	104,79	106,26	106,08	105,95	107,16	106,53	106,52
QUÍMICA	127,96	121,24	132,34	102,09	89,51	100,63	94,53	93,87	94,64	102,77	101,48	98,97
PERF. SABÕES, VELAS	110,07	106,69	76,41	75,59	65,63	57,42	85,44	82,35	79,54	96,93	92,92	89,68
PROD. ALIMENTARES	141,12	151,68	121,30	114,35	127,79	112,87	122,33	123,18	121,91	123,20	126,64	127,54
BEBIDAS	173,85	175,63	169,85	108,27	103,36	103,71	102,72	102,80	102,91	108,99	106,86	105,97

IBGE

06/11/90

1990

PONDERAÇÃO CI-90

CLASS E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES				
	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SET	AUT	JUL	AIE	AGO	AIE
INDUSTRIA GERAL	134,22	148,33	140,08	95,55	101,62	102,81	96,08	96,87	97,57	99,00	99,08	99,54		
EXTRATIVA MINERAL	116,04	108,83	108,14	102,33	86,81	90,98	97,45	96,03	95,47	97,12	96,44	95,95		
IND. TRANSFORMAÇÃO	135,74	151,63	142,75	95,10	102,67	103,07	95,97	96,93	97,73	99,14	99,28	99,82		
MIN. NÃO METÁLICOS	96,98	91,06	91,31	88,20	81,41	87,45	87,94	87,04	87,09	93,81	91,62	90,74		
METALURGICA	130,84	139,27	131,54	96,56	95,77	93,41	91,72	92,27	92,40	96,00	95,47	94,87		
MAT. ELÉTRICO E COH	197,82	240,65	197,16	120,85	152,19	127,32	163,29	161,64	157,27	137,67	141,61	143,09		
MAT. TRANSPORTE	100,64	205,10	165,53	65,45	109,49	101,34	97,52	99,29	99,52	99,67	101,31	102,12		
PAPEL E PAPELÃO	171,51	172,56	172,77	96,31	223,90	228,92	98,02	105,73	112,70	94,02	104,43	112,44		
QUIMICA	215,26	224,41	211,53	95,74	103,02	106,07	92,87	94,54	96,04	99,42	98,12	99,08		
PROD. MAT. PLÁSTICAS	150,59	145,94	124,23	114,54	98,68	99,17	95,80	96,27	96,65	103,60	100,51	99,41		
TEXTIL	127,96	137,28	124,88	96,92	100,59	99,02	94,51	95,35	95,76	98,46	98,01	97,89		
VEST. CALÇ. ART. TEC.	92,80	99,44	96,44	86,82	86,72	89,28	85,08	85,34	85,85	99,06	95,45	93,54		
PROD. ALIMENTARES	131,79	149,58	153,52	107,94	109,66	126,90	99,92	101,59	104,94	102,05	104,40	107,50		
BEBIDAS	148,67	154,97	156,57	106,88	103,59	99,91	104,15	104,08	103,58	105,58	104,46	103,85		
FUMO	175,95	168,81	175,94	98,50	99,95	114,99	103,07	102,66	103,97	103,10	102,53	105,75		

IBGE

05/11/90



IBGE

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS RIO DE JANEIRO

1990

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSIFICAÇÃO	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	AGO	SET	JUN	AGO	SET	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
INDUSTRIA GERAL	109,58	118,91	116,18	84,30	87,40	89,52	91,36	90,78	90,63	98,21	96,20	94,74
EXTRATIVA MINERAL	600,40	621,85	624,50	105,54	105,46	110,21	117,42	115,74	115,09	118,14	117,02	116,45
IND. TRANSFORMAÇÃO	99,95	109,04	106,20	82,35	85,75	87,62	88,88	88,43	88,33	96,38	94,27	92,70
MIN. NÃO METÁLICOS	97,98	103,54	93,19	88,16	93,86	85,20	87,68	88,61	88,19	99,41	96,57	93,74
METALURGICA	91,91	114,80	136,25	64,18	77,60	90,35	88,40	86,94	88,02	96,51	94,51	94,15
MAT. ELETRICO E COM	167,45	168,07	164,56	92,93	92,00	95,21	95,98	95,43	95,40	98,55	97,10	96,55
MAT. TRANSPORTE	22,20	18,29	18,20	41,03	28,85	30,04	73,32	66,47	61,79	87,65	79,75	72,86
PAPEL E PAPELÃO	84,97	96,25	83,04	91,43	93,71	86,27	94,13	94,07	93,08	103,62	101,96	99,74
QUIMICA	119,41	124,45	121,14	89,74	91,72	87,09	92,76	92,61	91,91	96,23	95,15	93,55
FARMACEUTICA	129,39	152,00	129,13	96,44	103,11	103,68	85,20	87,93	89,73	98,83	96,69	95,61
PERF. SABÖES, VELAS	102,03	102,55	108,45	56,03	67,15	93,55	65,65	65,05	68,44	78,28	73,48	73,06
PROD. MAT. PLASTICAS	172,91	181,64	168,05	92,61	95,37	93,08	88,32	89,31	89,75	99,57	97,07	94,55
TEXTIL	78,92	83,22	76,43	82,22	85,59	81,48	81,75	82,34	82,23	93,34	91,43	89,38
VEST. CALÇ. ART. TEC.	73,18	82,48	76,48	92,33	98,33	95,74	83,00	85,28	86,58	86,53	87,04	87,17
PROD. ALIMENTARES	122,29	132,25	115,91	96,58	94,30	86,65	95,51	95,31	94,17	100,23	98,92	97,25
BEBIDAS	125,66	122,94	128,48	96,33	81,14	92,28	102,33	99,45	98,65	110,65	105,37	103,14
FUMO	106,69	127,10	108,36	88,24	98,04	93,12	87,89	89,30	89,73	94,25	94,27	94,26

IBGE

06/11/90

1990

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUN	AGO	SET	JUL	AGO	SET	JAN-JUN	JAN-AGO	JAN-SET	ATE JUN	ATE AÇO	ATE SET
INDUSTRIA GERAL	119,25	128,71	120,86	89,40	89,80	91,82	88,33	88,56	88,98	96,40	94,62	93,59
IND. TRANSFORMAÇÃO	119,25	128,71	120,86	89,40	89,80	91,82	88,33	88,56	88,98	96,40	94,62	93,59
MIN. NÃO METÁLICOS	112,00	116,26	108,50	91,95	92,70	90,83	89,34	89,83	89,95	98,31	96,67	94,93
METALURGICA	107,73	112,80	105,85	86,96	85,91	83,41	88,37	88,02	87,40	97,00	94,79	92,65
MECANICA	92,96	99,78	89,12	83,27	83,35	79,85	85,88	85,48	84,75	98,20	94,62	91,47
MAT. ELETRICO E COM	104,91	117,77	109,79	93,27	91,21	95,27	93,35	93,01	93,29	100,97	98,70	97,65
MAT. TRANSPORTE	91,01	130,18	119,41	64,90	83,95	89,46	77,08	78,18	79,54	87,63	85,46	84,18
PAPEL E PAPELÃO	163,78	167,71	154,11	102,79	94,49	91,48	96,01	95,79	95,27	101,59	99,89	98,16
BORRACHA	145,46	151,80	144,80	98,97	105,09	96,59	91,61	93,42	93,81	95,18	95,95	95,46
QUIMICA	154,94	155,10	154,34	93,82	90,87	99,72	88,81	89,16	90,59	93,57	92,89	93,94
FARMACEUTICA	139,42	141,11	135,01	90,64	89,67	111,51	87,16	87,54	90,08	95,91	94,58	96,08
PERF. SABOES, VELAS	207,47	189,66	174,78	107,79	97,97	97,36	103,41	102,61	101,98	112,63	108,66	105,78
PROD. MAT. PLASTICAS	131,71	138,52	125,44	78,71	79,17	82,41	76,21	76,67	77,35	91,09	86,64	84,05
TEXTIL	109,82	114,08	103,41	95,89	94,10	93,12	85,69	86,36	87,14	91,33	90,51	89,88
VEST. CALÇ. ART. TEC.	78,81	82,00	75,51	89,57	84,24	86,67	80,00	80,65	81,37	89,71	87,43	86,31
PROD. ALIMENTARES	144,84	162,16	153,62	104,16	100,68	99,11	104,24	103,51	102,79	107,86	108,17	108,40
BEBIDAS	155,87	177,71	175,82	102,07	98,90	97,33	108,40	106,86	105,52	114,00	112,19	110,23
FUMO	81,44	80,64	70,28	83,93	95,87	96,34	99,06	98,59	98,34	101,30	100,84	101,05

IBGE

05/11/90



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - REGIÃO SUL

1990

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GENEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES					
	JUL	AGO	SF1	JUL	AGO	SF1	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SF1	ATF	JUL	ATF	AGO	ATF	SF1
INDUSTRIA GERAL	127,17	131,74	119,65	95,36	93,20	90,78	93,48	93,44	93,13	99,32	98,28	97,08			
EXTRATIVA MINERAL	65,91	103,44	94,61	63,15	94,48	109,57	86,58	87,75	90,02	87,07	85,90	86,68			
IND. TRANSFORMAÇÃO	128,08	132,16	120,02	95,73	93,18	90,60	93,56	93,50	93,16	99,47	98,43	97,20			
MIN. NÃO METALICOS	117,65	124,34	111,31	86,12	89,37	84,12	88,75	88,84	88,27	99,04	97,29	94,77			
METALURGICA	152,47	156,25	134,26	92,59	86,18	79,25	88,85	88,42	87,24	101,29	97,89	94,00			
MECANICA	163,00	177,97	156,30	94,20	93,12	85,00	86,28	87,27	87,00	98,05	95,67	93,59			
MAT. ELETRICO E COM	202,43	222,12	220,18	99,60	92,16	97,99	105,80	103,43	102,68	111,15	108,35	106,74			
PAPEL E PAPELÃO	163,80	168,38	155,12	102,82	105,71	103,67	95,58	96,91	97,66	99,17	99,63	100,00			
QUIMICA	95,77	95,82	92,62	91,54	86,01	93,27	82,51	83,05	84,28	87,68	88,42	89,19			
PERF. SABÖES, VELAS	128,86	127,90	99,90	88,68	85,45	77,45	86,18	86,07	85,08	96,88	92,59	89,12			
PROD. MAT. PLASTICAS	129,80	137,86	120,79	87,19	85,79	85,24	85,76	85,76	85,70	95,29	92,22	89,86			
TEXTIL	139,74	145,24	129,33	102,37	99,98	96,05	99,24	99,35	98,97	100,62	100,25	99,90			
VEST. CALÇ. ART. TEC.	100,63	103,61	91,40	94,22	85,30	84,26	90,19	89,46	88,83	96,21	94,18	92,52			
PROD. ALIMENTARES	122,52	131,81	118,91	107,35	106,19	98,82	108,10	107,84	106,76	108,20	108,95	108,30			
BEBIDAS	128,36	129,21	127,36	89,06	93,45	97,80	97,03	96,60	96,72	103,90	102,13	101,26			
FUMO	123,97	42,31	29,20	80,57	89,24	78,43	95,89	95,72	95,39	94,22	94,26	93,95			

IBGE

08/11/90

1990

PONDERAÇÃO CI-80

C L A S S E G Ê N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET	JAN-JUN	JAN-AGO	JAN-SET	ATE JUN	ATE AGO	ATE SET
INDUSTRIA GERAL	128,00	130,88	120,83	103,06	96,30	96,46	98,00	97,76	97,61	102,05	101,59	100,81
IND. TRANSFORMAÇÃO	128,00	130,86	120,83	103,06	96,30	96,46	98,00	97,76	97,61	102,05	101,59	100,81
MIN. NÃO METÁLICOS	106,85	113,27	107,48	87,89	95,28	96,87	96,96	96,71	96,73	104,13	102,07	100,07
MECANICA	211,94	223,48	197,58	117,87	104,60	123,98	100,60	101,24	103,69	109,00	107,17	108,12
PAPEL E PAPELÃO	185,37	189,13	177,84	109,34	121,97	120,82	100,18	102,79	104,63	102,27	104,21	105,80
QUIMICA	103,77	102,24	95,67	103,50	84,37	83,08	84,97	84,88	84,65	92,29	91,63	90,13
PERF. SABÕES, VELAS	129,71	142,65	121,14	84,90	74,49	72,53	78,08	77,50	76,88	100,80	91,11	85,29
PROD. MAT. PLÁSTICAS	104,64	99,90	78,39	96,32	86,29	80,38	74,15	75,80	76,27	80,43	79,54	78,51
TEXTIL	96,85	64,51	60,99	77,19	80,93	82,22	97,81	96,88	96,17	100,31	98,85	97,50
PROD. ALIMENTARES	137,62	151,45	138,46	108,66	101,11	97,41	114,37	112,32	110,42	113,14	113,30	112,16
BEBIDAS	135,60	152,55	156,10	104,00	97,91	107,02	104,84	103,86	104,23	107,60	105,80	106,04
FUMO	212,60	231,58	187,86	94,79	99,27	95,65	92,60	93,32	93,51	96,46	95,11	94,92

IBGE

05/11/90



1990

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSIFICAÇÃO GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES						
	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET	JAN.	MAR.	JAN-AGO	JAN-SET	ATÉ	JUN	ATÉ	AGO	ATÉ	SET
INDUSTRIA GERAL	137,02	140,99	127,09	97,34	92,87	90,05	97,26	96,61	95,81	103,54	101,79	100,14	103,54	101,79	100,14	
EXTRATIVA MINERAL	53,00	3,60	14,51	58,72	3,51	15,55	90,17	76,63	69,04	85,09	78,15	72,57	85,09	78,15	72,57	
IND. TRANSFORMAÇÃO	140,17	146,16	131,32	98,26	95,12	91,88	97,43	97,08	96,45	104,07	102,44	100,88	104,07	102,44	100,88	
MIN. NÃO METÁLICOS	127,23	132,46	119,48	86,21	85,98	80,24	84,49	84,69	84,17	97,69	95,97	94,00	97,69	95,97	94,00	
METALURGICA	150,23	164,76	139,29	86,25	87,16	78,79	86,45	85,56	85,56	101,42	98,20	94,21	101,42	98,20	94,21	
MECANICA	215,46	241,64	209,95	98,99	96,45	100,98	95,50	95,66	96,31	111,05	106,48	104,57	111,05	106,48	104,57	
MAT. ELETRICO E COM	330,32	349,11	319,21	110,32	88,85	85,31	112,02	107,56	104,11	115,26	111,52	108,44	115,26	111,52	108,44	
PAPEL E PAPELÃO	144,82	151,49	145,71	100,76	97,03	102,10	93,12	93,67	94,63	98,50	98,07	98,43	98,50	98,07	98,43	
QUIMICA	98,26	121,99	104,02	70,64	93,21	80,04	83,61	85,01	84,38	86,81	87,16	86,40	86,81	87,16	86,40	
PROD. MAT. PLASTICAS	128,38	140,39	130,57	83,48	81,71	91,04	93,10	91,08	91,07	105,46	99,49	96,66	105,46	99,49	96,66	
TEXTIL	111,44	117,50	102,99	107,66	106,16	98,74	101,90	102,52	102,07	100,99	101,35	101,60	100,99	101,35	101,60	
VEST. CALÇ. ART. TEC.	110,78	105,41	97,24	103,48	85,08	81,58	101,72	98,81	96,33	107,33	104,19	101,30	107,33	104,19	101,30	
PROD. ALIMENTARES	137,87	142,11	134,68	114,38	112,72	103,98	115,61	115,22	113,84	113,73	115,07	114,22	113,73	115,07	114,22	
BEBIDAS	86,64	88,43	88,85	115,03	98,89	111,62	97,95	98,05	99,15	100,48	99,47	99,92	100,48	99,47	99,92	
FUMO	138,39	12,92	0,24	107,38	344,78	993,75	88,48	88,98	88,99	80,05	83,18	83,19	80,05	83,18	83,19	

IBGE

08/11/90



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS - RIO GRANDE DO SUL

1990

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SET	AIJ	AIJ	AIJ
INDÚSTRIA GERAL	120,07	122,28	109,35	90,16	92,11	89,77	88,99	89,40	89,44	94,97	94,24	93,47
EXTRATIVA MINERAL	62,54	140,10	135,75	45,76	96,83	112,06	83,67	90,77	93,19	97,51	94,48	93,31
IND. TRANSFORMAÇÃO	120,42	122,17	109,15	90,44	92,08	89,63	88,98	89,40	89,42	94,96	94,24	93,48
MIN. NÃO METÁLICOS	113,35	116,29	86,63	92,37	89,97	74,27	86,46	86,99	85,46	94,00	92,50	89,70
METALÚRGICA	144,65	148,72	123,64	94,30	87,45	78,78	88,00	87,91	86,73	99,26	96,13	92,63
MECÂNICA	144,70	144,02	132,32	81,14	82,47	74,00	71,81	73,11	73,21	82,79	81,41	79,77
MAT. ELÉTRICO E COM.	158,69	164,68	176,98	103,71	108,69	128,46	112,35	111,80	113,79	119,33	118,15	118,86
MAT. TRANSPORTE	138,09	165,47	149,90	104,43	108,53	112,63	101,88	103,04	104,31	109,84	109,69	109,62
PAPEL E PAPELÃO	154,51	159,08	108,49	97,04	95,31	63,30	98,09	97,67	93,11	101,36	100,48	95,26
BOXRACHA	152,38	151,31	127,27	97,19	94,39	82,33	93,21	97,59	95,53	108,18	105,06	101,16
QUÍMICA	108,51	113,63	108,98	84,64	90,22	107,45	82,37	83,59	86,25	84,76	86,49	89,71
PERF. SABÕES, VELAS	130,54	127,96	92,93	92,95	93,21	79,45	92,97	93,00	91,52	97,76	95,79	93,28
VEST. CALC., ART. TEC.	93,33	100,53	91,09	92,82	91,56	91,40	87,77	88,31	88,66	93,08	92,32	91,71
PROD. ALIMENTARES	98,18	105,30	92,47	96,95	98,78	93,50	95,84	96,22	95,93	99,20	99,17	98,74
BEBIDAS	126,87	119,54	118,44	99,41	92,59	94,78	95,62	95,28	95,23	102,36	101,04	100,03
FUMO	139,60	41,06	28,12	72,17	75,33	66,39	101,10	100,43	99,75	100,87	99,78	99,27

IBGE

05/11/90

**SISTEMA NACIONAL
DE PESQUISA
DE CUSTOS E ÍNDICES
DA CONSTRUÇÃO CIVIL**



IBGE

SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

(Resultados para o Brasil e para as regiões)

O SINAPI - Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e índices da Construção Civil, apresentou no mês de outubro de 1990 o custo médio de CR\$ 24.636,79 por metro quadrado, para o Brasil, o que significou uma variação mensal de 9,29%. A variação acumulada no ano, atingiu a 738,86%.

Com relação aos resultados regionais, em outubro, as Regiões Norte e Nordeste, apresentaram o maior e o menor custos médios, respectivamente iguais a CR\$ 31.609,50 e CR\$ 22.332,50. Quanto às variações mensais, a mais elevada foi registrada na Região Norte, igual a 14,37%, sendo a menor, 8,19%, observada na Região Sudeste.

Ainda na Região Norte, foi registrada a mais alta variação acumulada no ano de 1990 (816,04%); a menor variação no mesmo período, ocorreu na Região Sudeste (717,46%).

A participação dos materiais na composição do custo médio, para o Brasil foi de CR\$ 19.161,97, variando no mês, 8,11%; a participação da mão-de-obra, correspondeu a CR\$6.504,82, resultando em uma variação mensal igual a 12,72%.



Quanto às variações percentuais: mensal, no ano e em doze meses, são destacados, por Região os valores máximos e mínimos, na tabela 3.

Resultado das categorias sócio-profissionais da construção civil, para o Brasil.

Para o Brasil, a categoria "Pintor" apresentou a maior variação em Outubro (15,33%) elevando o salário-hora para CR\$ 76,52. A menor variação mensal foi registrada para a categoria "mestre-de-obras" (12,04%) sendo o salário-hora igual a CR\$ 257,57.

Os demais salários e variações podem ser vistos nas tabelas 1 e 2.



IBGE

(1 - PARTICIPAÇÃO E VARIAÇÃO MENSAL DOS INSUMOS NO CUSTO, POR REGIÃO)

REGIÃO	MATERIAL		MÃO-DE-OBRA	
	Participação (CR\$/m ²)	Variação Mensal (%)	Participação (CR\$/m ²)	Variação Mensal (%)
Norte	24.609,08	13,75	7.000,42	16,62
Nordeste	17.598,32	10,93	4.734,18	12,75
Sudeste	17.579,81	6,56	6.786,66	12,65
Sul	18.600,96	8,41	7.108,29	9,16
Centro-Oeste	18.967,82	9,49	6.794,34	14,84

Com relação aos materiais, a Região Norte, apresentou as maiores altas de preços, representadas por 13,75%, sendo as menores altas, registradas na Região Sudeste, situando-se na faixa de 6,56% no mês.

Com relação ao custo da mão-de-obra, as maiores altas, ocorreram na Região Norte, em torno de 16,62% sendo verificado na Região Sul, as menores elevações de salários, expressas pela variação de 9,16% no mês.

(Resultados para as Unidades da Federação)

Destacamos, primeiramente, os custos mais altos neste mês, por Região: CR\$ 32.306,18 (Roraima); CR\$ 23.972,46 (Piauí); CR\$ 25.716,68 (São Paulo); CR\$ 26.859,10 (Rio Grande do Sul) e CR\$ 27.126,27 (Distrito Federal). Quanto aos custos mais baixos, foram registrados no Pará (CR\$ 29.691,07); Sergipe (CR\$ 20.046,02); Espírito Santo (CR\$ 19.199,08); Santa Catarina (CR\$ 24.183,42) e Goiás (CR\$ 23.591,17).

Os demais custos médios podem ser vistos na tabela 2.

NOTAS EXPLICATIVAS

1 — A manutenção da base teórica do SINAPI é hoje uma competência conjunta do IBGE e CEF — Caixa Econômica Federal. P significa que o 1º pavimento é em pilotis, e T, que o 1º pavimento é térreo. Por último é indicada a área total da construção do projeto.

2 — As séries mensais de salários médios são produzidas a partir dos salários coletados nas empresas construtoras, considerando-se:

a) o salário-hora bruto, ou seja, não é subtraído qualquer desconto de responsabilidade do empregado;

b) o valor contratado com o empregado, ou seja, não é incluído qualquer encargo social de responsabilidade do empregador; e

c) o valor referente à jornada normal de trabalho, ou seja, não consideradas horas extras.

3 — O SINAPI considera quatro padrões de acabamento: alto, normal, baixo e mínimo. São apresentados os custos dos projetos residenciais nos padrões normal e mínimo.

Na nomenclatura dos projetos, Rp e Cp significam, respectivamente, projeto residencial e projeto comercial com p pavimentos; nQ indica o nº de quartos da unidade residencial. Para os projetos comerciais, LA

O custo médio de cada Área Geográfica é a média ponderada dos custos dos 21 projetos residenciais, considerando-se apenas o padrão normal de acabamento.

4 — As séries mensais de custos e índices de custos referem-se ao custo do metro quadrado de uma construção no canteiro de obras. Não se incluem as despesas com projetos em geral, licenças, seguros, instalações provisórias, depreciações dos equipamentos, compra de terreno, administração, financiamentos, nem com os equipamentos mecânicos (elevadores, compactadores, exaustores e outros) e não estão envolvidos os lucros da construtora e da incorporadora.

5 — Para o cálculo do Orçamento Final por metro quadrado (OF), deverão ser acrescidos ao Custo SINAPI os custos relativos a alguns itens para os quais o SINAPI, dadas suas características, não dispõe de informações. Estes itens são os seguintes:

- Fundações Profundas e Especiais;
- Equipamentos (elevadores, compactadores, interfone, etc.);
- Complementos (jardins, decorações, etc.); e
- Máquinas e Equipamentos de Obra.

O Orçamento Final por metro quadrado (OF), incluindo todos os custos do empreendimento, será calculado adotando-se a seguinte fórmula:

$$OF = C \text{ SINAPI} + \frac{(OFe - OFd) + OE + OC}{S}$$

onde:

OF = Orçamento Final por metro quadrado

C SINAPI	=	Custo do metro quadrado do projeto, estimado com base nos custos do SINAPI
OFe	=	Orçamento das Fundações especiais ou profundas
OFd	=	Orçamento das Fundações diretas (já consideradas nos projetos de casas)
OE	=	Orçamento de Equipamentos
OC	=	Orçamento dos Complementos
S	=	Área de Construção do Projeto em Estudo

Ao Orçamento Final por metro quadrado deverão ser acrescidos os custos financeiros, taxa de administração e lucro da empresa.



IBGE/DPE
DESIP/DIPES

1 - EVOLUÇÃO DO CUSTO MEDIO, NUMERO INDICE E VARIAÇÕES MENSAS
DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO - BRASIL
PERIODO: JANEIRO/89 A OUTUBRO/90

ANOS E MESES DE REFERENCIA	CUSTO MEDIO (CZ\$)	NUMERO INDICE	VARIAÇÃO MENSAL (CZ\$)
1989			
JANEIRO.....	187.16	2777.20	41.10
FEVEREIRO....	194.90	2892.05	4.13
MARÇO.....	204.41	3033.17	4.87
ABRIL.....	225.13	3340.62	10.13
MAIO.....	259.64	3852.71	15.32
JUNHO.....	372.55	5528.14	43.48
JULHO.....	504.63	7488.03	35.45
AGOSTO.....	782.62	11613.02	55.08
SETEMBRO.....	1073.27	15925.87	37.82
OUTUBRO.....	1476.32	21906.59	37.55
NOVEMBRO.....	2088.17	30985.61	41.44
DEZEMBRO.....	3115.97	46236.77	49.22
1990			
JANEIRO.....	4487.99	152.63	52.63
FEVEREIRO....	7646.98	260.06	70.38
MARÇO.....	13776.47	468.50	80.15
ABRIL.....	15969.91	543.10	15.92
MAIO.....	15720.62	534.62	1.56
JUNHO.....	16528.34	562.09	5.13
JULHO.....	18024.32	612.96	9.05
AGOSTO.....	20792.53	707.10	15.35
SETEMBRO.....	22569.65	767.54	8.54
OUTUBRO.....	24666.79	838.86	9.29

FONTE: DEPARTAMENTO DE INDICES E PREÇOS

APCOM

2 - CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÕES PERCENTUAIS

DA CONSTRUÇÃO CIVIL, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E

AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Mês de referência: OUTUBRO / 90

Áreas Geográficas	Custo Médio (Cr\$ /M2)	Nº Índice (dez/89=100)	Variações Percentuais		
			Mensal	No ano	12 Meses
REGIÃO NORTE	31.609,50	916,04	14,37	816,04	
Rondônia	29.924,34	827,68	14,81	727,68	
Acre	30.859,59	926,78	12,02	926,78	
Amazonas	32.085,84	952,91	11,14	852,91	
Roraima	52.306,18	1.001,04	14,37	901,04	
Pará	29.691,07	881,67	18,46	781,67	
Amapá	29.968,23	874,42	19,97	774,42	
REGIÃO NORDESTE	22.332,50	850,83	11,32	750,83	
Maranhão	23.669,37	769,09	5,62	669,09	
Piauí	23.972,46	852,01	12,72	752,01	
Ceará	22.195,04	829,13	9,16	729,13	
Rio Grande do Norte	23.736,59	812,82	9,11	712,82	
Paraíba	23.406,32	846,77	10,01	746,77	
Pernambuco	20.773,84	859,74	13,85	759,74	
Alagoas	21.652,07	854,33	10,84	754,33	
Sergipe	20.046,02	827,67	8,88	727,67	
Bahia	22.721,37	893,83	13,61	793,83	
REGIÃO SUDESTE	24.366,47	817,46	8,19	717,46	
Minas Gerais	22.795,18	931,56	12,89	831,56	
Espírito Santo	19.199,08	811,13	14,62	711,13	
Rio de Janeiro	22.669,58	790,05	5,01	690,05	
São Paulo	25.716,68	804,84	7,97	704,84	
REGIÃO SUL	25.709,25	838,80	8,62	738,80	
Paraná	25.149,81	803,03	10,59	703,03	
Santa Catarina	24.183,48	826,81	7,27	726,81	
Rio Grande do Sul	26.859,10	879,63	7,31	779,63	
REGIÃO CENTRO-OESTE	25.762,16	914,19	10,85	814,19	
Mato Grosso do Sul	25.626,03	892,33	11,48	792,33	
Mato Grosso	24.192,96	875,96	8,89	775,96	
Goiás	23.591,17	959,32	19,92	859,32	
Distrito Federal	27.126,27	907,11	7,71	807,11	

FONTE: DESIP/IBGE

3 - Quadro Demonstrativo das Variações Percentuais
Máximas e Mínimas nas UF's
- OUTUBRO DE 1990 -

REGIÃO - UF	VARIAÇÃO PERCENTUAL	
	MENSAL	NO ANO 12 MESES
NORTE		
Variação Máxima		
. Amapá	19,97	
. Roraima		901,04
Variação Mínima		
. Amazonas	11,14	
. Rondônia		727,68
NORDESTE		
Variação Máxima		
. Pernambuco	13,85	
. Bahia		793,83
Variação Mínima		
. Maranhão	5,62	669,09
SUDESTE		
Variação Máxima		
. Espírito Santo	14,62	
. Minas Gerais		831,56
Variação Mínima		
. Rio de Janeiro	5,01	690,05
SUL		
Variação Máxima		
. Paraná	10,59	
. Rio Grande do Sul		779,63
Variação Mínima		
. Santa Catarina	7,27	
. Paraná		703,03
CENTRO-OESTE		
Variação Máxima		
. Goiás	19,92	859,32
Variação Mínima		
. Distrito Federal	7,71	
. Mato Grosso		775,96



IBGE/DPE
DESIP/DIPES

SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E INDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL - SINAPI
4 - SALÁRIOS - HORA (EM CZ\$) DAS CATEGORIAS SÚCIO PROFISSIONAIS.

OUTUBRO/90

SEGUNDO O BRASIL E OS MUNICIPIOS DAS CAPITAIS

BRASIL E MUNICIPIOS	CATEGORIAS				
	ARMADOR	BOMBEIRO HIDRAULICO	CARPINTEIRO DE ESQUADRIAS	CARPINTEIRO DE FORMAS	ELETRICISTA
BRASIL.....					
PORTO VELHO.....	73.90	82.55	78.17	72.85	83.52
RIO BRANCO.....	55.00	73.88	64.01	76.69	68.29
MANAUS.....	70.39	70.39	72.00	70.39	70.39
BOA VISTA.....	73.13	73.49	73.26	72.98	75.00
BELEM.....	250.00	250.00	206.24	266.33	250.00
MACAPA.....	54.62	55.94	55.65	54.62	54.57
SAO LUIZ.....	69.87	71.29	76.03	71.08	73.89
TERESINA.....	39.17	39.17	39.17	39.17	39.17
FORTALEZA.....	44.44	43.82	45.00	43.83	44.96
NATAL.....	43.75	44.49	44.13	43.75	44.82
JOAO PESSOA.....	45.08	45.08	45.08	45.08	45.08
RECIFE.....	43.87	43.05	46.28	45.00	43.65
MACEIO.....	49.66	49.66	49.66	49.66	49.66
ARACAJU.....	42.58	62.05	43.53	46.92	56.72
SALVADOR.....	46.72	46.72	46.72	46.72	46.72
BELO HORIZONTE.....	80.00	82.76	84.43	80.00	74.09
VITORIA.....	90.00	96.00	87.50	90.00	103.19
RIO DE JANEIRO.....	64.60	70.14	68.00	66.00	64.94
SAO PAULO.....	71.33	71.33	74.08	70.00	71.33
CURITIBA.....	77.65	101.81	88.55	79.92	98.98
FLORIANOPOLIS.....	83.08	85.30	80.26	76.48	91.41
PORTO ALEGRE.....	104.19	86.54	96.59	97.21	102.45
CAMPO GRANDE.....	61.00	76.02	93.56	81.00	98.72
CUIABA.....	61.00	57.22	61.55	61.50	61.98
GOIANIA.....	64.61	57.40	55.01	52.17	56.49
BRASILIA.....	70.00	71.95	70.00	70.00	71.80
	80.00	80.00	80.00	80.00	80.00

APÓIO COMPUTACIONAL
FONTE: DEPARTAMENTO DE INDICES DE PREÇOS - DPE/IBGE

SYSTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E INDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL - SINAPI
4 - SALÁRIOS - HORA (EM CZ\$) DAS CATEGORIAS SOCIO PROF. ISSIONAIS.

SEGUNDO O BRASIL E OS MUNICIPIOS DAS CAPITAIS

OUTUBRO/90

BRASIL E MUNICIPIOS	CATEGORIAS				
	MADEIRO	MESTRE DE OBRAS	PEDEIRO	PIHTOR	SERVENTE
BRASIL	83.11	257.59	72.87	76.52	48.41
PORTO VELHO	83.87	117.76	77.91	62.60	41.00
RIO BRANCO	65.22	201.24	70.39	81.74	45.45
MANAUS	72.91	184.83	73.05	73.08	50.80
BOA VISTA	250.00	380.00	187.50	250.00	102.28
BELEM	54.89	67.62	54.57	54.57	32.96
MACAPA	67.50	137.78	77.32	77.85	55.49
SÃO LUIZ	47.00	92.06	39.17	41.54	29.21
TERESINA	44.65	89.62	42.41	44.16	30.67
FORTALEZA	44.17	118.44	43.76	44.16	32.34
NAIAL	45.23	120.76	45.08	45.08	30.13
JOÃO PESSOA	43.12	106.65	45.00	45.72	36.04
RECIFE	48.91	168.05	49.66	49.66	36.42
MACETÓ	43.91	156.26	41.09	40.21	30.67
ARACAJU	46.72	159.13	46.72	46.72	30.08
SALVADOR	89.33	330.26	80.00	80.00	44.00
BELO HORIZONTE	100.00	248.07	90.00	90.56	56.25
VITORIA	71.42	204.00	60.00	60.50	36.00
RIO DE JANEIRO	73.17	260.41	70.00	71.33	44.95
SÃO PAULO	96.44	356.82	77.24	87.85	54.34
CURITIBA	90.18	165.51	80.00	80.18	58.10
FLORIANOPOLIS	101.49	241.28	87.56	82.80	45.45
PORTO ALEGRE	90.58	163.69	81.00	79.17	55.56
CAMPO ALEGRE	55.27	161.04	61.00	57.25	43.89
CUIABA	62.55	205.39	62.70	48.40	37.24
GOIANIA	76.35	173.38	70.00	74.21	40.00
BRASIL IA	80.00	320.00	80.00	80.00	52.50

APÓIO COMPUTACIONAL
FONTE: DEPARTAMENTO DE INDICES DE PREÇOS - DPE/IBGE

SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E INDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL - SINAPI
5 - VARIACÃO MENSAL (%) DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SOCIO PROFISSIONAIS

SEGUNDO O BRASIL E OS MUNICIPIOS DAS CAPITALS
OUTUBRO/90

BRASIL E MUNICIPIOS	CATEGORIAS				ELECTRICISTA
	ARMADOR	BOMBEIRO HIDRAULICO	CARPENTEIRO DE ESQUADRIAS	CARPENTEIRO DE FORMAS	
BRASIL.....	15.31	13.83	14.15	14.04	13.02
PORTO VELHO.....	41.57	41.56	100.03	34.45	41.56
RIO BRANCO.....	12.39	12.39	12.39	12.39	48.94
MANAUS.....	6.12	3.00	0.07	5.98	0.00
BOA VISTA.....	26.54	9.50	0.00	16.50	17.65
BELEM.....	23.18	23.82	26.53	23.97	26.50
MACAPA.....	47.78	43.82	44.27	25.85	57.15
SÃO LUIZ.....	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
TERESINA.....	18.38	8.38	18.14	16.85	9.71
FORTALEZA.....	2.58	4.31	3.47	2.58	5.09
NATAL.....	2.08	0.90	3.87	0.02	4.26
JOAO PESSOA.....	9.59	10.44	16.34	12.39	8.85
RECIFE.....	27.79	27.46	27.46	27.79	27.63
MACEIO.....	6.34	6.29	3.37	7.94	0.37
ARACAJU.....	6.09	6.09	6.09	6.09	6.09
SALVADOR.....	23.08	18.94	18.87	23.08	13.98
BELO HORIZONTE.....	21.62	0.76	13.27	21.62	9.01
VITORIA.....	30.61	37.56	32.14	40.43	17.01
RIO DE JANEIRO.....	14.99	10.37	13.55	12.85	14.99
SÃO PAULO.....	10.93	15.75	13.72	9.26	10.63
CURITIBA.....	15.71	19.28	13.36	14.17	18.41
FLORIANOPOLIS.....	9.99	6.63	0.00	15.00	0.00
PORTO ALEGRE.....	5.87	0.00	3.97	0.00	11.54
CAMPO GRANDE.....	18.42	14.12	18.78	21.33	20.33
GUIABA.....	13.45	14.14	14.03	10.76	14.14
GOIANIA.....	64.94	64.61	53.88	62.45	60.55
BRASILIA.....	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00

APÓD COMPTACIONAL
FUENTE: DEPARTAMENTO DE INDICES DE PREÇOS - DPE/IBGE



SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E INDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL - SINAPI
5 VARIACÃO MENSAL (%) DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SOCIO-PROFISSIONAIS

SEGUINDO O BRASIL E OS MUNICÍPIOS DAS CAPITALS
OUTUBRO/90

BRASIL E MUNICÍPIOS	CATEGORIAS				
	I. ADRILEIRO	MESTRE DE OBRAS	PEDREIRO	FINIDOR	SERVEIJE
BRASIL.....	13.68	12.04	14.31	15.33	14.47
PORTO VELHO.....	41.58	0.00	32.95	0.00	22.99
RIO BRANCO.....	4.14	13.28	12.39	19.89	20.37
MANAUS.....	5.24	8.70	6.05	4.91	0.08
BOA VISTA.....	3.76	15.15	4.98	13.64	11.55
BELEM.....	26.50	26.49	26.50	26.76	21.94
MACAPA.....	49.93	49.99	55.26	50.00	48.49
SÃO LUIZ.....	0.00	10.90	0.00	6.05	6.10
TERESTINA.....	8.93	15.47	13.82	17.76	6.09
FORTALIZA.....	3.56	4.98	2.60	3.54	0.00
NATAL.....	2.54	6.10	0.02	3.21	0.00
JOAO PESSOA.....	10.25	5.95	12.39	14.19	21.72
RECIFE.....	25.70	22.19	28.25	27.46	27.48
MACEIO.....	9.99	12.68	2.72	1.26	6.09
ARACAJU.....	6.09	38.93	6.09	6.09	6.10
SALVADOR.....	23.08	11.91	23.08	23.08	12.82
BELO HORIZONTE.....	-0.09	15.15	24.14	13.20	22.28
VITORIA.....	40.42	16.57	18.30	24.26	23.08
RIO DE JANEIRO.....	9.44	7.09	12.85	13.60	14.99
SÃO PAULO.....	15.70	11.78	10.34	14.31	13.21
CURITIBA.....	15.23	16.07	14.29	14.54	18.57
FLORIANOPOLIS.....	0.00	10.00	12.92	13.69	0.00
PORTO ALEGRE.....	5.19	4.86	0.00	5.36	6.19
CAMPO GRANDE.....	13.10	12.82	17.31	13.10	15.50
CUIABA.....	16.72	15.86	11.03	6.80	9.18
GOIANIA.....	64.94	30.13	64.94	65.06	45.30
BRASÍLIA.....	0.00	4.72	0.00	0.00	0.00

APÓIO COMPUTACIONAL
FONTE: DEPARTAMENTO DE INDICES DE PREÇOS - DPE/IBGE

**ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO
AGRÍCOLA ANUAL**



**PRODUÇÃO DAS LAVOURAS EM OUTUBRO, PRODUÇÃO DA PECUÁRIA EM SETEMBRO DE 1990 E
PERSPECTIVAS PARA A SAFRA DE 1991**

1- Lavouras

1.1 Situação das lavouras em outubro em relação a setembro

Em relação às informações do mês anterior, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola apresentou em outubro poucas variações significativas nas estimativas de produção. Destacaram-se os seguintes produtos: algodão arbóreo e herbáceo (-3,64% e 1,44%), batata-inglesa 3a safra (-5,59%), feijão 2a e 3a safras (-2,31% e -1,32%), milho 2a safra (-2,80%), tomate (3,35%) e trigo (-9,08%).

No caso do algodão arbóreo, a variação negativa deveu-se às irregularidades climáticas e ao ataque do "bicudo", como vem sendo seguidamente relatado. A cada novo levantamento são constatadas novas quebras na produtividade da cultura. Para o algodão herbáceo, a alteração foi efetuada tendo em vista novas informações obtidas junto as máquinas de beneficiamento do produto em São Paulo e na Bahia.

A redução na estimativa de produção da batata-inglesa 3a safra reflete a alteração no dado de Minas Gerais, pela perda de área ocorrida nesta safra e que foi confirmada por ocasião da colheita do produto.

A estimativa de produção do feijão 2a safra apresentou novamente redução, motivada por adversidades climáticas durante o ciclo da cultura, em regiões produtoras de Alagoas, Sergipe, Bahia e do Mato Grosso do Sul. Já o feijão 3a safra sofreu grande perda na região de Presidente Prudente, onde não existe irrigação artificial, e é responsável por 50% da produção paulista. A redução em São Paulo foi amenizada pelo aumento de produção em Goiás, decorrente de plantios em novos municípios produtores.

A produção de milho 2a safra teve sua estimativa reduzida em função da perda de área e quebra da produtividade da safra da Bahia; enquanto que a estimativa da produção de tomate apresentou um aumento em função de novas avaliações feitas nas regiões produtoras de Goiás e Pernambuco, sendo que neste último se deveu ao crescimento da área de tomate industrial após a definição da política de preços em nível de produtor, com novos contratos firmados para ampliação de cultivos a serem colhidos ainda neste ano.

Já a produção de trigo teve sua estimativa mais uma vez reduzida, devido a ajustes feitos nos dados de São Paulo e do Paraná em função de resultados obtidos na colheita, já encerrada no primeiro e praticamente terminada (85%) no segundo estado.



As perdas foram causadas pelos efeitos das condições climáticas desfavoráveis que propiciaram também a redução da estimativa do Rio Grande do Sul, onde a produtividade, como também, a qualidade do produto estão comprometidas.

1.2 - Situação das lavouras em outubro em relação à produção obtida em 1989

Dos vinte produtos analisados neste mês, apenas seis apresentaram variações positivas em relação às produções obtidas no ano anterior: batata-inglesa 1a safra (15,44%), cana-de-açúcar (7,40%), cebola (8,16%), feijão 1a safra (2,47%), mandioca (4,36%) e tomate (1,39%). Entre os que apresentaram variações negativas destacam-se: arroz (-32,60%), batata-inglesa 3a safra (-17,82%), feijão 2a safra (-10,00%), milho 1a e 2a safras (-18,41% e -58,09%), soja (-17,22%) e trigo (-37,85%).

Esta situação é praticamente a mesma do mês anterior. Vale salientar que dos produtos com variações negativas, o arroz, a batata, o feijão e o milho já haviam iniciado com áreas significativamente menores que as plantadas na safra anterior, ou seja, de uma comparação direta entre as áreas plantadas para a safra/90 e as plantadas para a safra/89 observam-se: arroz (-20,13%), feijão 2a safra (-14,39%), batata-inglesa 3a safra (-9,58%), milho 1a e 2a safras (-9,75% e -35,88%, respectivamente). Somaram-se a estas reduções, as perdas de áreas já plantadas, ocasionadas por condições climáticas adversas, com quedas bastante expressivas das áreas colhidas e com o comprometimento das produtividades (exceção da batata-inglesa) levando aos baixos níveis de produção registrados em 1990.

No caso da soja e do trigo, as reduções das áreas plantadas, em relação a safra 89, não foram tão grandes assim: soja (-5,24%) e trigo (-0,49%). Para a soja, a perda de área plantada foi muito pequena (-0,97%), sendo que, o que agravou a situação, foi mesmo a quebra da produtividade (-12,02%). Deste modo, a redução da área plantada com soja em relação ao ano anterior e a quebra de produtividade levaram a produção a um decréscimo de 17,22% em relação a safra de 1989, significando 4,14 milhões de toneladas de grãos a menos.

Para o trigo, as condições climáticas foram muito severas, ocasionando uma perda de 18,72% da área plantada para a safra/90, e prejudicando também, seriamente a produtividade (-23,76%) já que as plantas estavam mais vulneráveis pela redução do nível de insumos aplicados. Com isso, a produção caiu drasticamente para 3.452.305 t, menor 37,85% que a obtida na safra anterior.



1.3 - Produção de cereais, leguminosas e oleaginosas

A produção total de cereais, leguminosas e oleaginosas atingiu, segundo as estimativas de outubro do LSPA, 56,6 milhões de toneladas, inferior em 21,22% à obtida em 1989. Esta redução é explicada por uma diminuição da área de 11,78% e uma quebra da produtividade que, em média para o conjunto de produtos foi de 10,70%.

2 - Produção Animal

O desempenho do subsetor em setembro mostrou um certo arrefecimento no ritmo de abate de animais que vinha mantendo nos dois primeiros quadrimestres de 1990. Ainda assim os dados relativos ao período de janeiro a setembro configuram uma situação confortável tanto para a oferta de carne bovina (+0,3%), como para a suína (+13,4%) e a avícola (+12,6%), em comparação à performance do mesmo período de 1989. A produção de leite destinada às indústrias prosseguiu crescente em setembro, contribuindo para uma expansão média de 7,5% no acumulado ano.

A majoração dos preços dos produtos pecuários, sobretudo para as categorias da bovinocultura de corte (+7,4% em média, de acordo com a Tabela 01), observada em setembro, praticamente interrompeu a tendência de estabilização evidenciada em agosto. Esse comportamento do mercado deveu-se principalmente à redução (-7,3%) na oferta de bovinos para abate, explicado parcialmente pela diminuição de cerca de 50% no número de animais confinados para engorda (cerca de 350 mil cabeças) no corrente ano.

2.1 Bovinocultura de corte

Em setembro, abateram-se 954 mil cabeças de bovinos, em razão da redução de 3,6% verificada na matança de bois gordos e de 14,0%, na de vacas. O menor sacrifício de matrizes insere-se num quadro de normalidade, já que no acumulado do ano, a matança dessa categoria alcançou um total de 3,29 milhões de cabeças, 16,6% a menos do que nos três primeiros trimestres de 1989. O declínio do abate de boi gordo, no entanto, interrompeu uma série de seis meses de resultados positivos, levando a quantidade de carne ofertada em carcaças no acumulado do ano (2,1 milhões de t) a aproximar-se daquela registrada em 1989.



2.2 Bovinocultura de leite

Em setembro, a recepção de leite na plataforma das indústrias laticínistas alcançou um volume de 735,1 milhões de litros superando em 7,8% o resultado do mesmo mês de 1989. No acumulado do ano, o desempenho da atividade totalizou 6,88 bilhões de litros, espelhando sobretudo o aumento substancial de 39,8% no preço do leite tipo C, autorizado pelo governo em março do corrente ano. Destaque-se, porém, que a partir de julho, quando o governo anunciou a liberação do produto, a majoração foi de apenas 3,3%, contrariando as pretensões dos produtores.

2.3 Suinocultura

O número de suínos abatidos em setembro, atingiu um total de 910 mil cabeças, correspondendo a um acréscimo de 8,5% em relação ao mesmo mês de 1989. Este desempenho evidencia a continuidade da recuperação da atividade que, no acumulado do ano, totalizou aproximadamente 8 milhões de cabeças abatidas, 12,6% a mais do que em igual período do ano passado. A partir de julho, a baixa de 9,2% nos preços recebidos pelos suinocultores, (Tabela 01), derivou, pois, da firmeza da oferta no mercado, conjugada com o abrandamento da demanda em razão da diminuição do poder de compra das classes assalariadas.

2.4 Avicultura de corte

O abate de aves em setembro totalizou 74,5 milhões de cabeças, 6,6% acima do desempenho do mesmo mês do ano passado, confirmando as expectativas iniciais de crescimento da ordem de 12% a 13% no corrente exercício. No acumulado do ano, o desempenho da atividade revela uma oferta total de 1.155.973 t de carcaças (+12,6%), refletindo a melhora havida nos preços do frango, da ordem de 43,8% no período de janeiro a setembro (Tabela 01).

Esta performance pode ser considerada a mais expressiva do subsetor, tendo em vista que, diferentemente da suinocultura, a produção das granjas avícolas cresce pelo segundo ano consecutivo. Deve-se destacar ainda que a expansão da atividade se efetiva favorecida pela estabilidade do preço da soja e à revelia do preço do milho que, de acordo com os dados da Fundação Getúlio Vargas, saltou de Cr\$ 7,76/kg (cruzeiros de setembro) em janeiro para Cr\$ 12,27/kg, em setembro do corrente ano.



Tabela 01 - Preços reais(1) dos principais produtos pecuários recebidos pelos produtores. Brasil - 1990 - janeiro, março, julho, agosto e setembro

ITEM	1 9 9 0					
	janeiro (1)	março (2)	julho (3)	agosto (4)	setembro (5)	variação (5)/(4)%
Bezerro (Cr\$/cabeça)	7.573,84	7.825,42	12.496,39	12.020,14	12.369,00	2,9
Boi magro (Cr\$/cabeça)	14.659,36	15.870,45	22.550,78	22.597,96	23.739,00	5,0
Boi gordo (Cr\$/arroba)	1.848,79	2.052,15	2.318,23	2.276,44	2.603,21	14,4
Suíno (Cr\$/arroba)	902,19	1.020,50	1.645,58	1.517,09	1.494,48	-1,5
Frango (Cr\$/kg)	77,15	82,56	102,04	102,89	110,93	7,8
Leite (Cr\$/litro)	16,98	23,90	20,80	21,14	21,49	1,7
Ovos (Cr\$/duzia)	36,08	59,50	68,37	68,90	61,41	10,9
Média	-	-	-	-	-	5,9

Fonte: CEA/IBRE/FGV

(1) Corrigidos pelo IGP-OI, da FGV, para setembro de 1990.

3 - Produto Real do Setor Agropecuário

Segundo as informações disponíveis, em outubro para a produção das lavouras e em setembro para a produção animal, o setor agropecuário apresenta um decréscimo do produto real, no corrente ano, de 3,60%, com a produção vegetal decrescendo 9,28% e a animal indicando um crescimento de 5,28%.



4 - Perspectivas para a Safra de 1991

O IBGE realizou, durante o mês de outubro, o levantamento de informações sobre as intenções de plantio, bem como, das áreas já plantadas para a safra de 1991, na região Centro-Sul e em Rondônia. A estimativa do total de área plantada ou a plantar, considerando-se os treze produtos pesquisados, foi de 28.393.033 ha, menor 3,35% que a área plantada para a safra de 1990. Se a comparação fosse feita com a área colhida em 1990, a redução seria menor (-1,23%) em virtude das perdas de área registradas nesta safra.

Seis produtos apresentaram variações positivas: algodão herbáceo (2,76%), amendoim 1ª safra (2,77%), feijão 1ª safra (0,15%), fumo (2,36%), mandioca (1,35%) e milho (7,62%). E os demais, variação negativa: arroz (-2,77%), batata-inglesa 1ª safra (-0,90%), cana-de-açúcar (-0,30%), cebola (-2,90%), mamona (-4,86%), soja (-14,52%) e tomate (-0,46%).

Dos produtos com esperados crescimentos de área plantada, merecem ser comentados: o algodão herbáceo, o feijão e o milho. A maior área plantada com algodão reflete o incremento significativo na região Centro-Oeste (27,70%) e no estado do Paraná (10,20%), já que no Sudeste é esperada uma diminuição de 12,67% na área para a próxima safra. Em Minas Gerais e em São Paulo, tudo indica que a morosidade na liberação de recursos para o custeio tenha sido a principal causa da perspectiva nada alentadora para a safra/91. No Centro-Oeste, porém, a cultura está sendo incentivada pelo VBC satisfatório, pela implantação de novas indústrias que fornecem insumos e se comprometem a comprar a produção, pelos bons preços de comercialização da safra anterior, e ainda pelo desestímulo dos produtores de soja que vêem no algodão uma melhor alternativa.

Apesar do governo ter adotado medidas de estímulo ao plantio do feijão, como a fixação de preço mínimo de garantia favorável e 100% de adiantamento do VBC para qualquer classe de produtor, observou-se uma fraca reação dos produtores a estes incentivos. Em São Paulo e no Paraná foram estimadas áreas idênticas às plantadas para a safra/90, enquanto que os dados de Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul apresentam pequenos incrementos (1,51%, 1,24% e 3,71%, respectivamente). Já no Espírito Santo, no Rio de Janeiro e nos estados da região Centro-Oeste, com exceção do Distrito Federal, as áreas plantadas mostram significativos decréscimos. Sendo o feijão uma cultura muito sensível aos efeitos das condições climáticas adversas, o insucesso na safra anterior parece ter pesado mais na decisão dos produtores que os incentivos oriundos da nova política agrícola. Aliás, algumas áreas plantadas para a próxima safra já começam a enfrentar problemas de ordem climática, havendo necessidade inclusive de replantio de alguns cultivos. Apesar da área plantada para safra/91 ser quase igual à do ano anterior, se as condições climáticas



forem mais favoráveis, haverá possibilidade de ganhos na produção, já que na safra/90 a perda de área foi bastante significativa.

Para o milho, todos os estados com exceção do Rio de Janeiro, acusaram crescimento da área plantada para a próxima safra. Estes resultados confirmaram as expectativas em relação à cultura, tendo em vista os bons preços alcançados na última safra, e os incentivos da política governamental, como VBC considerado satisfatório e preços mínimos estimulantes; enfim, o produto promete melhor remuneração em comparação com a soja. Pode-se mesmo dizer que boa parte do incremento da área do primeiro se dará em substituição ao segundo produto.

Dentre os produtos com decréscimos na área plantada, destacam-se o arroz e a soja. Para o primeiro, a esperada diminuição da área torna-se preocupante uma vez que sua produção sofreu redução expressiva na safra/90, sendo mesmo a menor dos últimos seis anos. Porém se a área plantada para a safra/91 for comparada com a colhida em 1990 constata-se um crescimento de 7,27%. Isto se deve às consideráveis perdas de área nesta safra, em função da forte estiagem nas regiões produtoras. Assim, se prevalecerem condições climáticas mais favoráveis poderá haver um incremento na produção em relação à safra/90.

A soja é a cultura que deverá apresentar a maior redução de área plantada para a próxima safra. Todos os estados apresentaram variações negativas, sendo que para a região Sudeste o decréscimo foi de 11,80%, para região Sul, 9,37% e para a região Centro-Oeste, 23,47%. Como já foi mencionado, a cultura cedeu lugar ao cultivo do milho que tem apresentado condições mais vantajosas aos produtores. A sojicultura, na verdade, sofreu inúmeras dificuldades - escassez de recursos para custeio, anormalidades climáticas, quedas nas cotações, câmbio flutuante, descapitalização e endividamento dos produtores. Agora, a pouca disponibilidade de crédito, o VBC limitado, a relação de preço soja-milho, amplamente favorável ao milho, os custos operacionais elevados, preço mínimo desestimulante, entre outros, levam a esta perspectiva nada promissora para a safra/91.

Produtos como a mandioca e a cana-de-açúcar, em muitos estados, mostram uma tendência de manter a mesma área ou apresentar uma variação pouco expressiva. Só mais adiante será possível definir com mais segurança a estimativa de área destinada à colheita em 1991. Já no caso do tomate, as primeiras avaliações devem ser vistas com certa cautela vez que a cultura permite vários plantios ao longo do ano. As últimas safras têm mostrado significativas variações decorrentes de desajustes no setor, como por exemplo, os impasses entre industriais e produtores, na definição da política de preços. Assim, o quadro apresentado poderá mudar bastante nos próximos levantamentos.

Devido a problemas de descapitalização, endividamento e certa demora na liberação de recursos, acredita-se que o nível de insumos a ser utilizado na próxima



safra, deverá sofrer uma redução maior do que a já verificada na safra/90, o que poderá comprometer os níveis de produtividade.

Vale ressaltar no entanto, que os levantamentos que levaram a estes prognósticos foram realizados ainda num clima de incerteza não só em relação à decisão do produtor sobre "o quê" e "quanto" plantar, mas principalmente no tocante à obtenção de financiamento.

O quadro, retratado, ainda não é definitivo, uma vez que este é o primeiro de três prognósticos que o IBGE realizará para a próxima safra, sendo que em algumas regiões os plantios só serão efetivados em período mais próximo ao final do ano.

TABELA 1 : AREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MEDIO - CONFRONTO DAS ESTIMATIVAS SETEMBRO - OUTUBRO TOTAL NACIONAL.
MES: OUTUBRO/90

PRODUTOS AGRICOLAS	A R E A (h a)		P R O D U C Ã O (t)		R E N D I M E N T O M E D I O (K G / h a)	
	MES ANTERIOR	MES ATUAL	MES ANTERIOR	MES ATUAL	MES ANTERIOR	MES ATUAL
	VAR % ANTERIOR	VAR % ATUAL	VAR % ANTERIOR	VAR % ATUAL	VAR % ANTERIOR	VAR % ATUAL
TOTAL	47 234 189	47 157 364	-0.16	-	-	-
ALGODÃO ARBOREO (EM CAROÇO) (1)	519 942	517 723	-0.43	45 010	43 372	-3.64
ALGODÃO HERBACEO (EM CAROÇO)	1 386 573	1 385 489	-0.08	1 755 647	1 780 966	1.44
ARROZ (EM CASCA)	3 949 512	3 938 291	-0.28	7 456 539	7 433 885	-0.30
BATATA-INGLESA 1A SAFRA	92 343	92 343	-	1 264 354	1 264 354	-
BATATA-INGLESA 2A SAFRA	52 362	52 165	-0.38	670 076	666 938	-0.47
BATATA-INGLESA 3A SAFRA	14 493	13 488	-6.93	305 029	287 969	-5.59
CACAU (EM AMENDOA) (1)	677 716	677 680	-0.01	372 201	372 201	-
CAFÉ (EM COCO) (1)	2 920 833	2 917 678	-0.11	2 881 556	2 878 190	-0.12
CANA-DE-AÇUCAR (1)	4 300 194	4 299 630	-0.01	272 542 562	270 959 840	-0.58
CEBOLA	73 111	73 282	0.23	851 793	854 435	0.31
FEIJÃO (EM GRÃO) 1A SAFRA	2 483 379	2 484 104	0.03	1 096 305	1 096 379	0.01
FEIJÃO (EM GRÃO) 2A SAFRA	2 025 314	2 001 245	-1.19	957 099	935 019	-2.31
FEIJÃO (EM GRÃO) 3A SAFRA	172 602	206 180	19.45	200 654	198 009	-1.32
LARANJA (1) (2)	911 697	912 080	0.04	88 905 109	88 285 024	-0.70
MANDIOCA (1)	1 953 120	1 955 965	0.15	24 611 330	24 646 130	0.14
MILHO (EM GRÃO) 1A SAFRA	11 068 393	11 030 958	-0.34	21 034 520	20 993 941	-0.19
MILHO (EM GRÃO) 2A SAFRA	406 469	380 738	-6.33	370 372	359 984	-2.80
SOJA (EM GRÃO)	11 487 521	11 482 208	-0.05	19 960 714	19 910 319	-0.25
TOMATE	56 662	59 323	4.70	2 132 014	2 203 538	3.35
TRIGO	2 681 953	2 676 794	-0.19	3 797 197	3 452 305	-9.08

FONTE: IBGE/DPE/DEAGRO - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

(1) Área Destinada a Colheita.

(2) Produção em Mil Frutos e Rendimento Médio em Frutos/Ha.

TABELA 2 : AREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MEDIO - CONFRONTO DAS SAFRAS 1989
E DAS ESTIMATIVAS PARA 1990 - TOTAL NACIONAL

MES: OUTUBRO/90

PRODUTOS AGRICOLAS	AREA (ha)	COLHIDA safra 1989	PLANTADA safra 1990	VAR % safra 1989	OBTIDA safra 1989	ESPERADA safra 1990	VAR % safra 1989	OBTIDO safra 1989	ESPERADO safra 1990	VAR % safra 1989	RENDIMENTO MEDIO (Kg/ha)
TOTAL	51 766 247	47 157 364	-8.90		47 167	43 372	-8.05	76	84	10.53	
ALGODÃO ARBOREO (EM CAROÇO)	618 391	(1) 517 723	-16.28		47 167	43 372	-8.05	76	84	10.53	
ALGODÃO HERBACEO (EM CAROÇO)	1 493 733	1 385 489	-7.25		1 797 087	1 780 966	-0.90	1 203	1 285	6.82	
ARROZ (EM CASCA)	5 254 159	3 938 291	-25.04		11 029 804	7 433 885	-32.60	2 099	1 888	-10.05	
BATATA-INGLESA 1A SAFRA	87 981	92 343	4.96		1 095 285	1 264 354	15.44	12 449	13 692	9.98	
BATATA-INGLESA 2A SAFRA	52 713	52 165	-1.04		683 619	666 938	-2.44	12 969	12 785	-1.42	
BATATA-INGLESA 3A SAFRA	16 028	13 488	-15.85		350 430	287 969	-17.82	21 864	21 350	-2.35	
CACAU (EM AMENDOAS)	659 522	(1) 677 680	2.75		392 184	372 201	-5.10	595	549	-7.73	
CAFE (EM COCO)	3 041 387	(1) 2 917 678	-4.07		3 064 670	2 878 190	-6.08	1 008	986	-2.18	
CANA-DE-ACUCAR	4 067 696	(1) 4 299 630	5.70		252 290 181	270 959 840	7.40	62 023	63 019	1.61	
CEBOLA	72 835	73 282	0.61		789 945	854 435	8.16	10 846	660	7.51	
FEIJÃO (EM GRÃO) 1A SAFRA	2 624 348	2 484 104	-5.34		1 069 914	1 096 379	2.47	408	441	8.09	
FEIJÃO (EM GRÃO) 2A SAFRA	2 375 236	2 001 245	-15.75		1 038 932	935 019	-10.00	437	467	6.86	
FEIJÃO (EM GRÃO) 3A SAFRA	175 686	206 180	17.36		199 509	198 009	-0.75	1 136	960	-15.49	
LARANJA (2)	880 356	(1) 912 080	3.60		88 867 897	88 285 024	-0.66	100 945	96 795	-4.11	
MANDIOCA	1 880 094	(1) 1 955 965	4.04		23 616 442	24 646 130	4.36	12 561	12 600	0.31	
MILHO (EM GRÃO) 1A SAFRA	12 306 268	11 030 958	-10.36		25 730 939	20 993 941	-18.41	2 091	1 903	-8.99	
MILHO (EM GRÃO) 2A SAFRA	612 707	380 738	-37.86		858 928	359 984	-58.09	1 402	945	-32.60	
SOJA (EM GRÃO)	12 200 556	11 482 208	-5.89		24 051 673	19 910 319	-17.22	1 971	1 734	-12.02	
TOMATE	64 232	59 323	-7.64		2 173 278	2 203 538	1.39	33 835	37 145	9.78	
TRIGO (EM GRÃO)	3 282 319	2 676 794	-18.45		5 555 184	3 452 305	-37.85	1 692	1 290	-23.76	

FONTE: IBGE/DPE/DEAGRO - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.
(1) Área Destinada a Colheita.
(2) Produção em Mil Frutos e Rendimento Médio em Frutos/Ha.

TABELA 3 : PRODUÇÃO DE CEREJAS, LEGUMINOSAS E OLEAGINOSAS - COMPARAÇÃO ENTRE AS SAFRAS DE 1989 E 1990 - BRASIL, CENTRO-SUL E NORTE-NORDESTE

MES: OUTUBRO/90

PRODUTOS AGRICOLAS	P R O D U C A O (t)		V A R %		S A F R A / 8 9		S A F R A / 9 0		V A R %	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
ALGODÃO HERBACEO (1)	1 113 467	1 132 926	1.75	144 493	113 749	-21.28	1 257 960	1 246 676	-0.90	
AMENDOIM (EM CASCA) 1A SAFRA	113 260	108 047	-4.60	706	674	-4.53	113 966	108 721	-4.60	
ARROZ (EM CASCA)	8 329 601	6 100 495	-26.76	2 700 203	1 333 390	-50.62	11 029 804	7 433 885	-32.60	
FEIJÃO (EM GRÃO) 1A SAFRA	735 050	830 855	13.03	334 864	265 524	-20.71	1 069 914	1 096 379	2.47	
MAMONA	26 672	24 715	-7.34	101 407	88 602	-12.63	128 079	113 317	-11.53	
MILHO (EM GRÃO) 1A SAFRA	23 669 823	20 067 630	-15.22	2 061 116	926 311	-55.06	25 730 939	20 993 941	-18.41	
SOJA (EM GRÃO)	23 327 547	19 651 127	-15.76	724 126	259 192	-64.21	24 051 673	19 910 319	-17.22	
SUBTOTAL	57 315 420	47 915 795	-16.40	6 066 915	2 987 442	-50.76	63 382 335	50 903 238	-19.69	
ALGODÃO ARBOREO (1)	-	-	-	33 016	30 360	-8.05	33 016	30 360	-8.05	
AMENDOIM (EM CASCA) 2A SAFRA	30 470	23 864	-21.68	5 747	4 850	-15.61	36 217	28 714	-20.72	
AVEIA (EM GRÃO)	228 208	241 155	5.67	-	-	-	228 208	241 155	5.67	
CENTEIO (EM GRÃO)	4 007	5 075	26.65	-	-	-	4 007	5 075	26.65	
CEVADA (EM GRÃO)	247 502	197 181	-20.33	-	-	-	247 502	197 181	-20.33	
FEIJÃO (EM GRÃO) 2A SAFRA	582 896	591 967	1.56	456 036	343 052	-24.78	1 038 932	935 019	-10.00	
FEIJÃO (EM GRÃO) 3A SAFRA	199 509	197 599	-0.96	-	410		199 509	198 009	-0.75	
MILHO (EM GRÃO) 2A SAFRA	676 046	320 000	-52.67	182 882	39 984	-78.14	858 928	359 984	-58.09	
SORGO (EM GRÃO)	211 925	217 103	2.44	23 914	11 068	-53.72	235 839	228 171	-3.25	
TRIGO (EM GRÃO)	5 555 184	3 452 305	-37.85	-	-	-	5 555 184	3 452 305	-37.85	
SUBTOTAL	7 735 747	5 246 249	-32.18	701 595	429 724	-38.75	8 437 342	5 675 973	-32.73	
TOTAL	65 051 167	53 162 044	-18.28	6 768 511	3 417 166	-49.51	71 819 678	56 579 211	-21.22	

FONTE: IBGE/DPE/DEAGRO - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.
(1) Caroco de alandão

TABELA 4:

PROGNOSTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA
NA REGIÃO CENTRO-SUL E EM RONDONIA

CONFRONTO ENTRE AS ÁREAS PLANTADAS E COLHIDAS NA SAFRA DE 1990 E A ÁREA
PLANTADA OU A PLANTAR PARA A SAFRA 1991, DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS

OUTUBRO / 90

P R O D U T O S A G R I C O L A S	Á R E A (h a)						V A R I A Ç Ã O %
	SAFRA / 90	SAFRA / 91	PLANTADA OU A PLANTAR SAFRA / 91	PLANTADA 2 * COLHIDA 3 *	PLANTADA 4 * COLHIDA 5 * (4/3) 6	SAFRA / 90	
TOTAL	29 376 663	28 747 266	28 393 033	-3.35	-1.23		
ALGODÃO HERBACEO (EM CAROÇO)	1 047 705	1 043 150	1 076 590	2.76	3.21		
AMENDOIM (EM CASCA) 1A SAFRA	61 190	61 190	62 884	2.77	2.77		
ARROZ (EM CASCA)	2 813 410	2 550 140	2 735 495	-2.77	7.27		
BATATA-INGLESA 1A SAFRA	92 546	92 343	91 713	-0.90	-0.68		
CANA-DE-AÇUCAR (1)	2 810 444	2 807 043	2 808 302	-0.08	0.04		
CEBOLA	66 899	65 729	64 961	-2.90	-1.17		
FEIJÃO (EM GRÃO) 1A SAFRA	1 557 538	1 421 116	1 559 891	0.15	9.77		
FUMO (EM FOLHA)	241 990	238 498	247 710	2.36	3.86		
MAMONA	19 382	19 242	18 440	-4.86	-4.17		
MANDIOCA (1)	533 482	533 430	540 690	1.35	1.36		
MILHO (EM GRÃO) 1A SAFRA	8 908 409	8 797 041	9 587 471	7.62	8.99		
SOJA (EM GRÃO)	11 186 090	11 080 983	9 561 482	-14.52	-13.71		
TOMATE	37 578	37 361	37 404	-0.46	0.12		

(1) AREA DESTINADA A COLHEITA

ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS

JANEIRO A SETEMBRO DE 1989 E DE 1990

	Q U A N T I D A D E	TAXAS DE CRESCIMENTO (%)
ABATE DE ANIMAIS E PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	SET/89 : AGO/90 : SET/90 : JAN-SET/89 : JAN-SET/90	SET/90 : SET/90 : JAN-SET/90 : SET/89 : SET/90 : JAN-SET/89
LEITE (1) (2)	681 687 709 985 735 064 6 400 253 6 882 252	7,8 3,5 7,5
Pasteurizado		
Vendido ao público	280 338 293 468 288 111 2 508 670 2 623 348	2,8 -1,8 4,6
Industrializado na empresa	300 428 319 736 346 947 2 910 081 3 252 625	15,5 8,5 11,8
Resfriado ou Não		
Vendido ao público	163 161 138 1 735 1 268	-15,3 -14,3 -26,9
Vendido a outras empresas	100 758 96 620 99 868 979 767 1 005 011	-0,9 3,4 2,6
ABATE (3)		
Bovinos	208 784 235 291 195 583 2 092 056 2 097 944	-6,3 -16,9 0,3
Suínos	57 421 68 820 61 453 469 480 532 367	7,0 -10,7 13,4
Aves	118 878 135 544 125 349 1 026 805 1 115 973	5,4 -7,5 12,6
OVOS (4) (5)	- - 567 862 607 510	- - 7,0

FONTE: IBGE/DPE/DEAGRO - Pesq. Mensal de Abate de Animais, Pesq. Mensal de Leite e Produção de Ovos de Galinha

- (1) Leite beneficiado e industrializado.
- (2) Mil litros.
- (3) Peso total das carcaças (t).
- (4) Jan-Jun.
- (5) Mil dúzias.